

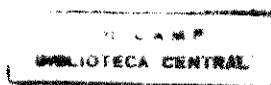
EDMIR MISSIO

DE L'ALLEMAGNE DE MME DE STAËL
APRESENTAÇÃO E TRADUÇÃO DE TEXTOS ESCOLHIDOS

Dissertação apresentada ao Curso de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teoria Literária.

Orientador: **PROF. DR. LUIZ CARLOS DA SILVA DANTAS** *LC*

Unicamp
Instituto de Estudos da Linguagem
1997



UNIDADE	BC
N.º CHAMADA	M691d
V.	Ex.
TOMBO BC	32065
PROC.	281/97
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	15/11/97
N.º CPD	

CM-00102566-8

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

M691d Missio, Edmir
De l'Allemagne de Mme. de Staël: apresentação e tradução de textos escolhidos / Edmir Missio. - - Campinas, SP: [s.n.], 1997.

Orientador: Luiz Carlos da Silva Dantas
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Literatura - História e crítica - França - sec. XIX. 2. Mulheres na literatura. I. Dantas, Luiz Carlos da Silva. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

EDMIR MISSIO

DE L'ALLEMAGNE DE MME DE STAËL
APRESENTAÇÃO E TRADUÇÃO
DE TEXTOS ESCOLHIDOS

1997

Dantas

Prof. Dr. Luiz Carlos da Silva Dantas - Orientador

Jeanne Marie Gagnebin

Prof^a. Dr.^a Jeanne Marie Gagnebin de Bons

Rodolfo

Prof. Dr. Rodolfo Ilari

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por EDMIR MISSIR

e aprovada pela Comissão Julgadora em
29,08,97.

Prof. Dr. Luiz Carlos da Silva Dantas.

Agradeço,

ao Prof. Luiz Dantas pela paciência e atenção despendidas na orientação;

aos membros da Banca de Qualificação: Prof^ª. Glória Carneiro e, em especial, Prof^ª. Jeanne Marie pela disposição simpática e pontualidade das "dicas";

aos membros da Banca de Defesa: ao Prof. Rodolfo Ilari, novamente à Prof^ª. Jeanne Marie, e à Prof^ª. Vera Chalmers;

à CAPES, pela ajuda financeira sem a qual este trabalho não seria realizado;

às fabulosas Rose e Elisabeth da Secretaria também pelo "apoio técnico";

e, por fim, a uma legião de amigos de "boa vontade"¹, cujos ouvidos estiveram voltados às minhas lamentações nestes dois anos e meio de mestrado, e de cuja boca recebi muitos estímulos; e, em especial, àqueles que contribuíram literalmente com as próprias mãos para a realização deste trabalho: Cláudia, Ederval, Elissandra, Ellen, Isilda, Jô, Marta e Mirian.

¹ A saber, Alcir, Ana Cláudia, Andrea Altino, Andrea Copeliovitch, Andrea Fru, Armando, Beto, Célia, Cristiane, Débora, Edson, Eliane, Emerson, Erminia, Euler, Fábio, Fabíola, Flávia, Jessica, Josué, Hilda, Ilka, Leandra, Luciana, Marco, Marcos, Nivaldo, Paula, Paulo, Regina, Rita, Rose, Rui, Selma, Taís, Zé Elias.

SUMÁRIO

SINOPSE	05
INTRODUÇÃO	06
I. UMA CRÍTICA LITERÁRIA "PRÉ-ROMÂNTICA"	09
II O LUGAR DOS ROMANCES	24
III A PERSEGUIÇÃO POLÍTICA. GÊNESE DA ALEMANHA STAELIANA	29
IV <i>DE L'ALLEMAGNE</i>: ESPAÇO INTERMEDIÁRIO	36
<i>DA ALEMANHA (Excertos)</i>	
PRIMEIRA PARTE - DA ALEMANHA E DOS COSTUMES ALEMÃES.....	65
SEGUNDA PARTE - A LITERATURA E AS ARTES.....	75
TERCEIRA PARTE - A FILOSOFIA E A MORAL.....	95
QUARTA PARTE - DA RELIGIÃO E DO ENTUSIASMO.....	102
SYNOPSIS	112
BIBLIOGRAFIA	113

SINOPSE

A obra *De l'Allemagne*, de Mme de Staël, editada em 1810, divulgou pela primeira vez e colocou ao alcance de um amplo público, na França e demais povos latinos do século XIX, a literatura, a filosofia e as idéias que circulavam nos círculos intelectuais mais restritos da Alemanha. Este livro, que provocará uma revolução nos espíritos e influenciará de modo notável as gerações seguintes, expõe os principais temas que deverão despontar no Romantismo.

Esta dissertação contém uma apresentação da obra e a tradução de um certo número de capítulos ou excertos de capítulos previamente comentados, cujo objetivo seria o de evocar o percurso intelectual da autora. Na realidade, a tese faz a apresentação das primeiras obras de Mme de Staël, de sua herança suíça e francesa, de sua crítica e distanciamento do espírito das Luzes, de seus grandes romances e de suas relações como poder político, de modo a melhor compreender as questões envolvidas em *De l'Allemagne* e seu contexto histórico.

A tradução de passagens essenciais de *De l'Allemagne* tem por base a seleção dos excertos da edição francesa da Larousse, permitindo aos leitores brasileiros um contato mais “direto” com as idéias de Mme de Staël, e uma reflexão sobre as questões de nosso próprio movimento romântico.

INTRODUÇÃO

Planejado, escrito e editado no primeiro decênio do século XIX, *De l'Allemagne* foi a última grande obra de Madame de Staël (1766-1817) lançada em vida, responsável pela ampla divulgação da cultura germânica na França e demais países latinos, em especial de sua literatura e filosofia do século XVIII.

Com um caráter compósito, a obra reúne à exposição histórico-analítica, relatos de encontros da autora com filósofos e literatos alemães, cujas obras, além de comentadas, aparecem por vezes resumidas ou parcialmente traduzidas.

A apresentação de *De l'Allemagne* aqui realizada, compõe-se igualmente da tradução de alguns de seus capítulos e trechos de capítulos previamente comentados. Para melhor situar esta obra no conjunto do pensamento da autora, faz-se ainda uma retrospectiva de sua crítica literária, incluindo uma passagem por dois de seus principais escritos de ficção, tomados como textos exemplares e complementares à sua crítica.

As incursões na vida da autora, seja em questões afetivas seja em questões político-sociais e religiosas que a envolveram, estão restritas à sua pertinência para um melhor reconhecimento do pensamento staeliano, dedicando-se uma particular atenção ao período que antecede e prepara o livro *De l'Allemagne*.

Nos comentários à obra, tem-se, a princípio, uma análise do método empregado por Mme de Staël na abordagem e exposição de seu objeto de estudos, a "Alemanha"; em seguida, em acordo com a divisão interna do próprio livro, são expostas algumas das questões que, em maior ou menor grau, gravitam em torno da noção de Romantismo: o interesse pelas relações entre sociedade, Estado e literatura; o surgimento da contraposição clássico/romântico; a "sacralização" do gênio poético; a valorização da liberdade da imaginação na representação romanesca; a ampliação da influência da história e da filosofia sobre a literatura moderna; o peso da moral e da religiosidade; e, por fim, o papel das noções de entusiasmo, infinito e natureza. Todas estas questões podem ser encontradas na seleção de textos traduzidos, podendo ser acompanhadas na mesma seqüência de abordagem.

O "Pré-romantismo francês", no qual Mme de Staël está inserida, compreende um período histórico de agudas transformações sociais, políticas, econômicas e culturais na Europa, com a concomitância de muitos "ismos": Neoclassicismos, Romantismos, Iluminismos... Trabalhar com um autor situado nessa encruzilhada é uma tarefa cuja perigosa amplitude, à medida em que os limites dos conceitos implicam muitos escapes a uma impossível homogeneidade, pede no entanto uma submissão momentânea a generalizações tradicionais, ao mesmo tempo em que são expostas algumas de suas falhas.

O próprio conceito de "Pré-romantismo" deriva de um anseio historicista "romântico" de estabelecimento de periodizações, que, ainda que voltado a uma melhor compreensão das épocas, acaba por se trair ao propiciar a cristalização de uma unidade nem sempre tão visível. É importante lembrar que a própria criação do termo Romantismo se deu justamente com Mme de Staël em *De l'Allemagne*, além de August Schlegel, Sismondi e Charles de Villers em suas respectivas e contemporâneas obras.

Por meio da retrospectiva inicial das obras de Mme de Staël, busca-se trazer subsídios para evidenciar sua posição intermediária entre a sensibilidade romântica de origem rousseauiana, o "período pré-romântico" alemão que se iniciou embebido desta sensibilidade¹ e a questão da "reinterpretação" ou "nova interpretação" da Antigüidade pelo século XVIII²; reinterpretação notadamente resultante do resgate humanista que se propagou, ainda que de modo diferenciado, pela França e Alemanha.

Esta posição intermediária, como se verá, resulta de um sistema de pensamento, caracterizado pela conciliação dos "opostos", perceptível desde a primeira obra de crítica literária da autora, com a união entre razão e sensibilidade. Com o recurso a este sistema Mme de Staël demonstra em princípio uma proximidade para com o pensamento alemão do século XVIII, uma vez que para os alemães, a relação entre a literatura "clássica" e "romântica", por exemplo, não chegou a ser antitética; além disso, note-se que tanto Mme de Staël quanto os escritores da

¹Estas idéias de Rousseau encontraram profunda repercussão no espírito dos "gênios" do chamado Pré-Romantismo alemão, o *Sturm Und Drang*. Esses jovens "gênios" levam a sério a oposição estabelecida por Rousseau entre natureza e cultura, exagerando-a a ponto de se entregarem a uma rebelião frenética a todos os valores estabelecidos". Cf. no ensaio de Gerd BORNHEIM, "Filosofia do Iluminismo", in: *O Romantismo*, (org. J. Guinsburg), SP, Perspectiva, 1985, p. 81.

²Bronislaw BAZCKO et autres. Modèles antiques et "Préromantisme" in: *Le Préromantisme: hypothèque ou hypothèse?*, Paris, Klincksieck, 1975, p.395.

Aufklärung e do *Sturm und Drang* estavam envoltos pela "influência sentimental" de Richardson e religiosa de Rousseau³.

Embora *De l'Allemagne* exponha uma grande proximidade da autora em relação aos românticos, não se vê ali uma condenação em bloco da produção Iluminista, cuja crença de um aperfeiçoamento do espírito humano é mantida. Suas críticas estão centradas em uma veemente refutação da moral materialista do século XVIII francês, defendidas notadamente pelos Enciclopedistas.

Situada assim a meio-termo entre o Iluminismo e o Romantismo, Mme de Staël, traz em suas obras a defesa das liberdades política e poética, baseando-se num pensamento conciliador, compreensivo, tendo sido uma das primeiras mulheres de ampla influência intelectual sobre o Ocidente, destacando-se por sua atuação em várias frentes, enquanto romancista, "pensadora", "crítico" literário, historiadora, ou ainda, para alguns, "proto-feminista".

³Não foram Defoe nem Fielding que se tornaram modelos da arte romanesca alemã do século XVIII, mas sim o sentimentalismo de Richardson e o afastamento irônico-sentimental da representação da realidade em Laurence Sterne." Hans MAYER, "Posições fundamentais: mundo exterior e mundo interior", in: *Literatura e Sociedade Burguesa na Alemanha (séculos XVIII e XIX)*, Lisboa, Apaginastantas, 1988, pp. 76-77.

Segundo AYRAULT, com Rousseau tem-se a valorização do "culto interior", "do coração", e a ampliação da liberdade de escolha entre o bem e o mal, livrando o Homem de sua antiga predestinação e da arbitrariedade divina. Sobre a influência da religiosidade rousseauiana no *Sturm und Drang* (especialmente Herder, Goethe e Lenz), ver AYRAULT, Roger. "Rousseau et la religion du Sturm und Drang", in: *Genèse du romantisme allemand: situation spirituelle de l'Allemagne dans la deuxième moitié du XVII siècle*, v. II, Paris, Aubier, 1961, pp. 472-481.

I. UMA CRÍTICA LITERÁRIA "PRÉ-ROMÂNTICA"

Les fictions sont envoyées pour séduire; et plus le résultat auquel on voudroit qu'elles tendissent seroit moral ou philosophique, plus il faudroit les parer de tout ce qui peut émouvoir, et conduire au but sans l'indiquer d'avance.

*Essai sur les Fictions, in:
Oeuvres complètes, t. II,
Mme de Staël, p. 177.*

A HERANÇA SUÍÇA

Nascida em Paris, em 1766, Annie-Luise-Germaine Necker - futura Mme de Staël - não só recebeu a influência direta do Iluminismo e da Revolução Francesa, como também se tornou a grande porta-voz do cosmopolitismo Iluminista e de ideais libertários no período totalitário e de nacionalismo exacerbado do Império de Napoleão.

Germaine Necker era filha única de Jacques Necker, famoso banqueiro proveniente da República de Genebra cuja carreira nos negócios e na vida política da corte de Paris elevou-o à singular posição de Ministro das Finanças de Luís XVI em 1788. M. Necker era de origem suíça e calvinista, mas de um calvinismo sem puritanismo ou dogmatismo⁴, assim como sua esposa Suzanne Curchod, que também teve notável destaque na sociedade parisiense. Mme Necker muito contribuiu para a ascensão política do marido promovendo um dos últimos grandes salões literários do século XVIII, freqüentado, entre outros, por escritores tais como os Enciclopedistas, Diderot, D'Alembert, Helvétius, assim como o escritor e jornalista Suard, o naturalista Buffon, o poeta dramático e crítico La Harpe, defensor das regras clássicas, os escritores Marmontel e Bernardin de Saint-Pierre, além de Mme du Deffand e Mlle de Lespinasse, que também mantiveram famosos salões ficando conhecidas também por suas correspondências.

⁴Roland MORTIER. Philosophie et religion dans la pensée de Madame de Staël. *Rivista di letteratura moderna e comparate*. Vol. 20, fasc. 3-4, set.-dic., 1967, p. 166.

Desde os onze anos de idade, Germaine já figurava nas recepções promovidas por sua mãe, crescendo num meio onde se misturavam as discussões político-literárias e os altos negócios, assistindo a um tipo de intercâmbio cujo ecoaria por todo o seu pensamento, especialmente em *De l'Allemagne*.

Além de ter sido cercada desde cedo por um rico ambiente intelectual, Mlle Necker teve uma formação eclética: uma sólida instrução religiosa, o aprendizado de latim e inglês, e a leitura iniciada, provavelmente por volta dos doze anos, de autores como Montesquieu, Voltaire e Rousseau⁵; autores de grande influência ao longo de toda a sua obra.

Rousseau, o filósofo genebrino, ser-lhe-ia especialmente caro, ainda que cercado de reservas por parte já de sua mãe, Mme Necker. Segundo Jean Roussel - citando a própria Mme Necker por meio de suas *Mélanges e Nouveaux Mélanges*, publicadas postumamente, isto é, após 1794 -, "Mme Necker considerava o estilo de Rousseau uma 'máscara', fazendo prova não só de uma grande vigilância a respeito de Rousseau, mas às vezes de uma verdadeira animosidade"⁶. Assim, apesar de admirar muito o *Emílio*, Mme Necker não chega a aplicar a Germaine as recomendações com relação à educação ali contidas: enquanto Rousseau propunha que o jovem Emílio fosse mantido inculto até seus doze anos de idade a fim de não se lhe deformar o espírito, a Mlle Necker, nesse mesmo período, foram proporcionados "os mais variados conhecimentos, desde as matemáticas até a teologia passando pelas línguas vivas e mortas, a história e a geografia, sem esquecer as lições de dança, postura e declamação"⁷.

Diferentemente da via corrente na França da época, as Luzes e a religião, na concepção educacional da família Necker, não eram incompatíveis, sendo mesmo complementares. Esse convívio possível estava em acordo antes com o que ocorria na Suíça romanda do que na França. Sendo mais receptivos às influências, os protestantes suíços eram simpáticos a Voltaire, Rousseau, assim como aos Enciclopedistas⁸.

Ao se referir à Suíça romanda, em seu ensaio "O Afastamento Romanesco", Starobinski atenta para uma "posição de observadores" dos escritores dessa região

⁵Cf. em Simone BALAYÉ. *Madame de Staël. Lumières et liberté*. Paris, Klincksieck, 1979, p. 13.

⁶Cf. à p. 333 do cap. I, "La Critique de Madame de Staël", do livro de Jean ROUSSEL, *Jean-Jacques Rousseau en France Après la Révolution 1795-1830. Lectures et Légende*. Paris, Armand Colin, 1972.

⁷Cf. em Ghislain de DIESBACH, *Madame de Staël*, Paris, Libr. Académique Perrin, 1983, p. 31. Trata-se aqui da mais ampla biografia de Staël até o momento.

⁸Roland MORTIER. *Op. cit.*, p. 165.

E ainda, segundo Paul BÉNICHOU, ... "as sementes do espiritualismo paterno preservam-na de um excesso de filosofismo". Note-se que em 1788, M. Necker lançava seu livro *De l'importance des Idées Religieuses*. Cf. em *Le sacre de l'écrivain. 1750-1830*, 3ª ed., José Corti, 1973, p. 228 e nota 131.

para com as potências européias que "fazem a história"; possibilitando-lhes uma visão simultânea sobre várias culturas. Rousseau teria sido o primeiro escritor a viver essa condição⁹, condição também buscada por Mme de Staël.

Entretanto, se ambos se aproximam nesta condição, distanciam-se, por exemplo, marcadamente em suas relações para com a vida em sociedade, espaço privilegiado por Mme de Staël que manteve concorridos salões em Paris. A forte influência rousseauiana estende-se antes à preocupação "psicológica" e "sociológica" da crítica literária staeliana, assim como ao viés pedagógico-filosófico de suas ficções, estando imbuídos da mesma defesa de uma moral cristã não dogmática, assim como de uma visão mais ampla e conciliatória entre a religiosidade e o desenvolvimento do espírito filosófico¹⁰.

ENSAIOS CRÍTICOS E LITERÁRIOS

Manifestando desde cedo um grande interesse pelo teatro e pela criação literária, Mlle Necker, aos 20 anos, já havia produzido algumas obras de ficção: a comédia *Sophie ou les sentiments secrets*, as tragédias *Jane Gray* e *Montmorency* (não impressa), e três novelas, *Adélaïde et Théodore*, *Histoire de Pauline* e *Mirza ou Lettre d'un voyageur*. Escritas entre 1785-86, as duas primeiras foram publicadas em 1790, enquanto que as novelas seriam lançadas em 1795, agrupadas sob o título de *Recueil de morceaux détachés*. Em relação às novelas, a própria Mme de Staël "confessou" reconhecê-las como *productions légères* cujo único mérito estava na "descrição de alguns sentimentos do coração"¹¹.

Aos vinte anos - estamos em 1786 -, é assinado seu contrato de casamento com Eric-Magnun, Barão de Staël-Holstein, futuro embaixador da Suécia em Paris, dezessete anos mais velho que Germaine e que a cortejava desde 1778 quando então tinham um e outro, respectivamente vinte e nove e doze anos¹². Para esta união muito

⁹Cf. em Jean STAROBINSKI, *A Transparência e o Obstáculo. Seguido de Sete Ensaios sobre Rousseau*, SP, Companhia das Letras, 1991, p. 344.

¹⁰*Au surplus, on oublie trop, en France, que le camp des défenseurs du christianisme compte un grand esprit et un écrivain de génie, Jean-Jacques Rousseau, laissé d'ordinaire en dehors de la question, parce qu'il n'est pas catholique, et qu'il met en oeuvre une liberté d'esprit que des historiens formés dans une atmosphère catholique jugent incompatible avec le christianisme.* Cf. Georges GUSDORF, *Les Sciences Humaines et la pensée occidentale. Dieu, la nature, l'homme au siècle des lumières*, vol. V, Paris, Payot, 1972, p. 40.

¹¹Cf. no prefácio da Sra. NECKER DE SAUSSURE, à obra *Dix Années d'Exil*, publicada no Brasil sob o título *Memórias*, RJ, ed. Panamericana, s/d, p. 24.

¹²Desta união nasce Gustavine que contudo falece logo em 1789.

pesou o título de nobreza e sua origem protestante, quesitos indispensáveis para os Necker.

Sob o título de Mme de Staël, Germaine Necker desponta enquanto escritora, com sua primeira obra de destaque, que, diversamente de suas obras anteriores, se dá no campo da crítica, as *Lettres sur les écrits et le caractère de Jean-Jacques Rousseau*, publicadas em 1788¹³.

Com as *Lettres*, a autora inicia sua defesa de um valor funcional - educativo - da obra literária, valorizando-a a partir de sua capacidade de provocar no leitor uma interrogação sobre si mesmo, servindo de estímulo ao pensamento crítico, especialmente à autocrítica, favorável sobretudo ao aperfeiçoamento do espírito. O valor literário não estaria na 'simples' narração de acontecimentos externos mas na revelação interna.

Apesar da imensa admiração por Rousseau, Mme de Staël não deixaria de criticá-lo, numa adesão parcial a suas idéias e numa valorização maior do caminho, do exercício do pensamento rousseauiano do que de seu resultado final:

"Ele gostaria de levar os homens a um tipo de estado cuja idéia é dada apenas pela fábula da idade de ouro, igualmente distante das inconveniências da barbárie e da civilização. Este projeto sem dúvida é uma quimera; mas os alquimistas, ao buscarem a pedra filosofal, descobriram segredos verdadeiramente úteis. O próprio Rousseau, ao se esforçar para atingir o conhecimento da felicidade perfeita, encontrou em seu caminho várias verdades importantes."¹⁴

Destaque-se também a crítica ao modelo feminino defendido nas obras *Nova Heloísa e Emílio*, nas quais Rousseau afirma uma incapacidade da mulher em "'pintar' a paixão com calor e verdade", além de encorajá-las em "sua inferioridade em outros aspectos", ao invés de inspirá-las pelas "virtudes que os homens não têm"¹⁵.

Trata-se de ampliar o alcance das Luzes pela defesa do respeito às mulheres, em especial à sua capacidade intelectual, defesa que também será o mote de seus dois

¹³Segundo Jean ROUSSEL, *Op. cit.*, pp. 317-318: "Julgar Rousseau nesta época era inserir-se em um jogo social muito ativo [...] o meio intelectual encontra-se então em uma espécie de efervescência ao tema de Rousseau [...] agitado pela iminente aparição das *Confissões*," sendo que as *Lettres* de Staël refletiriam as conversas, discussões e querelas; como que numa justa de salão; "daí o início dos parágrafos sem preocupação com ligações, por um simples: 'reprova-se em Rousseau'."

Lembre-se ainda que a própria carta é um veículo para "conversas" por escrito.

¹⁴Cf. nas *Lettres sur les écrits et le caractère de Jean-Jacques Rousseau*, in: *Oeuvres complètes de Mme la Baronne de Staël*, t. I, Paris, Treuttel e Würtz, 1820, p.13.

¹⁵Segundo a própria Mme. de Staël. *Idem ibidem*, respectivamente, p. 22 e p. 56.

futuros romances, os quais se apresentam, no conjunto de sua obra, como exemplares e complementares aos escritos teóricos, tais como os de seu grande mestre, Rousseau.

O valor das *Lettres sur J.-J. Rousseau* só foi resgatado há poucos anos, primeiramente por George Poulet, que lhe aponta um caráter pioneiro por colocar no sentimento, na admiração pelo outro, o motivo do auto conhecimento, através do reconhecimento de semelhanças e diferenças em relação ao outro. À simpatia inicial do leitor seria acrescentada a ação crítica como tomada de consciência desta união, estabelecendo-se uma similaridade "ao menos potencial entre o ser que se é e o ser que se admira"¹⁶. Ainda segundo Poulet, como que numa intriga amorosa feliz, a identificação surgiria como o ponto culminante da felicidade mas não do pensamento crítico. Este só se aprofundaria no distanciamento, na desunião, levando a uma relação intrínseca entre a reflexão e o sofrimento.

Seria com base nesta relação última que Mme de Staël concederia um maior valor à poesia melancólica, poesia que para ela estaria envolta em um sentimento mais apropriado também à filosofia. Por este pressuposto, ela desmereceria os gregos frente aos neoclássicos em *De la Littérature*¹⁷, e afirmaria um caráter filosófico próprio aos alemães em *De l'Allemagne*. Tratava-se de não negar o valor do passado, de gregos e neoclássicos, encontrando-lhes um lugar e um valor devidos, ao mesmo tempo em que se buscava abrir espaço para as novas produções literárias, assim como para novas relações político-sociais e religiosas.

Ainda segundo Poulet, ao combinar melancolia e entusiasmo, num encontro incompatível em "todos os outros poetas de seu tempo", Mme de Staël teria escapado de uma pura nostalgia do passado, de uma atitude escapista ou passadista. Os eventuais retornos ao passado se dariam em "relação ao futuro"¹⁸, voltada como estava à busca de novos caminhos para a literatura e a sociedade na França.

Jean Starobinski foi outro crítico da "escola de Genebra" que também atentou para o caráter inovador das *Lettres*, que, segundo ele, promoveram, ainda que "de um modo rudimentar", um método crítico baseado na exegese psicológica.

Num ensaio em que discute o surgimento de um novo princípio de autoridade na crítica literária francesa do século XVIII, Starobinski retoma a análise de Poulet. Ali a crítica staeliana é situada em função da inovação rousseuniana, enquanto uma

¹⁶Georges POULET, "Madame de Staël" in: *La conscience critique*, José Corti, 1986, 3ª ed., p. 16.

¹⁷"Os antigos eram animados por uma imaginação entusiasta, cuja meditação não tinha analisado as impressões." Cf. à p. 50, vol I, de *De la Littérature*, ed. crítica de Van Tieghem.

Em *De la Littérature*, Mme. de Staël transforma a imaginação e o sentimento em categorias que possibilitam a manutenção da idéia de perfectibilidade na passagem da literatura antiga para a moderna, reputando aos gregos uma insuperável perfeição das idéias.

¹⁸G. POULET, *Madame de Staël*, in: *La pensée indéterminée*, t. I, Paris, PUF, 1985, pp. 244-248.

resposta imposta pelo próprio Rousseau que, instaurando um novo tipo de romance, prevê e neutraliza, em seu prefácio à *Nova Heloísa*, as possíveis críticas tradicionais do gosto e das regras poéticas. É apontado ainda um caráter inovador de Mme de Staël também no combinar a forma epistolar ao gênero retórico do elogio, num tipo de comentário que "prefigura (freqüentemente de longe, é verdade) a crítica mais recente que visa tomar a essência de uma obra ou de um pensamento"¹⁹. Contudo, para Starobinski, o peso da inovação da crítica staeliana estaria "concentrado" na não submissão "da literatura a um critério, religioso ou estético, que lhe seria exterior", descobrindo uma autoridade "(a 'liberdade') ao nível da própria origem da obra literária que será o critério aplicado à realidade histórica do mundo"²⁰.

Em contrapartida com a exegese individual protestante da Bíblia, fundamentava-se com as *Lettres* a exegese individual da obra literária²¹, passando-se a valorizar a literatura enquanto função social e o papel do leitor enquanto crítico, o que se dava concomitantemente, no plano político-social francês, à valorização do indivíduo enquanto cidadão.

Talvez seja possível acrescentar ainda que para um tipo de romance - o filosófico - que serve de veículo de idéias e discussões filosóficas, fez-se uma crítica também de idéias e da forma vinculada à intenção, ao plano de sedução para essas idéias e modelos; fez-se necessário uma crítica que levasse em conta o aspecto retórico essencial da persuasão, calcada na criação literária que predispõe o público por meio de um laço de simpatia estabelecida no apelo ao sentimento, terreno propriamente literário.

A inerente discussão moral sobre as obras literárias toma maiores contornos, com a crescente influência social dos romances da época (notadamente com a obra de Rousseau)²², que buscavam agir educativamente sobre o público.

Daí Mme de Staël analisar a obra de Rousseau destacando-lhe o caráter persuasivo - necessário para se estabelecer uma identificação com o leitor e induzi-lo a um desejo de compreensão de si e logo da realidade à sua volta -, em detrimento da verificação de "incorreções" em relação ao gosto e às regras poéticas mas antes em relação ao plano da obra.

¹⁹Cfr. Jean STAROBINSKI, *Critique et Principe d'autorité (Madame de Staël et Rousseau)*, in: *Le Prérromantisme: Hypothèque ou Hypothèse?* Paris, Klincksieck, 1975, pp. 326-343. Para a citação feita pp. 331-332.

²⁰*Idem ibidem*, p.337.

²¹*Idem ibidem*, p.341.

²²Robert DARNTON, *Os leitores respondem a Rousseau: A fabricação da sensibilidade romântica*, In: *O Grande Massacre de Gatos e outros episódios da história cultural francesa*, 2ª ed., RJ, Graal, 1986, pp. 277-328.

O valor da função "educativa" do romance - que na época tinha nas mulheres um público crescente -, e conseqüentemente da função político-social do escritor, além das ambições pessoais pautadas no interesse pelo equilíbrio social e liberdade de expressão, levou Mme de Staël a produzir ainda algumas análises sobre os acontecimentos do período, tomado pelas convulsões da Revolução Francesa e do Terror. Assim, em 1793, publica *Réflexions sur le procès de la reine*, seguida de *Réflexions sur la paix* (1794) e *Réflexions sur la paix extérieure* em 1795, quando volta a lançar outro estudo sobre literatura, o *Essai sur les Fictions*, lançado junto de suas novelas. Este ensaio seria editado no ano seguinte por Schiller, na revista *Die Hören*, em tradução feita por Goethe²³.

Segundo Robert de Luppé, este trabalho de Mme de Staël ultrapassa os de La Harpe e Marmontel, o quais não passavam de enumerações críticas de romances²⁴.

A imaginação já desponta ali como elemento central do pensamento staeliano, em consonância com o Romantismo emergente além Reno, tendo seu valor afirmado por sua utilidade na formação moral através das ficções e de sua pretensa necessidade para a felicidade humana:

*Il n'est point de faculté plus précieuse à l'homme que son imagination; la vie humaine semble si peu calculée pour le bonheur, que ce n'est qu'à l'aide de quelques créations, de quelques images, du choix heureux de nos souvenirs, qu'on peut rassembler des plaisirs épars sur la terre, et lutter, non par la force philosophique, mais par la puissance plus efficace des distractions, contre les peines de toutes les destinées.*²⁵

A sedução das ficções é útil para levar o leitor à virtude na identificação dos sentimentos. Mantém-se aqui sua contínua preocupação com o efeito da literatura sobre o público, em especial de certo tipo de romance moderno. Para tanto, Mme de Staël apresenta uma divisão das ficções em três grupos: as maravilhosas e alegóricas, as históricas, e aquelas em que tudo é ao mesmo tempo "inventado e imitado, em que nada é verdade, mas onde tudo é verossímil"²⁶.

De acordo com suas premissas, a autora censura às ficções maravilhosas e/ou alegóricas (cavalarias e comédias inclusive), o prazer fácil que proporcionam e a

²³Cf. no artigo de Beate Maeder METCALF, *La Théorie du roman chez Mme. de Staël*. Europa, p. 39.

²⁴Robert de LUPPÉ. *Les Idées Littéraires de Madame de Staël et l'héritage des lumières (1795-1800)*. Paris, Vrin, 1969, p. 13-14. Luppé centra sua atenção num paralelo entre Staël e Marmontel, para ele o intermediário de Staël em relação a Iluminismo.

²⁵Mme. DE STAËL, *Essai sur les fictions*, in: *Oeuvres complètes*, t. II, p. 175.

²⁶*Idem ibidem*, p. 178.

distância afetiva em que mantêm o leitor. Este estado seria impróprio a um fim moral pois, na "aliança entre heróis e deuses, paixões dos homens e decretos do destino"²⁷, o homem é isentado de sua parte de responsabilidade pelos acontecimentos, levando a uma visão fatalista da vida e, logo, à impossibilidade da idéia de aperfeiçoamento, de transformação pessoal e social. Com relação específica aos romances de cavalaria, Mme de Staël reprova outro tipo de impecilho à verossimilhança: o exagero na caracterização de heróis e paixões, que levaria ao ridículo os valores e a virtude devido à sua proximidade com a realidade, antes falseando do que inventando como no caso da mitologia. De um modo geral, este grupo é censurado por jamais descrever completamente a natureza²⁸.

Além do conteúdo, são feitas restrições também aos recursos formais. Assim, apesar resgatar-lhe o valor posteriormente em *De la Littérature*, Mme de Staël, neste momento, descarta o uso da alegoria que obrigaria o leitor a despender um grande esforço em sua interpretação, dificultando a compreensão do sentido filosófico do texto. É preciso lembrar que nestas críticas está embutida a idéia de um público mais amplo e não de gênios e eruditos; e é em função desse fator que são aceitas, deste primeiro grupo, as fábulas, cujo sentido pode ser "facilmente apreendido pelo povo". Os escritos alegóricos só teriam valor sob governos despóticos para se dizer a verdade sob "um véu que permitisse aos súditos entender o que escaparia à penetração do senhor"²⁹; porém, as alegorias não poderiam se sobrepor ao seu resultado, isto é, suplantar o interesse das idéias, como em *Viagens de Gulliver*. Por fim, também são censuradas as obras de alusão cujo mérito seria sentido apenas pelos contemporâneos.

Em relação ao segundo grupo, o das ficções históricas, é interessante destacar-lhe o alerta: "este gênero destrói a moralidade da história, sobrecarregando as ações com uma quantidade de motivos que jamais existiram, e não atinge à moralidade do romance, pois obrigado a se conformar a um enquadramento verdadeiro, o plano não se coaduna com a liberdade e a seqüência de que uma obra de pura invenção é susceptível"³⁰. Esta afirmação coloca-a, nesse momento, em confronto com uma das correntes mais destacadas das ficções do Romantismo: o romance histórico. Daí sua dificuldade em aceitar Shakespeare e certas obras de Goethe, apesar de valorizar a ingerência da moral cristã na reformulação das obras da antigüidade como no caso de Racine. Um objetivo "educacional" é o critério que ainda restringe bastante as formas

²⁷*Idem ibidem*, p. 179.

²⁸*Idem ibidem*, p. 185.

²⁹*Idem ibidem*, pp. 189-190. La Fontaine seria único e exemplar no gênero, por afastar de seus escritos a idéia de alegoria, personificando o caráter da espécie segundo conveniências que lhes são próprias.

³⁰*Idem ibidem*, p. 195.

a serem tomadas como válidas, assim como a verossimilhança e a tradição retórico-literária francesa da escrita clara vinculada à moral e ao belo.

O último grupo surge como paradigmático do romance, em concordância com a observação de Beate Metcalf: "as ficções maravilhosas e as ficções históricas figuram ali como tese e antítese, e o romance é o paradigma de sua síntese, a 'ficção verossímil ou natural'."³¹

Trata-se do grupo das obras úteis que descrevem os sentimentos habituais e a vida quotidiana, o gênero dos romances modernos, entre os quais se encontram, os chamados romances filosóficos. Dentre estes, são censurados no entanto os escritos de Voltaire, pela falta de verossimilhança que leva à manutenção da distância afetiva entre o leitor e a obra, prejudicial ao efeito moral. São valorizados romances,

"tais como os de Richardson e Fielding nos quais se propôs costear a vida seguindo exatamente as gradações, os desenvolvimentos, as inconseqüências da história dos homens, e o retorno constante não obstante o resultado da experiência à moralidade das ações e às vantagens da virtude"³².

A representação da realidade - em especial da realidade interna, dos sentimentos - em "romances que retratassem a vida tal como é"³³, tem uma importância fundamental na concepção literária de Mme de Staël, que, para tanto, exige dos escritores um profundo conhecimento das paixões:

[...] "é a estes novos interesses que é preciso estender os temas dos romances. Uma carreira nova iria então se abrir, parece-me, aos autores que possuem o talento de descrever, e sabem atrair pelo conhecimento íntimo de todos os movimentos do coração humano. A ambição, o orgulho, a avareza, a vaidade poderiam ser o objeto principal de romances, cujos incidentes seriam mais novos, e as situações tão variadas quanto as que nascem do amor"³⁴.

³¹Beate M. METCALF, *Op. cit.*, p. 40.

³²Mme. DE STAËL, *Essai sur les fictions*, in: *Oeuvres complètes*, t. II, pp.198-199.

³³*Idem ibidem*, p.178.

³⁴*Idem ibidem*, p.201.

Vale destacar aqui um trecho das *Ilusões Perdidas* de Balzac: "Cita Corina, apoia-te na Sra. de Staël. O século XVIII pôs em equação todos os assuntos; o século XIX encarregado de tirar as conclusões, optou pelas realidades, porém realidades que vivem e andam; ele põe, enfim, em jogo a paixão, elemento desconhecido de Voltaire." Cf. na ed. da Abril Cultural, 1978, p. 207

Reafirma-se o realismo externo e interno indicado por Mme. de Staël.

O valor dado ao conhecimento das paixões - retomando um tópico sistematicamente desenvolvido no XVII pelos moralistas franceses, em seu valor de uso no teatro social -, juntamente com as próprias agruras resultantes de suas malfadadas relações extraconjugais iriam lhe render seu próximo livro em 1796, *De l'Influence des Passions sur le Bonheur des Individus et des Nations*³⁵ (de onde foi extraído o fragmento *Zulma*, novela exótica lançada em separado e anteriormente), composto na esteira das análises de influências amplamente desenvolvidas pelos filósofos do século XVIII francês.

LITERATURA E SOCIEDADE

Seguindo na trilha dos estudos de influências, Mme de Staël lança em 1800 sua primeira grande obra sobre a literatura³⁶: *De la Littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales*, na qual apresenta seu modelo de crítica literária "sociológica" e comparativista, iniciando uma linha de estudos específica das relações entre sociedade, Estado e o *espírito* da literatura, que se manterá em suas obras posteriores. Este tipo de abordagem teve notadamente um que a própria autora já indicava em seu *Discurso preliminar a De la Littérature*:

"Eu me propus a examinar qual é a influência da religião, dos costumes e das leis sobre a literatura, e qual é a influência da literatura sobre a religião, os costumes e as leis. Há, na língua francesa, sobre a arte de escrever e sobre os princípios do gosto, tratados, que não deixam nada a desejar (As obras de Voltaire, as de Marmontel e Laharpe); mas a meu ver não foram suficientemente analisadas as causas morais e políticas, que modificam o espírito da literatura."³⁷

³⁵Para DIESBACH, *Op. cit.*, p. 181, o corpo desta obra já estava bem desenvolvido em 1793, tendo sido resultante de uma série de fracassos no âmbito sentimental: o envolvimento com Narbonne foi um de seus mais marcantes relacionamentos extra-conjugais terminado a esta época.

³⁶Antes de 1710 o termo literatura possuía uma acepção mais geral ligada a uma idéia de competência, conhecimento, convivendo a partir de então com a acepção de "Science des seules Belles-Lettres" até identificar-se com esta última a partir de 1735. Em *De la Littérature*, este termo já se sobrepõe quase que completamente ao das Belas Letras. Ver Philippe CARON, *Des "Belles Lettres" à la "Littérature"*, Louvain-Paris, Editions Peeters, 1992, pp. 166-167.

³⁷Mme. DE STAËL, *Discours préliminaire a De la Littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales*, ed. crít. de Paul Van Tieghem, t. I, Paris-Genebra, Minard-Droz, 1959, p. 17.

Na introdução à edição crítica da obra Van Tieghem chegaria mesmo a conferir-lhe um caráter inédito:

"A idéia que faz a base do livro: de que a história de uma literatura não pode ser compreendida e não deve ser estudada senão ligada ao estado social e moral do povo que a criou; reposta em sua atmosfera, esta idéia tem sua origem afastada em Montesquieu, mas nem ele, nem Vico, nem Lessing, nem mesmo Herder a haviam isolado; assim aplicada à literatura, era absolutamente nova em 1800"³⁸.

Dentro de um quadro de pioneirismo, *De la Littérature* ainda tem como diretriz principal a tese do aperfeiçoamento universal desenvolvida no século XVIII³⁹, estendida agora à literatura cujo aperfeiçoamento só se daria com a liberdade do indivíduo a ser garantida pelas instituições republicanas e o cristianismo, de origem protestante.

O método de abordagem da literatura adotado em *De la Littérature* teve como maior influência o método utilizado na análise dos fenômenos políticos por Montesquieu em *O Espírito das Leis*: a valorização em nível histórico antes das causas e efeitos do que dos acontecimentos, é empregado agora na leitura das obras literárias, promovendo uma relativização de seu valor mediante parâmetros culturais próprios, tais como o clima, o sistema de governo, as intuições religiosas, entre outras⁴⁰.

Outro ponto inovador da autora estaria, segundo Roland Mortier, na reabilitação da "influência do cristianismo sobre a civilização européia em nome de

³⁸Extraído da introdução de Van Tieghem à ed. crítica de *De la Littérature*, p. XIX. Reportar-se a esta introdução para maiores esclarecimentos sobre a recepção crítica da época, enfocando as opiniões de Chateaubriand, Villers, Fauriel, Vinet, Saint-Beuve, além das críticas do *Mercure*, órgão oficial do governo. Herder por exemplo já afirmava em sua obra de 1779, *Da Influência do Sistema de Governo sobre as Ciências e das Ciências sobre o Governo*: [...] "o clima pode facilitar ou inibir as predisposições do caráter nacional (national Charakter) chamado a se desenvolver em um ambiente dado. Mas os fatores essenciais do impulso ou da decadência são de ordem cultural: a constituição política, o governo, os costumes e também as influências do céu (Himmelswitterung), favoráveis ou não." Extraído de GUSDORF, *Les origines de l'herméneutique*, Paris, Payot, 1988, pp. 147-148.

³⁹Condorcet chegou a morar com os Necker entre 1770 e 1776. Cf. em Luppé, *Op. cit.*, p. 82.

⁴⁰Cfr. G. SOLOVIEFF, *Mme. de Staël: Choix de Textes - thématique et actualité*, Paris, Klincksieck, 1974, p. 10.

uma concepção da perfectibilidade indefinida da espécie humana, retomada dos filósofos escoceses e franceses do século XVIII⁴¹. Como podemos ver ainda na seguinte citação da autora:

"A superioridade do norte sobre o sul é, numa certa medida, uma questão de religião: O que em geral proporciona aos povos modernos do norte um espírito mais filosófico que aos habitantes do sul, é a religião protestante que praticamente todos estes povos adotaram... A religião protestante não encerra em seu seio nenhum germe ativo de superstição (I, 187-8)."⁴²

Com base nesta reabilitação, se afirmaria, por exemplo, um maior valor dos romanos frente aos gregos e um necessário resgate da Idade Média - em geral, tomada como um período de trevas pelo Iluminismo. Vale ressaltar que apesar de valorizar o espírito nacional, a autora não faz a menor menção à noção de raça, que só ocorreria em *De l'Allemagne* - ao se referir aos escravões, germânicos e latinos como as três grandes raças da Europa. Ali também retomará a divisão da literatura entre norte e sul⁴³, sem entretanto voltar a dar a Ossian o papel de destaque tido em *De la Littérature*, onde o iguala a Homero enquanto sua contraparte em relação à literatura do norte, à nova literatura; papel bastante criticado à época.

⁴¹"A idéia de progresso, afirma-se no Prefácio à segunda edição (dezembro de 1800), 'não pode ser contrária às idéias religiosas' (ed. Van Tieghem, p.12). Inversamente, 'a superstição é com o tempo inconciliável com o progresso das ciências positivas' (p.13).[...] encontra-se, sob sua pluma, esta afirmação, revolucionária à época: 'a religião cristã', quando fundada, foi, ao meu ver, necessária ao progresso da razão (I, 133). Sua justificação é, certamente, de ordem moral (supressão da escravidão, promoção da mulher, moral fundada sobre a simpatia), ainda que a autora, arrastada por seu ímpeto, reabilite num só golpe a Teologia e a Escolástica, ao menos na medida em que elas prepararam a renovação das ciências exatas (I, 144)." Roland MORTIER, *Philosophie et religion dans la pensée de Mme. de Staël. Op. cit.*, p.171.

⁴²*Idem ibidem*, p. 171.

⁴³Van Tieghem indica que a divisão literária da Europa em dois grupos, norte e sul, teria em sua gênese as obras de Mallet a propósito dos escandinavos, a *Dissertação* do Dr. Hugh Blair a propósito de Ossian e o *Curso de Retórica e Belas Letras* que acabava de ser traduzido. Haveria ainda a obra de Herder escrita em 1796, *Litteraturbriefe*, onde é recuperada a passagem da literatura antiga à moderna, que Mme. de Staël poderia ter conhecido por meio de Villers ou Henri Meister. Apesar dos Schlegel estarem bem próximos nessa questão, Mme. de Staël ainda os ignorava e às suas obras até 1804. Cf. no Prefácio à segunda edição de *De la Littérature*, ed. Van Tieghem, p. XVI.

Para Pierre MACHEREY, Mme. de Staël, ao aplicar um cruzamento de dois critérios de diferenciação: antigos/modernos e meridionais/nórdicos, efetua uma síntese análoga à que Hegel faria entre o geográfico e o histórico. Cf. em "Un imaginaire cosmopolite: la pensée littéraire de Mme. de Staël", in: *A quoi pense la littérature?*, Paris, PUF, 1990, p. 20.

A HERANÇA DA CRÍTICA FRANCESA: UM ESBOÇO

A crítica staeliana ao mesmo tempo em que sistematizava novos parâmetros de análise das obras literárias, seguindo a trilha já aberta na França pelo Abade Du Bos, Diderot, Voltaire e Rousseau, encontrava-se, ainda que em menor grau que seus predecessores, dentro da esfera de influência dos princípios "pseudo-clássicos".

Acerca de seus predecessores franceses, é interessante citar o Abade Du Bos, a quem coube o papel inovador na crítica à obra de arte com suas *Refléxions critiques sur la poesie et la peinture* (1719), onde propôs que o crítico se colocasse no lugar do público ao qual uma obra fosse destinada, seja no tempo, no caso dos gregos, seja no espaço, no caso das literaturas de outros países da atualidade. Segundo Roger Fayolle, o grande valor deste livro, que em sua época não provocou maiores ecos, não havia entretanto escapado a Voltaire, outro "crítico" que, em suas considerações sobre a arte, mesmo sem deixar de considerar com imenso apreço os maiores escritores do XVII como Fénelon, Racine, Corneille e Molière, diferencia-se dos demais de seu período, ao passar "a considerar o sentimento, em particular por apreciar a poesia", estabelecendo os direitos do prazer estético. Voltaire também teria mostrado o caminho da correlação literatura e sociedade com sua obra *Le Siècle de Louis XIV*,⁴⁴ além de ter sido o primeiro pensador francês a "fazer justiça" à literatura inglesa, papel destacado pela própria Mme de Staël em suas *Réflexions sur le but moral* que precedem o romance *Delphine*⁴⁵.

Porém, mais próximo de uma abordagem sócio-crítica estaria André Chénier, um escritor contemporâneo a Mme de Staël, em cujo livro, *Essai sur les causes et les effets de la perfection et de la décadence des lettres et des arts*, ele busca estabelecer a possibilidade de aplicação do método de Montesquieu à literatura.

Em relação a Diderot, que do ponto de vista religioso era-lhe totalmente contrário, Mme de Staël tinha uma grande proximidade "pelo entusiasmo, a preocupação com a moralidade, a importância dada em tudo à sensibilidade"⁴⁶, e podemos acrescentar, pelo claro interesse de renovação das letras francesas.

⁴⁴Ver Roger FAYOLLE, *La critique*, Paris, Armand Colin, 1978, especialmente pp. 51-53, sobre o Abade Du Bos e pp.64-65, para Voltaire.

⁴⁵ Ver suas *Réflexions sur le but moral*, in: *Oeuvres complètes*, Paris, Firmin Didot frères e Treuttel et Würtz, 1844, t. V, p. XXIII.

É interessante assinalar no entanto a oscilação de Voltaire para com a literatura não clássica, quando mesmo tendo apresentado os ingleses aos franceses, condena Shakespeare, sendo considerado por Babbitt como "o mais comprometido dos advogados do classicismo." Cf. à p. 40 do livro de Irving BABBITT, *Rousseau and Romanticism*, NY, Meridian Books, Noonday Press, 1955.

⁴⁶Segundo Jean-Bertrand BARRÈRE, "Mère Critique" in: *L'Idée de Goût de Pascal à Valéry*, Collection Critères. Paris, Klincksieck, 1972, pp.108-126, e no caso p.109.

Afirmações como, "As regras e as leis do gosto seriam estorvos para o gênio; este as infringe para chegar ao sublime, ao patético, ao grandioso"..., e ainda, "os versos fracos não são os que se inclinam contra as regras mas contra o gênio"⁴⁷, respectivamente de Diderot e Voltaire, são exemplos da defesa, ainda em meio ao Iluminismo, do valor extraordinário do gênio, um dos elementos centrais do Romantismo, enquanto ser acima do absolutismo das regras poéticas neoclássicas⁴⁸. Nas *Lettres sur Jean-Jacques Rousseau*, tem-se uma importante relação ainda implícita ao conceito de gênio, ao menos ao gênio francês da época, quando Mme de Staël diz, referindo-se a Rousseau: "aquele que se liberta das regras, após ter sabido tão bem submeter-se a elas, prova ao menos que não as censura por impotência em segui-las"⁴⁹.

A linha mestra da crítica staeliana também advém de Rousseau, e diz respeito ao princípio cristão da compaixão, princípio inerente a uma crítica compreensiva, que não se pretende um índice de erros⁵⁰. Lançado meses antes do *Gênio do Cristianismo*⁵¹, *De la Littérature* já trazia uma especial defesa do cristianismo aliado à filosofia, pregando-se ali a correlação entre a literatura emergente e os valores

⁴⁷A primeira citação foi extraída do artigo *Génie*, tomo VII da *Encyclopédie* (1757), reputado a DIDEROT. Cf. em *Oeuvres Esthétiques*, Paris, Garnier, s/d. A segunda citação provém do Dicionário Filosófico: artigo "Fraco", extraído da *Op. cit.*, de Roger FAYOLLE, p. 65.

⁴⁸Segundo LUPPÉ, Mme. de Staël deveria seu conhecimento sobre os Iluministas especialmente a Marmontel, a quem conheceu pessoalmente e cuja obra, *Eléments de Littérature* (1787), constituía-se "em uma verdadeira suma das idéias literárias das 'Luzes'". Cf. em Robert de LUPPÉ. *Op. cit.*, p. 10.

⁴⁹Mme DE STAËL, *Lettres* in: *O.C.*, p. 19.

Vale retornar também à concepção apresentada no *Essai* por sua proximidade com a concepção platônica do próprio filósofo enquanto aquele que recupera um conhecimento já existente no mundo das idéias: gênio para Staël é aquele que lembra, reúne e descobre o que existe, merecendo a glória de criador. Mme. DE STAËL, *Essais*, in: *O.C.*, t. II, p. 186.

⁵⁰A piedade com efeito, aos olhos de Mme. de Staël, conforme a Rousseau, é "a única idéia primitiva ligada à natureza do homem". Cf. Jean ROUSSEL, *Op. cit.*, p.341.

"Mme. de Staël ao descrever seu pai, definiu admiravelmente bem uma posição mediana entre filosofismo e piedade: seu pai lutou, diz ela, contra a irreligião, não com ódio pela filosofia, que é apenas uma troca de armas nas mesmas mãos, mas com o nobre entusiasmo pela religião, sem o que a razão não tem absolutamente guia e a imaginação absolutamente nenhum objeto, sem o que enfim até mesmo a virtude fica sem encantos, e a sensibilidade sem profundidade. Uma tal atitude supõe uma ruptura, ao menos relativa, com o século XVIII: erige-se para isso uma imagem parcial deste século, reduzindo-o ao aspecto cético e negativo de sua crítica, exagera-se o debate dos filósofos e de Rousseau para atrair Rousseau para si, para o espiritualismo da terra e do céu. Esta imagem do XVIII negativa e aviltante, reduzindo o homem a uma mecânica material e a moral a um jogo de interesses, será, durante meio século, o alvo do espiritualismo e o contraponto sobre o qual ele se fará valer." Ver Paul BÉNICHOU, *Op. cit.*, p. 231.

⁵¹As seguintes frases de Chateaubriand sobre *De la Littérature*, ilustram bem a intolerância e a incompreensão com relação à junção entre religião e filosofia:

[...] "ela confere à filosofia o que eu atribuo à religião." (Extr. da intr. de Van Tieghem, *Op. cit.*, p. L);

"Algumas vezes Mme. de Staël parece cristã; um segundo depois a filosofia toma-a. Bastante inspirada por sua sensibilidade natural, ela deixa sua alma escapar mas de repente a argumentação desperta e vem contrariar os ímpetos do coração..." (Extr. de Pierre MACHEREY, Corinne philosophe. *Europe*, nº 693-694: 22-37, jan.-fev., 1987, p. 26.

cristãos, numa ressacralização da poesia pela atualização também dos valores religiosos da época, protestantes, no caso. Racine aliás já promovia a adaptação dos temas gregos aos valores morais cristãos, donde também o maior valor que Mme de Staël creditava-lhe frente aos gregos⁵², os quais, segundo ela, não descreviam os caracteres com a verdade filosófica exigida nos tempos modernos.

A "espiritualidade cristã" permeia toda a obra staeliana mantendo a autora distante da moral de fundo materialista de muitos Enciclopedistas, o que se acentuaria com o tempo, especialmente em *De l'Allemagne*.

Contudo, ao menos dois pontos importantes da crítica staeliana foram herdadas diretamente dos Iluministas, em especial de Diderot e Rousseau: o considerar imprescindível que os escritores se voltassem à realidade "nacional" e atual, como forma tanto de atrair o público francês - cujo peso da opinião aumenta no século XVIII - interferindo assim nos rumos da sociedade; e o reforçar a necessidade fundamental de intercâmbio entre as nações, como meio de revitalizar as literaturas nacionais, no caso de Mme de Staël, a da França pós Revolução Francesa, envolta pelo Terror, e a do Império bonapartista, cuja censura ameaçava a livre criação e estimulava a repetição dos modelos neoclássicos.

⁵²"Enquanto que a tragédia grega nos mostra o homem às voltas com o destino impiedoso e inelutável, *Phèdre* de Racine foi inspirado e penetrado pela doutrina cristã e jansenista segundo a qual o homem não pode se livrar das correntes do pecado sem a graça divina." Introdução ao *Phèdre* de RACINE, na edição revista e modernizada por Rudolf Strauch, Ferdinand Schöningh Paderborn, s/d, p. 4.

"Racine, imitando os gregos em algumas de suas peças, explica por razões extraídas das paixões humanas, os crimes comandados pelos deuses;" Cf. em *De la Littérature*, ed. Van Thiegem, p.68.

II. O LUGAR DOS ROMANCES

A OPÇÃO POR UM REALISMO EPISTOLAR

Delphine (1802) e *Corinne* (1807) são os dois grandes romances de Mme de Staël, que rivalizaram em sucesso de público com *Atala* e *René* de Chateaubriand. São romances de intriga sentimental que, a exemplo de muitos outros da época, seguiam na esteira de *Clarissa* de Samuel Richardson, da *Nova Heloísa* e de *Werther*⁵³.

Até por seu próprio cunho autobiográfico, *Delfina* e *Corina* apresentam um quadro do limitado papel social reservado às mulheres e de sua impotência frente aos limites impostos. Ambos exemplificam a situação social das mulheres "denunciadas" desde as *Lettres*, onde se vê, por exemplo, a seguinte afirmação: "a forma dos governos não as atinge; sua escravidão, sempre doméstica, é igual em todos os países"⁵⁴.

De acordo com sua crítica literária, os romances de Mme de Staël perseguem um realismo na representação interna, dos sentimentos, das paixões dos indivíduos, mostrando, grosso modo, o conflito entre a liberdade individual e os limites sociais, metáfora também da luta entre imaginação/sentimento/desejo versus razão/organização social.

Correspondente a este intuito, a obra *Delfina* foi composta enquanto um romance epistolar, forma exemplar para o reconhecimento dos sentimentos e o realismo das representações, como o atestaria a própria autora posteriormente em *De l'Allemagne*:

⁵³*Ce type de roman, très répandu dans les premières années du XIX siècle, était souvent écrit par des femmes et pour des femmes. Claire d'Albe de Mme Cottin, Valérie de Mme de Krüdener, Charles et Marie de Mme de Souza, Caliste de Mme de Charrière, et surtout Delphine et Corine de Mme. de Staël en constituent les meilleurs exemples. ce n'étaient là que pâles imitations de Werther ou de la Nouvelle Héloïse.* Segundo Michel RAIMOND, *Le roman depuis la Révolution*, Paris, Armand Colin, 1981, p. 10.

René GODENNE em seu ensaio "Les nouvellistes des années 1780-1820", traça um painel das produções do período, apontando-lhes o caráter pseudo-histórico e ainda sua carga de melancolia e devaneio, trazendo com um dos exemplos destes dois últimos traços também uma das novelas de Staël, *Mirza*. Cf. in: *Le Prérromantisme: hypothèque ou hypothèse?*, Paris, Klincksieck, 1975, pp. 529-543.

⁵⁴Mme. DE STAËL, *Lettres* in: *O.C.*, p. 20.

"Villers escreveu sobre Mme. de Staël (4 de maio de 1803): 'A idéia fundamental e criativa de todo seu trabalho tem sido mostrar a natureza primitiva, incorruptível, ingênua, apaixonada em conflito com as barreiras e algemas da vida convencional. ... Note que esta também é a idéia guia do autor de 'Werther'." Cf. em I. BABBITT, *Op. cit.*, p. 49.

"Os romances por cartas supõem sempre mais sentimentos que fatos; jamais os antigos teriam imaginado dar esta forma às suas ficções; apenas há dois séculos que a filosofia se introduziu suficientemente em nós mesmos para que a análise daquilo que se sente tenha um tão grande lugar nos livros"⁵⁵.

As cartas trazem experiências, sentimentos e reflexões, levando o leitor a "participar da intimidade" das personagens, numa relação direta com os "remetentes". A ausência de um narrador serve para evitar uma intermediação entre realidade e ficção, entre o leitor e os "acontecimentos"/ experiências/pensamentos das personagens, contribuindo decisivamente para uma ilusão de verdade.

Na França, o resultado mais notável deste tipo de efeito de realidade esteve notadamente na recepção à *Nova Heloísa* de Rousseau.

O romance epistolar corresponderia, segundo Jean Rousset, a uma "exigência anti-romanesca de apresentar não uma ficção, mas documentos, testemunhos diretos do real" constituindo-se "num romance contra o romanesco, contra o arbitrário de uma imaginação que inventa indiscriminadamente"⁵⁶.

O gênero epistolar teve seu ápice no século XVIII, estando na base da própria ascensão do romance, quando passam a ser representadas-valorizadas as pequenas circunstâncias domésticas, as particularidades da vida cotidiana e as nuances dos sentimentos⁵⁷. Porém, mesmo impulsionado pelas obras dos ingleses, especialmente as de Richardson, este gênero, o próprio romance, enfrentava ainda uma certa depreciação por parte da crítica erudita francesa do século XVIII. No *Éloge de Richardson* de Diderot, por exemplo, encontra-se a seguinte afirmação, que elucida bem as dificuldades de aceitação do gênero:

"Por um romance, compreendeu-se até hoje um tecido de eventos quiméricos e frívolos, cuja leitura era perigosa para o gosto e os costumes. Gostaria muito que se encontrasse um outro nome para as obras de Richardson, que elevam o espírito, que tocam a alma, que exalam por todos as partes o amor ao bem, e que são chamados romances"⁵⁸.

⁵⁵*De l'Allemagne*, Paris, CF-Flammarion, 1968, vol. II, cap. XXVIII, p. 43.

⁵⁶Cf. Jean ROUSSET, "Une Forme Littéraire: Le Roman par Lettres" in: *Forme et Signification*, p. 75.

⁵⁷Laurent VERSINI, *Le roman épistolaire*, Paris, PUF, 1979, p.59.

⁵⁸DIDEROT, *Éloge de Richardson* in *Op. cit.*, p. 29.

Lido principalmente por mulheres, este tipo de romance, na França, passou também a ser produzido muitas vezes por mulheres, servindo como um meio pelo qual elas puderam começar a ampliar seu raio de ação na sociedade, alavancando-lhes a participação intelectual. No entanto, retomando Jean Rousset, excetuadas as grandes obras de Montesquieu, Crébillon, Richardson, Goethe, Rousseau, Laclos este tipo de romance, no mais das vezes, não passava de um "diário camuflado", modelo sobre o qual foram construídos por exemplo, as obras de Mme Charrière, Mme de Krudener, Mme de Souza e de várias outras⁵⁹.

Delfina destaca-se dentre os escritos de outras autoras, mesclando à temática amorosa discussões de várias ordens: além de uma polêmica trama amorosa, em que Delfina, uma jovem viúva, se apaixona por Léonce, prometido de sua afilhada⁶⁰, há a defesa do divórcio, questão debatida na França do período, e que provoca a desaprovação do governo bonapartista de base católica.

CORINA: IMAGINAÇÃO E ENTUSIASMO

Mais ambicioso intelectualmente, *Corina* não apresenta uma forma epistolar, aproximando-se antes do gênero dos diários de viagens, também muito em voga no período. O romance segue na esteira de um gênero que teve como precursor Montaigne, e principais referências desde *A Viagem Sentimental* de Sterne entre os ingleses até *A Viagem à Itália* de Goethe entre os alemães, estando ainda na esfera rousseuniana da *Nova Heloísa*, por sua preocupação sociológica e filosófica misturada à intriga sentimental.

A composição de *Corina* deve-se à viagem empreendida pela autora à Itália em 1804 - em meio à viagem à Alemanha, interrompida pela morte de seu pai -, quando então aprofunda seus conhecimentos a respeito da cultura italiana. Note-se que Mme de Staël ainda não possuía um amplo conhecimento da literatura italiana mesmo ao tê-la abordado em *De la Littérature*.

Em paralelo à trama amorosa do romance tem-se panoramas da arte e costumes dos italianos, numa revitalização da cultura da Itália, na época subjugada à França. O compromisso de Mme de Staël para com a defesa da liberdade de povos e indivíduos, desponta em críticas implícitas ao imperialismo de Napoleão e ao franco-centrismo:

⁵⁹Cf. Jean ROUSSET, *Op. cit.*, pp.70-71.

⁶⁰Delfina e Léonce corresponderiam a Staël e Narbonne. As *Lettres à Narbone*, editadas em 1960, trazem reflexões que aparecem neste romance, segundo Claudine Herrmann em sua introdução a *Delphine*, t. I, Paris, Ed. des Femmes, 1981, p.13.

*Dans l'état actuel des Italiens, la gloire des beaux-arts est l'unique qui leur soit permise*⁶¹. Outro aspecto essencial do romance está na representação dos problemas da "mulher cultivada" em suas relações com a sociedade e na realização amorosa.

O aspecto autobiográfico é nítido e revela-se logo de início: a referência à morte de M. Necker, transferida para o pai de Oswald - "par romântico" de Corina -, assim como seu desterro, voluntário no caso da personagem. A viagem inicia o romance, viagem externa e interna de Oswald. A Itália é apresentada como o espaço do sentimento vivo, o espaço do entusiasmo, local onde os preconceitos podem ser esquecidos, seduzidos pelo *talents de l'imagination*⁶².

Se na *Nova Heloísa*, uma cidade suíça, Vevey, surgia com o espaço privilegiado de uma sociedade regida por virtudes sinceras e capazes de conhecer as grandes evidências dos sentimentos, como nos diz Starobinski, em *Corina* o espaço para os sentimentos virtuosos mantém-se em meio à sociedade, individualizado e "nacionalizado".

Oswald e Corina, são seres de exceção pela própria "sensibilidade", unidos por uma subjetividade sem pátria, mas que se expressa sob a influência das características nacionais: a de Oswald compõe-se da dupla carga de melancolia derivada do sofrimento individual pela perda do pai aliada ao caráter próprio de seu país; a de Corina advém da congregação de sentimentos opostos "própria" ao gênio, reunindo em si a melancolia e o entusiasmo, pela origem inglesa e italiana. Com uma resolução diversa à de Rousseau, que no caso da *Nova Heloísa* cria uma idealidade social em Vevey a fim evidenciar sua própria ausência à corte parisiense⁶³, Mme de Staël ressalta antes uma sobrevivência isolada, individualizada do sentimento e da virtude comungados entre indivíduos cosmopolitas, desterrados; a esta saída individual pode-se traçar um possível paralelo com a visão de Benjamin Constant sobre o aperfeiçoamento humano que também passa a se reduzir ao indivíduo⁶⁴.

As personagens em *Corina* não sofrem a predominância de um determinismo ambiental, biológico ou social do naturalismo, formando-se em um espaço intermediário, numa negociação contínua entre a vontade, a natureza e a sociedade.

⁶¹*Corinne ou l'Italie*, Paris, Gallimard, 1985, p. 50.

⁶²*Idem ibidem*, p. 49.

⁶³"Bem ao contrário de minha expectativa, seu menor sucesso foi na Suíça e seu maior, em Paris. A amizade, o amor, a virtude reinam então em Paris mais que em outras partes?. Não, sem dúvida; mais ali reina ainda esse censo delicioso que transporta o coração à sua imagem, e que nos faz venerar nos outros os sentimentos puros, ternos, honestos que não temos mais." *Confessions*, liv. XI. OC, I, pp. 545-6. (Citado por STAROBINSKI, *A Transparência e o Obstáculo*. p. 357).

⁶⁴ De acordo com Kurt MUELLER-VOLLMER. *Politique et esthétique: l'idéalisme concret de Benjamin Constant, Guillaume de Humboldt et Madame de Staël. Benjamin Constant Madame de Staël et le Groupe de Coppet*. Oxford: The Voltaire Foundation/Lausanne: Institut Benjamin Constant, 1982, pp.453-473, e, especialmente, p. 455.

Entusiasmo, paixão, melancolia, dor, túmulos, ruínas, índices habituais da sensibilidade romântica estão espalhados em profusão por todo o livro, por toda a Itália. O alegórico, a imagem e a alusão, anteriormente criticados, fazem-se presentes ainda que por sua necessária função defensiva em relação à censura napoleônica.

A imaginação, a Itália, Corina são espaços onde os opostos convivem:

Toute cette eglise est ornée de marbres antiques et ces pierres en savent plus que nous sur les siècles écoulés. L'expression générale de ce temple caractérise parfaitement le mélange des dogmes sombres et des cérémonies brillantes; [...] la théologie chrétienne et les images du paganisme; enfin la réunion la plus admirable de l'éclat et de la majesté que l'homme peut donner à son culte envers la divinité."⁶⁵

O texto porém traz o Antigo e o moderno, o passado (a história) e o presente (a estória), justapostos, numa nostalgia do que já foi mas antes do que se poderia vir a ser, retomando a idéia de Poulet de uma *nostalgia do futuro*. Ressalta-se a potencialidade dos italianos por meio do resgate do passado glorioso da Itália

De aspecto singular para uma ficção, o sumário apresenta um itinerário dos aspectos culturais de Roma: *Les Tombeaux, les églises et les palais; Les moeurs et le caractère des italiens; La littérature italienne*; são alguns títulos que prenunciam a abordagem feita em *De l'Allemagne*.

Escrito entre a primeira e a segunda viagem à Alemanha, *Corina* demonstra-se mais próxima das teorias alemãs que preconizam a imitação interior de preferência a uma cópia exterior⁶⁶. Ali, a contemplação do belo já está investida de um poder capaz de levar ao aperfeiçoamento moral, base da defesa de Constant às críticas lançadas a *Corina*, utilizando-se, segundo Mueller-Vollmer, de argumentos da estética kantiana⁶⁷.

Em acordo com sua "teoria literária", que propunha a representação dos conflitos entre o indivíduo e a sociedade a fim de suscitar a discussão, os romances de Mme de Staël obtiveram um grande impacto sobre a sociedade francesa, assim como o fariam suas experiências como mulher de atuação político-intelectual.

⁶⁵*Idem ibidem*, p. 104.

⁶⁶Segundo Jean STAROBINSKI, *A Invenção da Liberdade*, Paris, Unesp, 1994, p. 167.

⁶⁷Kurt MUELLER-VOLLMER, *Op. cit.*, p. 459.

III. A PERSEGUIÇÃO POLÍTICA, GÊNESE DA ALEMANHA STAELIANA

EXÍLIO E PESQUISA

De origem burguesa protestante, casada com um aristocrata sueco, Mme La Baronne de Staël desde cedo interessou-se em influir, assim como seu pai, nos destinos da católica França. Assim, por exemplo, em 1791, ela consegue a nomeação do Conde Luís de Narbonne - seu amante à época e pai de seus dois filhos Auguste e Albert -, como ministro do rei⁶⁸.

Suas idéias políticas já despontavam nas *Lettres sur Jean-Jacques Rousseau*, onde se encontra a defesa de uma "monarquia estabelecida pela vontade geral, fundada sobre leis que só a nação tem o direito de mudar", e que seria "um governo tão legítimo, e talvez melhor que os outros"⁶⁹. Com posições oscilantes frente ao já conturbado quadro político que lhe cercou à vida inteira, Mme de Staël, mesmo após seu apoio à República, não se posicionaria de modo hostil frente à Monarquia, ora defendendo ora reprovando determinados aspectos de ambas as formas de governo. Para esta oscilação conte-se ainda com seu sistema que implicava ao mesmo tempo em moderação e abertura às novidades⁷⁰; acrescenta-se ainda um certo saudosismo pelo Antigo Regime derivado de uma imaginária condição de destaque e poder das mulheres no século XVIII, que seria retificada em *De l'Allemagne*.

Em 1795, já em companhia de Benjamin Constant - pai de sua filha Albertina que nasceria em 1797 -, Mme de Staël escreve *Réflexions sur la paix extérieure*, onde faz um "apelo aos moderados republicanos e realistas para se unirem em favor do bem comum, sob a égide de uma República"⁷¹. A contínua defesa de um *juste milieu*, numa época de ânimos exaltados e posições extremadas, angariou-lhe um grande e contínuo descontentamento de todos os lados, culminando com o choque direto contra

⁶⁸Segundo DIESBACH, *Op. cit.*, p. 120, "Narbonne pretendia salvar o reino e o rei por meio de uma maioria que se colocasse entre os dois campos extremistas, além de restaurar a disciplina no exército para permitir a Luis XVI refugiar-se ali caso as circunstâncias o obrigassem a deixar provisoriamente Paris."

Note-se que seu primeiro amante, Talleyrand, também era um defensor da monarquia.

⁶⁹Cf. às pp.67-68 da *Op. cit.*

⁷⁰Paul BÉNICHOU, *Op Cit.*, p.228.

⁷¹Cit. de Mme. de Staël extraída da *Op. cit.*, de DIESBACH, p.174.

Napoleão, que não via com bons olhos o variado círculo político que lhe freqüentava o salão.

Capítulo à parte na vida de Mme de Staël, Napoleão aparece como o representante de muito ao que ela era contrária: o despotismo; as idéias literárias que se mantinham fiéis à origem latina; o desejo de conquista e reconstrução do Império bonapartista vinculado à valorização do passado expresso pelo classicismo (vínculo estabelecido também pelos revolucionários), a vontade de manutenção do domínio cultural da França sobre a Europa, tudo isto se contrapunha às novas idéias estéticas e ideais de liberdade que perpassavam a obra staeliana.

Assim, em 1803, Mme de Staël recebe uma ordem de exílio, passando a levar uma vida de certa forma "errante", transformada numa seqüência de viagens cuja base durante muito tempo foi Coppet, na Suíça, onde seu pai já havia se refugiado. A ida à Alemanha surge então como a primeira de suas viagens, já com o objetivo de conhecer pessoalmente as paisagens, a sociedade e os escritores alemães para posteriormente retratá-los.

Sem dominar ainda a língua alemã, Mme de Staël era especialmente informada por Benjamin Constant e Charles de Villers, assim como pela leitura de algumas obras traduzidas e a troca de correspondência com Schiller.

Desde a segunda metade do século XVIII, algumas obras de autores alemães como Voss, Klopstock, Goethe e Schiller, já haviam sido traduzidas para o francês; além disso, através de Villers foram propagadas na França algumas notícias sobre a literatura e filosofia dos alemães, que contavam ainda com a cooperação de jornais como o *Spectateur du Nord* publicado em Hamburgo para uso dos franceses e o *Mercure de France*⁷².

Acompanhada por Benjamin Constant, Mme de Staël visita algumas das principais cidades alemãs, dentre as quais destacam-se Weimar e Berlim. Em Weimar, onde suas obras já eram conhecidas, encontra-se com Schiller, Goethe e Wieland. Apesar da admiração recíproca, seu entusiasmo nas conversações provocou um certo desconforto entre os alemães. Em *De l'Allemagne*, encontra-se uma teoria "lingüística" sobre a dificuldade de conversação dos alemães em estilo parisiense, devido à sintaxe do alemão, pouco favorável à interrupção da frase:

"O alemão presta-se muito menos à precisão e rapidez da conversação. Pela própria natureza de sua construção gramatical, o sentido é ordinariamente compreendido apenas ao fim da frase.

⁷²Cf. Ian Allan HENNING. *L'Allemagne de Mme. de Staël et la polémique romantique*, Paris, Ancienne Honoré Champion, 1929, respectivamente p. 8 e p. 13.

Assim o prazer de interromper, que torna a discussão tão animada na França, e força a dizer tão rapidamente aquilo que importa fazer ouvir, este prazer não pode existir na Alemanha, pois o início das frases não significa nada sem o fim, sendo preciso deixar a cada um todo o espaço que lhe convém tomar. Isto tem maior utilidade para se chegar ao âmago das questões, contém também mais civilidade, mas é menos estimulante". [1, XII]⁷³

Pela versão de Goethe temos outra visão da questão, em que a causa do desconforto da conversação é reputada antes ao embate de idéias:

"Seu objetivo era múltiplo: ela queria aprender a conhecer a Weimar moral, social e literária, e instruir-se com toda exatidão; mas queria também ser conhecida e buscava em consequência tanto valer suas idéias quanto parecia desejosa de penetrar as nossas"⁷⁴.

Esta versão é corroborada ainda por Schiller em uma carta escrita a Goethe em dezembro de 1803, da qual extraímos um elucidativo e divertido comentário sobre a questão:

"Em tudo que chamamos filosofia, ou seja, em todas as instâncias últimas e mais elevadas, entra-se em conflito com ela e assim se permanece, apesar de todo discurso. Mas seu natural e sentimento são melhores do que a sua metafísica, e seu belo entendimento eleva-se a um tesouro genial. Ela quer explicar, entender, medir tudo, não registra nada de obscuro, inacessível, e onde não pode iluminar com sua tocha, então para ela aquilo não existe. Por isso tem uma terrível aversão à filosofia idealista, a qual, na sua opinião, leva ao misticismo e à superstição, e esse é o ar sufocante onde sucumbi [...] Dessas poucas palavras, o senhor vê que a clareza, firmeza e espirituosa vivacidade de sua natureza só podem ter efeito positivo; o único incômodo é o jeito muito pouco habitual com que utiliza sua língua; é preciso transformar-se num órgão auditivo por inteiro para poder segui-la"⁷⁵.

⁷³Mme DE STAËL, *Op. Cit.*, p. 111.

⁷⁴E ainda, segundo DIESBACH, "Herder morrera três dias depois da chegada [de Mme de Staël]; Wieland estava um pouco prevenido contra ela pela leitura de *Delfina*, uma das mais dolorosas que havia feito há meio século, como o confessou; enquanto que Goethe havia protelado o quanto pode um encontro". Ghislain de DIESBACH, *Op. cit* p. 295.

⁷⁵*Goethe e Schiller Companheiros de Viagem*. Tradução, seleção e notas de Cláudia Cavalcante, SP, Nova Alexandria, 1993, p.201.

É nesta estada em Weimar que Mme de Staël passa a ampliar seus conhecimentos sobre a filosofia alemã, dedicando-se especialmente às teorias de Kant e Schelling. A tarefa de informá-la coube a um jovem estudante inglês, Henry Crabb Robinson, que havia estudado a filosofia de Schelling na Universidade de Iena e publicado textos sobre a literatura alemã e a filosofia de Kant.

Na seqüência de seu itinerário de pesquisa, Mme de Staël alcança Berlim onde se encontra com Fichte e os irmãos Friedrich e August Wilhelm Schlegel, estes últimos indicados por Goethe, como possíveis preceptores para seus filhos. O encargo recaiu sobre August Schlegel que se tornou desde então um importante confidente e colaborador, escrevendo seu *Curso de Literatura Dramática* (1813), à mesma época da redação de *De l'Allemagne*⁷⁶.

A viagem é interrompida em 1806 devido à morte de Necker, o pai, por quem Mme de Staël possuía notória adoração, e que a obriga a retornar a Coppet - por pouco tempo, porém; logo ela parte para a Itália, onde toma anotações para seu principal romance, *Corina*, que lançado no ano seguinte, obtém grande sucesso junto ao público. A estória irrita profundamente a Napoleão, que a acusa de ter depreciado os franceses através da caracterização de uma de suas personagens, o Conde d'Erfeuil, retratado como espirituoso mas superficial, situação agravada pela atribuição da nacionalidade estrangeira aos heróis, Oswald e Corina. Além disso, ainda eram revalorizadas as artes e o passado glorioso dos italianos, naquele momento subjugados por Napoleão.

Ainda impedida de retornar a Paris, Mme de Staël retoma seu projeto sobre a Alemanha fazendo sua segunda viagem em 1807, bem menos expressiva em relação à anterior, pois além de Schiller, seu principal interlocutor, já ter falecido, não chega a rever Goethe.

Novo retorno a Coppet, e sua volta agora coincide com o começo da reação anti-napoleônica, sendo alçada à posição de símbolo de resistência, e aglutinando à sua volta pessoas de toda a Europa contrárias ao Imperador. Seu salão retoma o mesmo brilho dos tempos de Paris tornando-se ainda mais cosmopolita ao congregar

⁷⁶A Auguste Schlegel Mme. de Staël devia muito, não somente por sua documentação e pela escolha das obras consideradas, mas também pela base de suas idéias sobre a poesia e a arte. Não se deve exagerar esta dívida, como fizeram algumas vezes, em 1815 ou mais tarde, os leitores franceses e alemães. Não se deve também desprezá-la.

Mme. de Staël denunciou em seu livro a "parcialidade" de Schlegel, e a "rudeza" de seu gosto (II parte, cap. XXXI). Ela não partilha nem suas convicções católicas, nem as opiniões literárias preconcebidas a partir delas. Ela não desprezava, certamente, o valor estético da inspiração cristã, e concebe que as tragédias cristãs são as melhores tragédias de Voltaire: ela recusa seguir Schlegel em sua exagerada admiração por tudo o que toca à Idade Média, assim como em suas prevenções manifestas contra o racionalismo clássico." Edmond EGGLI, *Le débat romantique en France. 1813-1830*, t. I, Paris, PUF, p. 139.

às personalidades francesas como Benjamin Constant, Mathieu de Montmorency, Mme Récamier, sua amiga de longa data, os suíços Sismondi, Bonstetten, os alemães August Schlegel, M.lle Mendelssohn, Zacharias Werner, Mme de Krüdener, e o italiano Monti, entre outros. Este círculo, de predominância protestante, ficaria bastante conhecido sob a denominação de Grupo de Coppet, notabilizando-se por produções no campo da tradução, ficções e especialmente no campo da história⁷⁷. Dentre os membros do grupo despontam Schlegel e Sismondi, este último, por seu temperamento mais tolerante, mostrava-se mais próximo de Mme de Staël na visão conciliatória e moderada, tendo a acompanhado nas viagens à Itália e a Weimar⁷⁸.

A centralização destes autores por parte de Mme de Staël atesta sua força e determinação, reafirmada ainda por um interessante acontecimento de sua vida íntima, neste período: seu novo casamento. Em meio a tantas atribulações, já viúva, Mme de Staël, conhece Jean Rocca, um jovem oficial, com quem se casa secretamente porém, para evitar a reação intolerante da sociedade. Logo em seguida, ela é confinada em Coppet por Napoleão, que praticamente a mantém isolada.

A fim de tentar sair do confinamento, e conseguir chegar a Paris para publicar *De l'Allemagne*, Mme de Staël prepara uma viagem aos Estados Unidos. Contudo seu plano fracassa e a primeira edição do livro em Paris, em 1810, é confiscada sob a acusação de que a obra continha idéias antipatrióticas. Apesar de protestar ao Duque de Rovigo da Polícia Geral dizendo-lhe que o livro já havia passado por uma censura prévia e que sofrera várias alterações, não havendo justificativa para o confisco, recebe como resposta um convite para seguir para a América⁷⁹.

Mme de Staël retorna então a Coppet onde escreve *Sapho* (um drama), *Réflexions sur le suicide*, além de iniciar *Dix années d'exil* e *Considérations sur la Révolution française* (sem contudo publicá-los), à espera de uma oportunidade para publicar *De l'Allemagne*, o que ocorreria apenas em outubro de 1813, em Londres. A edição francesa só sairia no ano seguinte com a queda de Napoleão, e o retorno da

⁷⁷A Suíça do século XVIII apresentava-se assim como a contraparte continental à Escócia, por sua importante e influente produção no campo da história, havendo entre ambas ampla troca de informações.

"Percebe-se que o grupo de Coppet vai frequentemente aos escoceses sem passar por Gibbon para dar forma à sua concepção da história de definir uma imagem completa do homem em sociedade com todas as relações que se enlaçam entre o ser psicológico, o ser produtivo e o ser político. Preocupações inspiradas em Smith e encontradas em Gerando, Sismondi e Constant." Cf. em Michel BARIDON, *L'Histoire et les sciences: des Lumières écossaises au groupe de Coppet. Rivista di Letterature moderne e comparate*. Vol. XLII, Fasc. 1, gen.-mar. 1989, p. 52. Baridon neste artigo faz um paralelo entre a Suíça e a Escócia tentando determinar a contribuição escocesa à historiografia do século XVIII.

⁷⁸Cf. Charles DÉDÉYAN, *Le Cosmopolitisme Européen sous la Révolution et l'Empire*, t. II, Paris, SEDES/CDU, 1976, pp. 410-420.

⁷⁹Cf. Mme DE PANGE, *Op. cit.*, p. 98. Datada de 3 de setembro de 1810, a carta seria publicada pela própria Mme. de Staël, no prefácio da 2ª ed. de *De l'Allemagne* em 1813.

autora a Paris, onde se empenha na divulgação de seu livro que, lançado na Europa continental, obtém o mesmo sucesso tido na Inglaterra.

PUBLICAÇÃO E RECEPÇÃO

As condições que envolveram a publicação, juntamente com o sucesso de seus escritos anteriores, a perseguição política sofrida e seu retorno triunfal a Paris, contribuíram para aguçar o interesse dos leitores. Assim, o sucesso inicial do livro não deixaria de estar vinculado ao sucesso político de seu retorno. Além disso, a exposição mais ampla, profunda e "favorável" da Alemanha em comparação com os poucos escritos anteriores - especialmente os de Charles de Villers, que faria posteriormente um introdução a uma das edições do livro -, levou a um furor geral. Não se pode perder de vista o extremado patriotismo, francês do período napoleônico, que trouxe para a autora discriminações da crítica dita patriota, acostumada aos anos de dominação político-cultural francês sobre a Europa⁸⁰.

Outra causa da grande repercussão pode ser imputada à opressão do regime despótico de Napoleão que, ao promover um certo constrangimento do mundo intelectual, uma certa paralisia das produções filosóficas e uma certa pressão para a manutenção do gosto literário arcaico, como forma de manutenção do nacionalismo, provocou um sufocamento de novas idéias. *De l'Allemagne* responderia assim às necessidades intelectuais de certa parcela da sociedade.

Ian Henning, em seu livro *L'Allemagne de Mme de Staël et la polémique romantique*, expõe de modo bem detalhado as reações da crítica francesa ao aparecimento de *De l'Allemagne*, dividindo-a em três formas de recepção: os clássicos, francamente contrários à autora, que a acusaram de imprecisão na exposição das teorias filosóficas e impropriedade em sua defesa do Romantismo e do gosto relativo; os cosmopolitas, que louvaram a proposta culturalista do livro de um modo geral; e por fim, os jovens, eufóricos com a teoria do entusiasmo, a idéia do gênio alemão e as variadas e novas informações que recebiam. Já entre os alemães, as reações haviam sido as mais diversas possíveis. Goethe, por exemplo, ao mesmo

⁸⁰"Mme. de Staël inicialmente considerada cúmplice dos Ideólogos, tendo sido combatida por Geoffroy e Chateaubriand, após ter-se tornado admiradora da literatura alemã, passou a ser atacada pelos "clássicos" da *Mercur*e e dos *Débats*. Entretanto, vê-se a que ponto as concepções divergem: para os ideólogos os princípios ideológicos intangíveis são os do positivismo sensualista, em nome do qual lutam por toda parte contra os dogmas." Cf. Roger FAYOLLE, *Op. cit.*, p. 79.

tempo em que louvou a contribuição à discussão do Romantismo e do Classicismo, criticou um certo favorecimento dado à segunda escola⁸¹.

Apesar da imensa importância histórica da obra de Mme de Staël, somente no século XX ser-lhe-iam devotados estudos mais aprofundados, durante muito tempo negligenciados. Simone Balayé, que entre vários estudos sobre a autora, contribuiu para a produção da edição crítica de *De l'Allemagne*, aponta, de um modo geral, como fatores desta negligência, a centralização dos estudos sobre as Luzes e o Romantismo; a denominação de pré-romântico ao período, reduzindo-o a uma ponte entre os eventos citados; os conflitos franco-alemães a partir de 1870, que provocaram uma reação negativa à obra *De l'Allemagne*, por parte da crítica "patriota"; e ainda, a oposição a Napoleão que lhe teria rendido inimigos poderosos que a difamaram por vários anos; por fim, para agravar todos estes fatores, a misoginia⁸².

⁸¹Cf. Ian HENNING, *Op. cit.*, p. 248.

E ainda em 1834 é editado na França o livro *Contribuição à História da Religião e Filosofia na Alemanha* de Heinrich Heine, que, em oposição a Staël, visava "corrigir a visão idealista" staeliana considerada por ele extremamente subjetiva e deformada. Ver a p. 28 da obra citada de Heine.

⁸²Cf. Simone BALAYÉ, *Op. cit.*, p. 7.

IV. DE L'ALLEMAGNE: ESPAÇO INTERMEDIÁRIO

Não se pode determinar o caráter das nações senão por suas diferenças [...] Se eu quisesse estudar um povo, seria nas províncias afastadas em que os habitantes têm ainda suas inclinações naturais que iria observá-los. Percorreria lentamente e com cuidado várias dessas províncias, as mais afastadas umas das outras; todas as diferenças que observaria entre elas iriam me dar o gênio particular de cada uma; tudo o que teriam de comum, e que os outros povos não teriam, formaria o gênio nacional, e o que se encontrasse por toda parte pertenceria em geral ao homem...

Jean Jacques Rousseau, carta XVI,
Nova Heloisa.

A FORMA E O MÉTODO

Dividido em quatro partes - *De l'Allemagne et des moeurs des Allemands, La littérature et les arts, La philosophie et la morale, La religion et l'enthousiasme* -, *De l'Allemagne* tem um caráter compósito que diz respeito não apenas à variedade e quantidade de questões, autores e obras abordadas, mas também à sua construção: comportando trechos e resumos de várias obras; unindo às análises sócio-literárias uma forma tipo diário de viagens; podendo ser tomado ainda como um manifesto literário, político e religioso.

Eclético, *De l'Allemagne* não se enquadra numa forma tradicional de ensaio em termos de uma progressão lógica, típica de um pensamento que busca o rigor de uma demonstração científica; o livro apresenta antes um caráter fragmentário, em que os diversos tópicos são apresentados praticamente "desconexos", como que numa torrente semelhante a uma "conversação"; em que os objetos são considerados sob vários prismas, especialmente o político, o social e o moral. Esta forma "fragmentária" é favorecida ainda pela composição dos capítulos que se bastam ao trazerem elementos recorrentes que se refletem num todo.

Outro aspecto importante da forma/método empregado, está no movimento do texto que prevê enfoques que partam do geral para o particular e vice-versa, a fim de

que se possa ter uma melhor idéia do conceito tratado - no caso, a Alemanha. A primeira parte é exemplar deste movimento quando a "Alemanha", exposta inicialmente a partir de uma visão geral, é dividida em dois blocos principais, o do norte e o do sul, focalizando-se em seguida reinos e Estados como a Prússia, a Áustria e a Saxônia, até a centralização em cidades como Viena, Weimar e Berlim. De modo destacado - fragmentário ou digressivo -, como que em "desvios" do movimento geral, encontram-se inseridos capítulos voltados, entre outros temas, para as mulheres, a vida social, a língua alemã, e, em especial, a educação.

Note-se ainda, que esta forma de abordagem é dotada da clareza de exposições própria a uma obra de divulgação de conhecimentos e alinhada à moderna tradição literária francesa. Como a própria autora nos diz: "A clareza na França é tida como um dos primeiros méritos de um escritor; pois trata-se antes de tudo de não causar sofrimento, e obter, pela leitura da manhã, aquilo que faz brilhar as conversas ao entardecer", ressaltando porém, que "os alemães sabem que a clareza jamais pode ser mais do que um mérito relativo: um livro é claro segundo o assunto e segundo o leitor"⁸³.

Para alcançar este objetivo, Mme de Staël recorre ainda ao uso de exemplos, por meio de traduções e resumos das obras comentadas. A crítica staeliana prevê uma mistura entre "eventos e reflexões", a fim de transmitir melhor suas idéias e embasar seus comentários. Esta mistura preconizada pela autora está na base de sua censura à crítica dos alemães, tomada como muito "metafísica":

"A descrição animada das obras-primas confere um maior interesse à crítica que as idéias gerais que pairam sobre todos os assuntos sem caracterizar nenhum. A metafísica é por assim dizer a ciência do imutável; porém, tudo o que está submetido à sucessão do tempo é explicado apenas pela mistura de eventos e reflexões: os alemães gostariam de chegar em todos os assuntos a teorias completas, e sempre independentes das circunstâncias, mas como isto é impossível, não é necessário renunciar aos eventos, no temor de que eles não circunscrevam as idéias; apenas os exemplos, na teoria assim como na prática, gravam os preceitos na lembrança.

A quintescência de pensamentos que certas obras alemãs apresentam não concentra como a das flores os perfumes mais marcantes; dir-se-ia ao contrário que ela é apenas um resto frio de emoções repletas de vida. Entretanto, poder-se-ia extrair dessas obras

⁸³O trecho citado encontra-se no tomo I, parte 2, capítulo I, pp.160-161, de *De l'Allemagne*, em ed. de Simone Balayé (Paris, GF-Flammarion, 1968). Todas as citações foram extraídas e traduzidas desta edição. Para as demais citações a localização seguirá entre colchetes, tipo [I, 2, I].

uma massa de observações de grande interesse; porém elas se confundem umas nas outras. O autor, à força de lançar seu espírito avante, conduz seus leitores ao ponto onde as idéias são demasiado finas para que se deva tentar transmiti-las". [I, 2, XXXI]

Por este recurso à contraposição entre "obras e comentários", esboça-se um aspecto básico do método empregado na abordagem da Alemanha: o jogo de contraposições binárias, em que aquela é reconhecida, exposta e considerada em contraste com a França - recorrendo-se por vezes também à Inglaterra e à Itália.

A análise contrastiva propicia o estabelecimento de uma relação de alteridade pela qual ambos os países se complementam nas suas diferenças, promovendo um espelhamento que traz consigo não só imagens da Alemanha mas, necessariamente, da própria França; entenda-se Paris.

O caráter praticamente antitético estabelecido entre as "duas nações" não deve ser visto como uma criação staeliana. Já o *Sturm und Drang* (1770-1780), sob a influência de Rousseau, também se fez em contraposição ao racionalismo materialista das Luzes francesas em Berlim⁸⁴, juntamente com a reposição de um novo olhar sobre a Antigüidade⁸⁵: a noite, o gótico, o irracionalismo são termos em oposição aos valores Iluministas, na busca de afirmação de uma identidade claramente demarcada, segundo nos mostra a própria Mme de Staël:

"Os alemães, por um defeito oposto [ao dos franceses], apreciam as trevas; freqüentemente preferem remeter à noite o que era do dia, do que seguir o caminho já trilhado; a repugnância que têm pelas idéias comuns é tal que, quando se encontram na necessidade de retomá-las, cercam-nas de uma metafísica abstrata que pode lhas fazer crer novas até que sejam reconhecidas". [I, 2, I]

⁸⁴"O movimento, sem dúvida, conserva certos traços da filosofia da Ilustração: radicaliza a revolta intelectual contra o regime absolutista e acentua as tendências empiristas, geralmente associadas ao racionalismo popular do Século das Luzes. Entretanto, o que prevalece é o violento impulso irracionalista e a luta contra a Ilustração. O empirismo inglês chegara, na filosofia de Hume, a consequências céticas que abalaram a fé na razão. Com efeito, o ceticismo filosófico tende a favorecer, com frequência, movimentos irracionalistas que declaram, de um lado, a bancarrota da razão e do intelecto e proclamam, de outro lado, o valor supremo dos impulsos e emoções, da intuição e da sensibilidade, do inconsciente e da inspiração do 'gênio', contraposta à inteligência crítica do 'artista'." Anatol ROSENFELD. *Autores Pré-românticos Alemães*. SP, E.P.U., 1991, p.7.

⁸⁵"O helenismo marcou igualmente Weimar, Iena e Heidelberg, Goethe e Hölderlin. Os clássicos franceses, eles também, invocaram os Antigos, mas o objeto de sua reverência não era o mesmo que o dos clássicos alemães. Formados pelos Jesuítas ou, como Racine, por Port-Royal, os escritores de Versailles mantinham o ideal das belas-letas, definido por um corpus de textos exemplares e um código de preceitos dos bons costumes literários. Este sistema teórico, tendo valor canônico, se desagrega ao longo do século XVIII. A Alemanha é o berço da filologia científica, nova maneira de ler os textos fora dos preconceitos estabelecidos." GUSDORF, *Op. Cit.* vol. VII, p. 407.

Entre estes dois conjuntos - França e Alemanha - haveria uma intersecção composta por cosmopolitas e gênios, pontes de compreensão das diferenças e reconhecimento das igualdades, espécie de missão do escritor a partir do século XVIII e papel de *De l'Allemagne*⁸⁶.

Ao centrar-se na contraposição entre os dois "países", Mme de Staël recorre inevitavelmente a reduções, a generalizações funcionais, a fim de dar conta da multiplicidade de objetos que aborda, e da multiplicidade própria à cultura e natureza de "ambas" as nações.

Esta necessária redução é aludida pela própria autora ainda ao início do livro:

"Apenas alguns traços principais podem igualmente convir a toda a nação alemã, pois tal é a diversidade deste país, que não se saberia como reunir, sob um mesmo ponto de vista, religiões, governos, climas e povos assim tão diferentes". [I, 1, II, p. 55];

Expõe-se assim ao leitor uma limitação "possível" efetuada sobre o variado cenário natural e cultural, onde se desenrolam as relações sociais, numa influência conjunta sobre a produção filosófica e literária alemã.

Tendo analisado os manuscritos de *De l'Allemagne*, o crítico Manfred Gsteiger destaca algumas formas pelas quais se operaram essas reduções, seja na comparação desses textos que revelam determinadas opções da autora ao tomar a parte pelo todo, seja em razão de um critério nacionalista, quando, por exemplo, a peça *Miss Sara Sampson* de Lessing não é contabilizada por não ser alemã, mas de "um espírito filosófico esclarecido"⁸⁷.

Iniciado com *De la Littérature* a preocupação de Mme de Staël com a questão da relação entre cultura e nacionalidade, ocupa um lugar central em *De l'Allemagne*, tornando-se uma categoria recorrente nas abordagens de obras e autores:

"As poesias alemãs isoladas são, a meu ver, ainda mais notáveis que os poemas, e é sobretudo neste gênero que se encontra impresso o selo da originalidade: é verdade também que os autores mais citados sob este aspecto, Goethe, Schiller e Bürger, etc., são da escola

⁸⁶Em 1755, "J.-J. Rousseau fala das grandes almas cosmopolitas que atravessam as barreiras imaginárias que separam os povos e, a exemplo do Estado Soberano que as criou, abarcam todo o gênero humano na sua benevolência. O cosmopolita passa do antigo desprezo em que era mantido por não ter pátria, à consideração por ter várias." Cf. no livro de Paul HAZARD, *O Pensamento Europeu no século XVIII*, vol. II, Editorial Presença e Martins Fontes, Lisboa, 1974, p. 50.

⁸⁷GSTEIGER traz a forma final "as casas feitas de barro" contrapondo-a a dois manuscritos (A e B) que trazem "as casas feitas de barro ao norte" (cap. I, parte I). Cf. nas páginas 15 e 19 do artigo, *Réalité et utopie de l'Allemagne staëlienne. Cahiers staëliens*, n° 37:6-22, 1985-1986.

moderna, e que somente ela possui um caráter verdadeiramente nacional". [I, 2, XIII]

Este caráter nacional, original, no entanto, não estaria necessariamente relacionado a uma representação ficcional voltada para o mundo exterior, e mesmo histórico, possuindo antes seu lugar nos sentimentos, no plano interno, de um caráter, de um espírito da nação:

"Não há muitos vestígios da história antiga dos germânicos; a história moderna é demasiadamente dividida e confusa para que possa produzir sentimentos populares: é apenas em seu coração que os alemães podem encontrar a origem dos cantos verdadeiramente patrióticos". [I, 2, XII]

Todos os recursos para a apreensão da Alemanha, na primeira parte do livro onde se apresenta um quadro sócio-cultural e "ambiental" do "país", submetem-se a uma forma literária do tipo diário de viagem. Este desenho inicial não deixa de trazer consigo um apelo especial ao sentimento do leitor francês, a quem o livro está particularmente direcionado, levando-o a identificar-se com a autora, seduzido pelas impressões de viagem e pela simpatia proveniente do estranhamento compartilhado. Este apelo acha-se reforçado ainda pelo tratamento dispensado ao leitor, a quem, em certos momentos, a autora chega a se dirigir diretamente, ora invocando-lhe um testemunho ora dando-lhe conselhos, ora compartilhando sua origem francesa.

Pela travessia de várias fronteiras, o "trabalho de campo e a observação" - como no caso de *Corina* -, a autora aprofunda o viés sociológico iniciado com *De la Littérature*. Contudo, enquanto em *Corina* a ficção contém passagens dotadas de informações históricas, em *De l'Allemagne*, em certos momentos, empresta-se o lirismo a um produto não ficcional.

O ENFOQUE SÓCIO-POLÍTICO

Vista em contraponto com a "ensolarada" Itália, a natureza hostil da Alemanha levaria seus habitantes a um contínuo esforço no sentido de melhorá-la e de se defender dela, promovendo a dedicação, a seriedade e a meditação pela própria inexistência de prazeres fáceis, ao mesmo tempo em que desenvolve a imaginação:

[...] "de Weimar a Koenigsberg, e de Koenigsberg a Copenhague as neblinas e as geadas parecem o elemento natural dos homens de imaginação forte e profunda.[...] é preciso convir, os climas temperados são mais apropriados à convivência social que à poesia. Quando o clima não é nem severo nem bom, quando se vive sem ter nada a temer nem a esperar do céu, praticamente nos ocupamos apenas dos interesses positivos da existência. A imaginação é fortemente agitada pelas delícias do sul ou pelos rigores do norte. Seja no lutar contra a natureza, seja no inebriar-se com seus dons, o poder da criação não é menos forte, e desperta em nós o sentimento das belas-artes ou o instinto dos mistérios da alma." [I, 1, V]

Esse valor central dado à imaginação alemã já era defendido pelos próprios alemães, tal como a autora nos mostra ao citar J. P. Richter: "o domínio do mar pertencia aos ingleses, o da terra aos franceses, e o do ar aos alemães" [I, 1, II, p. 57].

Para corroborar com esta tese, Mme de Staël fundamenta-se especialmente pela análise do quadro político-social. Verificando a variedade de religiões, governos, povo e mesmo climas que compõe a Alemanha, ela passa a postular como principal causa da fértil imaginação e do gênio dos escritores alemães, a falta de uma centralização política, de vida em sociedade; esta falta, ao mesmo tempo em que proporciona uma liberdade de pensamento, concorreria também para a introspecção, a meditação, o recolhimento cultivado/partilhado pelos escritores alemães [Ver excertos, parte I, **DOS COSTUMES E DO CARÁTER DOS ALEMÃES**].

Nesse momento, a autora nos remete a um paradoxo ao que tudo indica insolúvel: no nível individual, a falta de centralização política, ao enfraquecer o poder de coação de um determinado grupo social, facilitaria o desenvolvimento do gênio e da imaginação; em contrapartida, no nível político, tem-se a impossibilidade de um Estado nacional com instituições fortes que assegurem sua existência, e, logo, a própria liberdade individual frente a outras nações. A saída deste impasse estaria, segundo a autora, na preservação de um "egoísmo saudável" da parte dos alemães, fundamental à existência de sua nação.

Mesmo que não explicitado em *De l'Allemagne*, caberia a um governo representativo ser o suporte institucional necessário à existência de uma nação em sua diversidade, produzindo em tese uma centralização política com condições tanto de defender suas fronteiras físicas e uma certa identidade lingüística e cultural, quanto de manter a imperativa liberdade de expressão.

Mme de Staël defende a liberdade política que por sua vez possibilitaria a liberdade poética, isto é, dos "vãos da imaginação" que, no caso dos alemães conquistam-lhe a admiração, não deixando, entretanto, de serem censurados por uma

falta de objetividade. A autora observa que esta “falta de direcionamento e limites” da imaginação dos escritores alemães leva-os, no plano político, a se distanciarem da realidade político-social: “Este real, tão desdenhado por eles, encontra entretanto aquiridores que logo levam o tumulto e o incômodo ao império da imaginação” [I, 1, II, p. 63]. Num trecho que não passou despercebido aos censores franceses da primeira edição, sob o Império napoleônico.

Note-se que, em acordo com a época, a nação é tratada como um indivíduo, recebendo conselhos, reprimendas e elogios. Esta individuação, conferida pelos “traços marcantes do povo alemão”, concorre para a posição intermediária de Mme de Staël que se coloca como mediadora de uma disputa em que convida os êmulos - França e Alemanha - a uma solução conciliatória, pelo reconhecimento recíproco de igualdades e diferenças. Numa negociação contínua, pretende-se a manutenção de certas diferenças originais, indispensáveis à manutenção da identidade de ambas as nações, ao mesmo tempo em que se propõe uma troca de “influências benéficas”⁸⁸. Mme de Staël exerce pela crítica literária a função de embaixatriz.

No caso da “nação germânica”, a identidade é criada a partir de uma certa idealização, decorrente da focalização de determinados aspectos do espírito humano, tomados como constituintes básicos e pronunciados do caráter do povo alemão, tais como a sinceridade, a lealdade, o gênio, a imaginação, a disposição ao trabalho e à reflexão, além de uma “natural” musicalidade.

Diversamente do que se imaginava pelo confisco do livro em 1810 e pelas críticas recebidas à época, as observações de Staël para com a Alemanha, como vimos, suavizam, ou ao menos contrapõem-se a um certo tom apologético existente, diagnosticando-lhe ‘defeitos’, e apresentando-lhe saídas, geralmente uma terceira via resultante de seu sistema de oposições.

Em seu papel de mediadora, Mme de Staël propôs à Alemanha, sem abrir mão de sua identidade, que assimilasse alguns traços da França ‘úteis’ à sua formação, fazendo o mesmo em relação à França: enquanto a jovem Alemanha com sua imaginação, entusiasmo, emoção e originalidade, serve de inspiração à França; esta última, por sua vez, mais que madura, necessitada de reanimar-se, rejuvenescer-se, traz seu ‘exemplo de vida’ para conter os ‘arroubos juvenis da outra’.

⁸⁸ Pierre Macherey aponta o caráter original desta tese de Mme.de Staël, “segundo a qual não pode haver identidade cultural senão no interior deste sistema complexo de relações que reúne as culturas, mantendo suas diferenças e oposições. Cf. em, “Un imaginaire cosmopolite: la pensée littéraire de Mme. de Staël”, in: *Op. cit.*, p. 35.

De modo inverso ao romance *Corina*, em que as personagens são emblemáticas de seus países, os países em *De l'Allemagne* transformam-se em personalidades. Nesta primeira parte, tem-se a apresentação do cenário e das personagens promovendo-se assim a disposição do público para a exposição de autores e idéias diversas.

Vista como estrangeira por alguns setores da sociedade francesa, Mme de Staël situa-se em uma posição privilegiada para adotar este papel de magistrada internacional, assim como ao escritor de gênio era reputado o direito de *magistrado de sua pátria*⁸⁹.

A ESCOLHA DE AUTORES E OBRAS

A posição de mediadora internacional estende-se pela segunda parte do livro, onde são focalizadas as artes e a literatura, e para a qual são dedicados um terço de *De l'Allemagne*.

Os autores são retratados, sempre que possível, com base nos encontros e conversações estabelecidas pela autora, que tende a caracterizá-los em seus aspectos individuais, sem maiores preocupações com a descrição física, que se verificava nos *portraits*, focalizando seu interesse na composição de quadros "psicológicos" e morais.

O *Sturm und Drang*, o Classicismo de Weimar e o Romantismo de Iena - cuja revista *Athenaeum* não chega sequer a ser mencionada - ainda não recebem uma distinção, sendo denominados de um modo geral de Nova Escola. O destaque é dado a Goethe e Schiller que, inicialmente identificados com o *Sturm und Drang*, estabeleceram um Classicismo germânico.

Apesar da proximidade de August Schlegel, foi-lhe concedido apenas um pequeno capítulo compartilhado com seu irmão Friedrich⁹⁰.

No momento, a melhor referência sobre as escolhas e ausências em *De l'Allemagne* está no livro *L'Allemagne et Madame de Staël*, no qual o autor, Georges Solovieff, aborda treze dos autores mais destacados por Mme de Staël, no intuito de

⁸⁹Segundo citação do abade Raynal extraída de sua *Histoire philosophique et politique des établissements et du commerce des Européens dans les deux Indes* (t. X, p. 94 da ed. em 10 vols. de Genebra, Pellet, 1781). Ver nota 16, p. 28 da *Op. cit* de Paul BÉNICHOU.

⁹⁰Segundo Georges Gusdorf, a influência do romantismo do *Atheneum* não foi tão grande para a época, tendo tido uma breve existência. GUSDORF. *Op. cit*, p.16.

completar-lhes o quadro de suas obras, e esclarecer algumas das opções feitas pela autora.

Segundo Solovieff, nem todas as obras dos autores abordados em *De l'Allemagne* foram citadas ou comentadas, assim como nem todos os autores alemães do período foram contemplados, inclusive alguns que constavam da Biblioteca de Coppet⁹¹. Não foram citados os autores da chamada segunda geração romântica como, Brentano, Görres e Creuzer, nem os de tendências "populares, patrióticas, nacionalistas e até beligerantes e religiosas, suscitadas pelo estado de guerra", tendências que Mme de Staël apenas faz entrever⁹²; dentre os autores do Primeiro Romantismo, as ausências mais notáveis, seriam Wackenroder, Hölderlin e Kleist⁹³.

Outra ausência notável está em Hegel, para o que Solovieff aponta como principais razões: primeiro, a discordância com os irmãos Schlegel, particularmente com Friedrich cujo curso sobre filosofia transcendental foi duramente criticado por Hegel como sendo "bastante medíocre"; segundo, o fato de a maior parte das obras de Hegel ter sido lançada após a composição de *De l'Allemagne*⁹⁴.

É interessante destacar ainda que, segundo Domenico Losurdo, Hegel havia se afastado dos liberais, mantendo uma certa simpatia maior pela aristocracia. Na análise comparativa que faz entre Hegel e Montesquieu, Losurdo evidencia, por exemplo, o modo como o primeiro retira o peso da vontade popular sobre os acontecimentos históricos proposto pelo segundo⁹⁵.

Com relação aos Schlegel, pode-se acrescentar ainda que, já em 1798, o jovem Friedrich Schlegel apontava um intransponível fosso a separar os românticos do "professor Hegel", o qual é definido como um "administrador-gerente de um sistema hermeticamente fechado, que reduz à obediência de uma razão perfeitamente articulada o passado, o presente e o futuro da humanidade"⁹⁶.

⁹¹No capítulo XXXI, p. 67, de *De l'Allemagne*, Mme. de Staël reconhece que tratou apenas de designar as obras principais, "mas que existiam outras de grande importância para a instrução dos que as lêem."

⁹²Georges SOLOVIEFF. *L'Allemagne de Mme. de Staël*, Klincksieck, Paris, 1990, p. 38.

⁹³Quanto a Wackenroder, cujas duas obras se encontravam em Coppet, a hipótese de sua ausência recaí sobre possíveis críticas de Goethe que jamais lhe admitiria as idéias ultraromânticas, e cuja opinião poderia ter influenciado August Schlegel então seu grande admirador. Com relação a Hölderlin, protegido por Schiller no início de sua carreira, novamente a ausência estaria relacionada a Schlegel, cujas relações com Schiller haviam se tornado tensas com o tempo. Por fim, no caso de Kleist, tratar-se-ia também das reticências de Goethe. Para um melhor conhecimento destas questões, ver a *op. cit.*, de SOLOVIEFF, especialmente pp. 40-45.

⁹⁴*Idem Ibidem*, p. 41.

⁹⁵Domenico LOSURDO. *Hegel et les libéraux*, Paris, PUF, 1992, especialmente pp. 159-161.

⁹⁶Georges GUSDORF, *Le Romantisme I*, Paris, Payot, 1993, p. 484.

A OPOSIÇÃO CLÁSSICO-ROMÂNTICO E SEUS DESDOBRAMENTOS

Na segunda parte, encontra-se a célebre contraposição entre poesia clássica e romântica, a qual aparece concomitantemente, mas com algumas diferenças, em Villers, Sismondi e Schlegel⁹⁷.

Goethe, em *Conversas com Eckermann* (1830), dava como procedência desta divisão, aquela estabelecida por Schiller entre a poesia ingênua e a sentimental, formulada em artigos escritos entre 1794-96. De modo resumido, em Schiller, a poesia dos antigos corresponderia à poesia ingênua, sendo ou se parecendo natural, instintiva, individual ou clássica, enquanto que para os modernos tem-se a poesia sentimental, não no sentido de um sentimentalismo, mas antes, de uma atitude de reflexão sobre os sentimentos causados pelos objetos sobre o poeta⁹⁸.

Na contraposição posterior, temos, segundo Mme de Staël, o termo clássico, até então tido como sinônimo de perfeição, passando a designar a poesia dos Antigos - gregos e romanos -, à qual havia se inclinado a poesia francesa pautada em sua imitação; já, a poesia romântica, cristã e cavalheiresca, seria baseada na inspiração e originalidade, "sob o impulso e desenvolvimento espiritualista" [I, Observações Gerais, p. 46], possibilitando o recurso aos sentimentos, caso de ingleses e alemães.

Pode-se dizer que, na passagem do século XVIII para o XIX, ocorre um desdobramento da antiga Querela de Antigos e Modernos, da França do século XVII.

Porém, na querela francesa tratava-se de afirmar o valor de um Racine ou de um Corneille, por parte dos *mondains* contra um gosto clássico estéril da Antigüidade defendido pelos eruditos, numa disputa baseada ainda na força da razão e de regras.

Já, a dicotomia elaborada no século XVIII, com a emergência do valor do sentimentos e da reflexão sobre os sentimentos na ficção, a literatura "classicizada" do século XVII francês passa a se debater com o *je ne sais quoi*, o "espírito romântico" ainda em formação, e sua recusa às adequações a regras neoclássicas, tanto por alemães quanto por uma parcela dos franceses⁹⁹. Grosso modo, enquanto na primeira querela buscava-se estabelecer a cultura e língua francesas versus a influência da cultura e língua latinas, tem-se ao fim do século XVIII, na "Alemanha", a fundamentação de uma cultura germânica frente a influência francesa; e ainda, por

⁹⁷Villers, por exemplo, já havia dado uma definição interessante da palavra romântico que na Inglaterra e França seria ligada à idéia de romanesco ou pitoresco, enquanto que para a Alemanha o espírito das literaturas romanas, era nascido do gênio germânico e do gênio latino. Ver, Edmond EGGLI, *Le Débat Romantique en France. 1813-1830*. Paris, PUF, p. 26.

⁹⁸Para um melhor conhecimento das questões que envolvem esta divisão de Schiller, ver a apresentação de Márcio Suzuki, à *Poesia Ingênua e Sentimental*, SP, Iluminuras, 1991.

⁹⁹Ver FAYOLLE, *Op. cit.*, pp. 46-49.

extensão de ambas, de uma cultura cristã europeia versus uma cultura pagã greco-romana.

A poesia romântica, tomada enquanto a poesia da nova era, da era cristã, é valorizada em relação à poesia clássica considerada como uma poesia pagã "transplantada", que se tornou estéril pela mudança das condições sócio-políticas e religiosas que a formaram, provocando um divórcio entre o público e o espetáculo, em acordo com a "voz corrente no 'partido dos filósofos'"¹⁰⁰. Este conceito se estabelece assim sobre uma defasagem de ordem moral e estética, sobre o descompasso entre conteúdo e forma, representações e realidades externa e interna. O hábito da reflexão cristã seria o ponto diferenciador da nova realidade do homem, expandindo-lhe o interior, cuja representação passa a requerer novas formas, uma vez que os Antigos, segundo a construção "romântica", atinham-se a formas aplicadas a um conteúdo diverso, isto é, ao homem em suas relações com o mundo externo:

"A civilização moderna multiplicou as observações sobre o coração humano: o homem conhece melhor o homem, e a alma, por assim dizer disseminada, oferece ao escritor mil nuances novas". [I, 2, XXVI]

O cristianismo cindido em várias interpretações, tem em *De l'Allemagne*, a valorização de sua parte protestante. Veja-se abaixo a defesa explícita de uma superioridade intelectual dos protestantes, fundamento da nova literatura alemã, de seu "Romantismo":

"As universidades alemãs têm uma antiga reputação que data de vários séculos antes da Reforma. Desde aquela época, as universidades protestantes são incontestavelmente superiores às católicas, e toda glória literária da Alemanha diz respeito a essas instituições". [I, 1, XVIII]

Pela contraposição entre as poesias clássica e romântica - com o termo poesia aqui compreendendo o sentido mais amplo de literatura -, Mme de Staël defende para a França a renovação das idéias sobre o gosto literário, através de um sistema crítico baseado também em um jogo de oposições: ao cruzamento entre os critérios temporal-religioso (cristãos/pagãos) e espacial-geográfico (norte/sul), estabelecido em *De la Littérature*, insinua-se também o de raça (germânicos/latinos).

¹⁰⁰Consideração feita por Rousseau na carta XVII, parte II, da *Nova Heloisa*. Cf. na apresentação de L. F. Franklin de Matos ao livro de DIDEROT, *Discurso sobre a Poesia Dramática*, SP, Brasiliense, 1986, p 18.

Para a autora, os germânicos teriam passado da barbárie ao cristianismo sem a sedimentação de valores da Antigüidade, que lhes teriam chegado como que "por correspondência", apesar de ter reconhecido, especialmente em Lessing e Winckelmann, uma superioridade alemã em relação aos franceses para com os estudos sobre essa mesma Antigüidade.

A noção de poesia romântica serviria também para reafirmar a idéia da perfectibilidade: seja a do indivíduo, por meio de uma literatura que estimula o auto-conhecimento, seja a da literatura francesa, que, como Mme de Staël o afirmou, "vivifica" novamente, ao obter um novo ponto de partida, de crescimento, confirmando por sua vez uma "superação" de certos valores culturais-morais da Antigüidade:

"A literatura romântica é a única que ainda seria suscetível de ser aperfeiçoada, uma vez que tendo suas raízes em nosso próprio solo, é a única que poderia crescer e vivificar novamente. Ela exprime nossa religião, lembra nossa história. Sua origem é antiga, mas não da Antigüidade.[...] A poesia clássica deve passar pelas lembranças do paganismo para chegar até nós. A poesia dos germânicos pertence à era cristã das belas-artes; ela se serve de nossas impressões pessoais para comover." [I, 2, XI]

Porém, mais que ao esquema binário clássico/romântico, Mme de Staël atenta para a contraposição inspiração/imitação. A eclosão da sensibilidade romântica não havia influenciado os autores alemães do século XVIII no sentido de renegar a Antigüidade em detrimento da Idade Média, numa específica preocupação com o resgate de tradições "nacionalizadas"; ambas as épocas são recuperadas, porém, de modo diverso à da contraparte francesa. A Antigüidade apresenta-se a eles em termos de inspiração e não em vontade de imitação formal das obras, concorrendo para a abdicação das intransponíveis regras poéticas.

Com o desdobramento no binômio imitação/inspiração, Mme de Staël reconhece um anacronismo da dramaturgia francesa, proveniente da "imitação" das obras da Antigüidade, gerando uma produção "artificial", desnaturalizada. Deve-se ter em mente que, após Diderot, Rousseau e Voltaire, a literatura francesa da Revolução e do Império passou a receber incentivos para a manutenção do processo imitativo da Antigüidade, verificada também na política e demais artes.

Já, a contraparte alemã passa a ter o mérito de se inspirar em temas e valores próprios ao "país" e à religião cristã, recuperando a "cor do tempo" pelo recurso à história.

A inspiração surge no Romantismo alemão como um elemento essencial que se contrapõe à idéia de imitação de modelos Antigos e da própria realidade e, segundo GUSDORF, o próprio romantismo surge como *inspiração a uma busca, como um fermento cultural, um tipo de sensibilidade característica da época*¹⁰¹. O binômio imitação/inspiração demonstra-se mais apto a dar conta do novo quadro literário.

Irving Babbitt nos aponta que as principais influências contra a "doutrina da imitação" vem de origem inglesa: "tanto do naturalismo científico ou racionalista quanto do naturalismo emocional"¹⁰². A imitação seria da ordem do artificial enquanto que a inspiração da ordem do natural.

Em seu poder de inspiração, os temas da Antigüidade, assim como os da Idade Média, passam a ser abordados pelos alemães por meio de um maior conhecimento histórico dos costumes da época. Poder-se-ia arriscar a dizer que, na realidade, o mergulho no "espírito" da época ocasionava um novo tipo de imitação, não das obras mas justamente a da "cor do tempo".

A idéia de inspiração atém-se particularmente à poesia lírica, que recebeu grande impulso com o advento do Romantismo alemão, em suas preocupações com os sentimentos evocados pela contemplação do infinito - questão que retomarei à frente - , quando o poeta mergulha em si envolto pela melancolia frente ao inatingível. A noção de inspiração possibilita ao poeta um caráter divinatório, que retomado dos gregos, é pretendido ao poeta cristão, como que sacralizando-o.

REPENSANDO O ROMANCE

O resgate histórico-literário da Idade Média efetuado pelos alemães, levando-os à reutilização das crenças do período, amplia o espaço dado ao sobrenatural na literatura.

Ao comentar a desenvolvida literatura de terror produzida na Alemanha, Mme de Staël mantém algumas "reticências francesas", pois, ao mesmo tempo em que indica possíveis correlações entre este tipo de literatura com a *Ilíada* e a *Odisséia*, censura-lhe o caráter supersticioso, que se contrafaz, do seu ponto de vista, as "opiniões verdadeiras" da religião:

¹⁰¹GUSDORF, *Op. cit.*, vol. I, p. 15.

¹⁰²Cf. no livro de I. BABBITT, *Op. Cit.*, p. 43.

"Shakespeare extraiu efeitos prodigiosos dos espectros e da magia, e a poesia não poderia ser popular ao desprezar aquilo que exerce uma influência espontânea sobre a imaginação. O gênio e o gosto podem presidir o emprego destes contos: é preciso que exista muito mais talento na maneira de tratá-los, quando a matéria é popular; porém, é possível que a grande força de um poema consista apenas desta união. É provável que os acontecimentos recontados na *Iliada* e na *Odisséia* tenham sido cantados por amas de leite antes que Homero os transformasse em obras-primas da arte". [1, 2, XIII]

Contudo, o predomínio da imaginação, nesse tipo de romance, torna-o mais tolerável em relação àqueles que se fiam em eventos históricos, e mesmo aos que se pautam pelo recurso à filosofia e mistura de gêneros, afastando-se aqui do modelo rousseauiano da *Nova Heloísa*¹⁰³:

"Desejou-se dar mais importância a este gênero misturando-lhe a poesia, a história e a filosofia; parece-me que isto o desnatura. As reflexões morais e a eloquência apaixonada podem encontrar lugar nos romances; mas o interesse das situações deve ser sempre o primeiro móvel deste tipo de escrito, e jamais nada pode tomar-lhe o lugar. Se o efeito teatral é a condição indispensável de toda a peça representada, é igualmente verdadeiro que um romance não seria nem uma boa obra, nem uma ficção feliz, se não inspirasse uma curiosidade viva; é em vão que se gostaria de suprir ali por digressões espirituosas, a espera enganosa de diversão causaria uma fadiga intransponível". [II, 2, XXVIII]

A estas críticas para com o romance, soma-se uma afirmação por demais estranha, que contradiz seu entusiasmo pelo estudo das paixões, indo contra, até mesmo, à sua valorização da literatura moderna sobre a antiga:

Não dissimularei entretanto que os romances, mesmo os mais puros, são daninhos; eles nos ensinaram demasiadamente o que há de mais secreto nos sentimentos. Não é possível experimentar mais nada sem praticamente se lembrar de tê-lo lido; todos os véus do coração foram rasgados. Os Antigos jamais teriam assim feito de sua alma um tema

¹⁰³Estranhamente, Staël inverte a influência de Rousseau em relação aos alemães, colocando-o como pertencente à escola alemã: "Os franceses, entretanto, ganhariam mais em conceber o gênio alemão, do que os alemães em se submeter ao bom gosto francês. Todas as vezes em que, em nossos dias, foi possível introduzir um pouco da seiva estrangeira na regularidade francesa, os franceses aplaudiram com arrebatamento. J.-J. Rousseau, Bernardin de Saint-Pierre, Chateaubriand, etc., em algumas de suas obras, são todos, mesmo sem o saber, da escola germânica, isto é, eles extraem seu talento apenas do fundo da alma". [I, 2, I]

de ficção; permanecia-lhes um santuário onde até mesmo seu próprio olhar teria medo de penetrar" [II, 2, XXVIII]

Se Mme de Staël não tivesse ressaltado que "mesmo os romances mais puros" seriam daninhos, seria possível relacionar esta crítica a Laclos cuja obra lhe dava "frêmitos", ou ainda a Sade, para quem ela não teria maiores benevolências, uma vez que já havia condenado a licenciosidade de Crébillon filho. pois, do ponto de vista moral; suas censuras recaíam sobre obras que não trouxessem a "redenção" do vício pela virtude, base de sua censura ao *Fausto* de Goethe:

"Há [em *Fausto*] um poder de feitiçaria, uma poesia de mau princípio, uma embriaguez do mal, um desvio do pensamento que faz estremecer, rir e chorar ao mesmo tempo. Parece que, por um momento, o governo da terra fica nas mãos do demônio. [...] O caráter de Mefistófeles supõe um inesgotável conhecimento da sociedade, da natureza e do maravilhoso. Fausto é o pesadelo do espírito, mas um pesadelo que dobra sua força. Encontra-se ali a revelação diabólica da incredulidade" [I, 2, XXIII]

Ao comentar *Fausto*, Mme de Staël demonstra uma atitude ambígua de admiração intelectual e repúdio moral, dizendo ainda que a obra não seria "um bom modelo. Seja por poder ser considerada como uma obra do delírio do espírito ou da sagacidade da razão" [Ver excertos, parte II, *FAUSTO*]; não há dúvidas do poder da obra de Goethe para instigar a reflexão mas, ao mesmo tempo, ele é criticado pelo que poderíamos chamar uma inexistência de Deus - do Bem -, numa estória em que, para Mme de Staël, tanto o crime como a punição da personagem pareciam vir apenas do mal.

TEATRO E HISTÓRIA

Apreciando singularmente o teatro, desde os primeiros anos da juventude, Mme de Staël detém-se particularmente na análise e apresentação das peças alemãs, em especial das criações de Goethe e Schiller.

Suas reticências para com o romance de base histórica não se aplicam ao teatro, onde a importância da história é inteiramente reconhecida:

"Nada na vida deve ser estacionário, e a arte se petrifica se não muda. Vinte anos de revolução deram à imaginação outras necessidades além das que experimentava quando os romances de Crébillon descreviam o amor e a sociedade da época. Os temas gregos estão esgotados; [...] a tendência natural do século é a tragédia histórica".
[I, 2, XV]

No caso da *Maria Stuart* de Schiller, são aceitas até mesmo alterações nos relatos da história, no caso, a mudança do caráter da personagem principal devido a uma possibilidade verossímil, dado pelo desenrolar dos acontecimentos [Ver excertos, parte II, *MARIA STUART*]

Ao mesmo tempo louvando e censurando as ousadias dos alemães neste gênero, Mme de Staël tenta manter uma "equidistância" entre os sistemas dramáticos francês e alemão. Contudo, ela não deixa de afirmar uma preponderância da dramaturgia francesa. Apesar de aceitar as inovações românticas relativas ao uso das categorias de tempo e lugar, a fim de se demonstrar a marcha da transformação interna das personagens, Staël ressalta uma superioridade dos franceses, tanto sobre ingleses e alemães quanto até mesmo sobre os Antigos, pela capacidade de emocionar e pelo conhecimento dos Homens dado pela vida em sociedade:

"De nossos grandes poetas trágicos Voltaire é o que mais freqüentemente tratou dos temas modernos. Ele se serviu, para comover, do cristianismo e da cavalaria, e para quem for de boa fé, parece-me convir que *Alzira*, *Zaïre* e *Tancredè* fazem verter mais lágrimas do que todas as obras-primas gregas e romanas de nosso teatro.[...] nada pode ser comparado ao conjunto imponente e bem combinado de nossas obras-primas dramáticas: a questão somente é saber se ao limitar-se, como no momento se faz, à imitação destas obras-primas, algum dia existirão novas". [I, 2, XV]

"Não se poderia negar entretanto, estas idéias engenhosas não bastam para fazer uma boa comédia, e os franceses têm, como autores cômicos, a vantagem sobre todas as nações. O conhecimento dos homens e a arte de usar este conhecimento lhes asseguram, sob este aspecto, a primeira posição"; [II, 2, XXVI]

Não nos esqueçamos que esta defesa da superioridade frente aos Antigos conta com a "correção" de ordem moral das obras da antigüidade clássica feita pelos franceses. Sua posição de mediadora é mantida assim de um lado, sob a pressão e marca de sua educação francesa e de outro pelo entusiasmo para com as novas "regiões intelectuais".

Em relação ao teatro germânico, Mme de Staël valoriza-o por sua utilização da história moderna em novos e necessários parâmetros estéticos, em detrimento da unidade de tempo e lugar:

"Os franceses consideram a unidade de tempo e lugar como uma condição indispensável da ilusão teatral; os estrangeiros fazem com que esta ilusão consista na descrição dos caracteres, na verdade da linguagem e na exata observação dos costumes do século e da região que se quer descrever. É preciso entender a palavra ilusão nas artes: uma vez que consentimos em crer que atores, separados de nós por algumas tábuas, são heróis gregos mortos há três mil anos, é bem certo que o que se chama de ilusão, é não imaginar aquilo que realmente existe; uma tragédia somente pode parecer verdadeira pela emoção que nos causa. Ora, se, pela natureza das circunstâncias representadas, acrescenta-se a mudança de lugar e o prolongamento suposto do tempo a esta emoção, a ilusão torna-se mais viva". [I, 2, XV]

o que não ocorria com os franceses que tentavam vestir os temas modernos com uma roupagem antiga e apertada:

"Os temas históricos prestam-se ainda menos do que os temas de invenção às condições impostas aos nossos escritores: a etiqueta trágica que é rigorosa em nosso teatro opõe-se freqüentemente às novas belezas de que as peças extraídas da história moderna seriam susceptíveis.[...]

Pode-se citar um exemplo recente do que custa a adequação aos temas extraídos da história moderna, à nossa ortodoxia dramática. *Les Templiers* do Sr. Renouard é certamente uma das peças mais dignas de louvor surgida há tempos; entretanto o que há de mais estranho do que a necessidade encontrada pelo autor para representar a ordem dos templários acusada, julgada, condenada, e queimada, totalmente em vinte e quatro horas? Os tribunais revolucionários eram rápidos; porém qualquer que fosse sua atroz boa vontade, eles jamais chegariam a ser tão rápidos quanto uma tragédia francesa. Eu poderia mostrar os inconvenientes da unidade de tempo com uma tal evidência em quase todas as nossas tragédias extraídas da história moderna; porém preferi escolher a mais notável para realçar estes inconvenientes". [I, 2, XV]

A POESIA

O termo poesia é utilizado em acepções oscilantes, próprio à época, sendo tomado ora em um sentido mais amplo de literatura, ora em um sentido mais específico de lirismo. A própria Mme de Staël admite sua impotência na definição estética do termo, atendo-se a uma concepção religiosa:

"É fácil dizer o que não é poesia; porém quando se quer compreender o que ela é, é necessário pedir o socorro das impressões estimuladas por uma bela região, uma música harmoniosa, o olhar de um objeto querido, e acima de tudo um sentimento religioso que nos faça experimentar em nós mesmos a presença da divindade. A poesia é a linguagem natural de todo os cultos. A Bíblia está repleta de poesia, Homero está repleto de religião; não que existam ficções na Bíblia, ou dogmas em Homero; porém o entusiasmo reúne em um mesmo foco sentimentos diversos, o entusiasmo é o incenso da terra para o céu, reunindo-os um ao outro". [I, 2, X]

Ressalte-se que à época tanto os dramas, quanto até mesmo os contos, tinham formas versificadas, dificultando ainda mais a distinção que hoje se verifica ao se contrapor poesia e prosa; a noção de poesia lírica, enquanto gênero poético "puro", ainda estava em formação. Mme de Staël, em acordo com os românticos alemães, e mesmo não tendo se dedicado a este gênero poético, reconhece aí o lugar próprio do sentimento, lugar também reconhecido já na poética neoclássica¹⁰⁴.

Num nível mais propriamente estético, a poesia é caracterizada como o lugar poético das imagens e metáforas, induzindo Mme de Staël a traçar um paralelo entre o poeta e o povo:

"as nações poucos civilizadas começam sempre pela poesia, e quando uma paixão forte agita a alma, os homens mais comuns se servem, sem o saber, de imagens e metáforas; eles pedem em seu socorro a natureza exterior para exprimir o que se passa neles de inexprimível. As pessoas do povo estão muito mais próximas de serem poetas do que os homens de boa sociedade, pois as conveniências e a zombaria são apropriadas apenas enquanto limites, não podendo inspirar nada". [I, 2, X]

¹⁰⁴"Como é ainda Batteux a dizê-lo, 'na poesia épica e dramática imitam-se as ações e os costumes; no lírico cantam-se os sentimentos ou as paixões imitadas'." Ver em Gérard GENETTE, *Introdução ao Arquitexto*, Lisboa, Vega, 199x, p. 50.

Pode-se dizer que embutida nesta divisão tem-se a seguinte relação: o povo por sua proximidade natural do "primitivo" estaria mais livre das amarras sociais para estabelecer uma linguagem e atitudes criativas; o poeta, por seu mergulho em si mesmo, por sua "passagem pelo primitivo", pode resgatar este conhecimento conferindo-lhe novos contornos pela erudição e pelo raciocínio.

O ENFOQUE MORAL E "PSICOLÓGICO"

A crítica staeliana prevê uma essencial função moral à literatura, que deveria promover a expansão do conhecimento sobre os homens em suas contradições, favorecendo-lhes o aperfeiçoamento da alma. Mme de Staël combatia a simplória dicotomia bons/maus que, segundo ela, assolava a literatura francesa da época, preconizando uma representação que apresentasse uma maior semelhança com os homens em suas contradições internas; porém, não há mais a crença na conscientização do leitor pela ficção. A obra literária apenas poderia predispor o leitor para os sentimentos virtuosos.

"Uma questão mais importante, é saber se uma tal obra é moral, isto é se a impressão que se recebe dela é favorável ao aperfeiçoamento da alma; os acontecimentos não são nada sob este aspecto em uma ficção; sabe-se muito bem que eles dependem da vontade do autor, que eles não podem despertar a consciência de ninguém: a moralidade de um romance consiste pois nos sentimentos que ele inspira". [II, 2, XXVIII]

Talvez se possa dizer que, se em Rousseau a literatura possuía uma função pedagógica baseada no apelo ao sentimento e na eloquência racionalista, com a valorização do belo pelas teorias alemãs, passa-se a buscar uma literatura que tenha como objetivo antes sensibilizar o público para uma idéia, um sentimento e a partir daí para o reconhecimento em si mesmo do Bem:

A crítica staeliana assume um tom um tanto quanto messiânico: prega-se uma literatura que inspire a compaixão, o exame de consciência, os sentimentos generosos, tomados enquanto sentimentos religiosos.

O interesse no aspecto moral das ficções, diz respeito não só ao desenvolvimento dos temas, mas também à sinceridade dos sentimentos do autor a ser percebida em seu texto, por exemplo, ao elogiar a impressão viva dos primeiros

escritos de Goethe, nos quais ele "ainda tinha uma parte ativa nas cenas das paixões, quando ele mesmo sofria pelo coração". [Ver excertos, parte II, GOETHE]

Mesmo reconhecendo o gênio e o valor das obras de Goethe enquanto meios de promover a reflexão, Mme de Staël censura-o, no entanto, por suas criações cada vez menos "sinceras". É com base nesse pressuposto moral, que *Werther* tem-lhe um maior apreço, assim como as poesias do autor, conterem um "grau supremo" do "natural" [Ver excertos, parte II, DA POESIA ALEMÃ].

Mais do que a literatura voltada à recuperação dos dados históricos é aquela que amplia o espaço interno, da alma, pela representação das nuances dos sentimentos, que mais lhe apraz; e, para se chegar ao reconhecimento dessas nuances, o poeta tem a necessidade de passar por estes diversos sentimentos, a fim de poder descrevê-los com verdade.

A sinceridade torna-se a marca do escritor inspirado, entregue a um estado fora do controle racional-social, transformado em um instrumento divino, livre das amarras de regras pretensamente absolutas. À inspiração divina une-se a imaginação criadora, podendo-se dizer que a primeira projeta a razão em função do sentimento para uma liberdade da outra, enquanto que a imitação parte de um quadro previamente raciocinado, de um imaginário limitado, seja na forma seja no conteúdo.

Em *De l'Allemagne*, vemos a verificação da sinceridade dos escritores pela contraposição entre a conversação e as obras:

"Herder acabava de morrer quando cheguei em Weimar, porém Wieland, Goethe e Schiller ainda se encontravam ali. Descreverei alguns destes homens separadamente na sessão seguinte, e os retratarei sobretudo por suas obras pois seus livros assemelham-se perfeitamente ao seu caráter e conversação. Esta concordância bastante rara é uma prova de sinceridade: quando, ao escrevermos, temos por primeiro objetivo causar efeito sobre os outros, não nos mostramos jamais a eles como realmente somos, porém quando escrevemos para satisfazer a inspiração interior de que a alma está tomada, revelamos pelos escritos, mesmo sem o querer, até as menores nuances de nossa maneira de ser e pensar." [I, 1, XV]

O poeta sincero, em sua "sacralização", chegaria mesmo a ser investido enquanto um "sacerdote guerreiro em defesa da verdade" [I, 2, VIII].

Essa reutilização da idéia platônica, do estado de delírio divinatório próprio ao poeta e ao filósofo, recebe em Mme de Staël sua conciliação tendo como contraparte os que criam com base no público, os que se servem de uma retórica "falsa" em

concordância com a crítica socrática encontrada em *Fedro*¹⁰⁵; apesar do próprio Platão não perder de vista esse horizonte. Pretende-se que a inspiração, a sinceridade e o entusiasmo, por sua parte divina, se sobreponham à vaidade e à razão mecanicista:

"o verdadeiro gênio inspira reconhecimento e modéstia: pois sente-se quem lho deu, e sente-se também os limites impostos por quem lho deu". [I, 2, V]

Lessing, contraposto a Diderot, aparece como exemplo de sinceridade, manifestando em suas peças a originalidade de seu caráter [Ver excertos, parte II, **DRAMAS DE LESSING**].

A sinceridade seria ainda o critério de união entre o povo e o poeta: a poesia é tomada como natural em contraposição com o "factício" da prosa, Mme de Staël aproxima poeta e povo agora enquanto seres capazes de emoções sinceras, devido à distância ou autonomia frente o jugo das regras sociais, do teatro social, que pressupõe "conveniências" e "zombarias".

O caráter divino e sincero do filósofo platônico já repostado para o literato-filósofo iluminista, estende-se agora ao poeta-sacerdote, e naturalmente à sua obra: "a poesia deve ser o espelho terreno da divindade, e refletir pelas cores, sons e ritmos, todas as belezas do universo" [I, 2, XIII].

Na concepção de Mme de Staël o poeta-divino - o gênio poético - não prescinde da experiência, a qual contudo não será transmitida pela obra, podendo levar no entanto o leitor a senti-la:

"O ponto que Arquimedes buscava para erguer o mundo é aquele pelo qual um gênio extraordinário se aproxima do comum dos homens. Este ponto de contato serve-lhe para se elevar acima dos outros; ele deve partir daquilo que todos nós experimentamos, para chegar a fazer sentir aquilo que apenas ele percebe". [II, 2, XXII]

A este papel intermediário acrescenta-se a erudição enquanto fator de valorização dos modernos frente aos antigos:

¹⁰⁵"A influência platônica, através da doutrina das Idéias, funda uma ontologia de valores que tende a confundir na unidade de uma mesma perspectiva o Verdadeiro, o Bem e o Belo. As obras belas atestam uma transcendência que orienta a alma do homem para o gozo da plenitude divina. O artista criador, demiurgo à imagem do Demiurgo, é o emblema da liberação em relação às instâncias materiais, que ele transfigura graças à imposição de um sentido espiritual. De onde a sacralização do artista, do poeta-divino, na tradição platônica, renascente nas alternâncias da história". GUSDORF, *Op. Cit. Les Sciences humaines et la pensée occidentale*, vol. VII, p. 400.

"Os homens de gênio entre os Antigos, não eram submetidos a este imenso trabalho de erudição que aumenta com os séculos, e sua imaginação não era fatigada pelo estudo. Custa mais se distinguir nos nossos dias, e deve-se respeito ao imenso labor necessário para se colocar em posse do assunto que se quer tratar". [II, 2, XXIX]

Porém, o gênio está limitado ainda: "o gênio, à condição de respeitar a religião e a moral, deve ir tão longe quanto queira: é o império do pensamento que ele expande" [I, 2, II]. Entendendo-se pelo termo religião antes religiosidade.

Esta concepção parece, no entanto, diversa da do *Sturm und Drang*, para o qual o gênio "não conhece leis: ele é sua própria lei, tornando-se um rebelado contra tudo o que tende a reprimir, a subordinar sua força"¹⁰⁶.

Para Mme de Staël, em maior consonância com os românticos alemães, o gênio poético passa a ser aquele que "toca" nos mistérios, diferentemente também do "poeta" produzido pela influência da filosofia iluminista voltado a questões da ordem do finito, terrenas.

O infinito, inacessível pela razão, surge como matéria do poeta que une razão e sentimento para criar, pelo impulso da inspiração, impressões por meio de sons e imagens em busca de uma comunhão entre o indivíduo e Deus, o finito e o infinito, a parte e o todo, a vida e a morte; uma própria celebração do mistério divino da criação.

Mme de Staël passa a defender a idéia romântica de que a natureza, tomada em seu aspecto infinito, já não pode de ser representada tal como entre os gregos "com seus riachos"; aos modernos, o oceano e o céu, têm como espaço análogo, o plano interno da alma, divino e misterioso, inapreensível em sua totalidade mas acessível pelo sentimento, o espaço por excelência do poeta alemão romântico, onde ele pode expandir os horizontes sem fim; espaço tomado assim dos sacerdotes da igreja.

A EXPOSIÇÃO SOBRE KANT E O ATAQUE À "MORAL EGOÍSTA"

Na terceira parte, encontra-se um histórico dos sistemas filosóficos da Inglaterra, França e Alemanha, com uma particular atenção às teorias de Kant, Fichte e Schelling. Segundo Pierre Macherey, a base desta parte advém de Gérando que já havia escrito, em 1802, um ensaio intitulado *La génération des connaissances humaines* onde havia explicado que Kant se situava a "meio termo 'entre a trindade

¹⁰⁶Segundo Gerd BORNHEIM, *Op. cit.*, p. 82.

Descartes-Malebranche-Leibniz e a trindade Bacon-Locke-Condillac', tema que seria retomado e desenvolvido no capítulo X de sua *Histoire comparée des systèmes philosophiques* de 1804¹⁰⁷.

As teorias de Kant também já havia sido objeto de estudo de Charles de Villers em seu *Essai sur la Philosophie de Kant* (1801). Em *De l'Allemagne*, Kant recebe uma atenção proporcional à dispensada a Goethe e Schiller. Sobre a exposição de Mme de Staël, André Monchoux assinala uma "superioridade em escrupulo de objetividade, em simpatia compreensiva" sobre seu grande crítico, Heinrich Heine, que em seu ataque a *De l'Allemagne* visava também o próprio Kant a quem considerava "um agnóstico que leva ao ceticismo"; posição totalmente oposta à Mme de Staël que via nas idéias de Kant a união entre razão e sentimentos religiosos. Apesar de ultrapassada por análises mais finas, Monchoux acentua o valor histórico da abordagem staeliana, resgatando-lhe de todo modo o valor contestado à época¹⁰⁸.

Um dos aspectos a se destacar também do texto sobre Kant, está no ataque à moral fundada sobre o interesse pessoal, preocupação constante de Mme de Staël, e que perpassa especialmente por toda esta terceira parte.

Discípula de Rousseau e identificada com o espiritualismo alemão, Mme de Staël encontra-se alinhada ainda "aos emigrados, que, como Villers, condenam na literatura do século XVIII o sensualismo e a sensualidade,[...] e exaltam a poesia alemã e sua identidade entusiasta e mística"¹⁰⁹; como se pode ver nesta crítica a Crébillon filho:

"Não era permitido à biblioteca pública franquear *O Espírito das Leis* para leitura; porém, em meio a este aborrecimento, os romances de Crébillon circulavam nas mãos de todos, as obras licenciosas entravam, as obras sérias eram as únicas apreendidas." [I, 1, VI]

A reprovação deste tipo de obra literária caminha juntamente com a refutação dos sistemas filosóficos materialistas e sensualistas tomados como produtos daninhos das Luzes. No entanto, sendo totalmente contrária à censura, Mme de Staël prescreve o uso das próprias luzes como remédio para este "mal":

¹⁰⁷Ver MACHEREY, "Un imaginaire cosmopolite: la pensée littéraire de Mme. de Staël", in: *A quoi pense la littérature?*, Paris, PUF, 1990, p. 29.

¹⁰⁸Cf. no artigo de André MONCHOUX, *Madame de Staël interprète de Kant. Revue d'histoire littéraire de la France*, publ. pela SHLF, 66º ano(1): 71-84, jan.-mar., 1966, especialmente p. 77 para a citação.

¹⁰⁹Segundo Jacques DOLMENECH, "Mme. de Staël retoma, adotando à sua concepção de fundamento moral, a tese cara a J.-J. Rousseau, para quem o interesse não poderia explicar, felizmente, o nosso comportamento e acabaria por promover - uma tal doutrina -, o afastamento de todo encanto da vida." Cf. de Jacques Dolmenech, a Primeira Parte da *L'Éthiques des Lumières: Les fondements de la morale dans la philosophie française du XVIII siècle*, Paris, Vrin, 1989, p. 44 e p. 47.

Para a citação do texto, cf. na *Op. cit.* de Roger FAYOLLE, p. 81.

"O mal que os maus livros podem fazer somente é corrigido pelos bons; e as inconveniências das Luzes apenas são evitadas por um nível mais alto das Luzes.[...] Há dois caminhos a tomar em todas as coisas: suprimir o que é perigoso, ou dar novas forças para resistir. O segundo meio é o único que convém à época em que vivemos, pois a ignorância não podendo em nossos dias ser acompanhada da inocência, provoca apenas o mal. Tantas palavras foram ditas, tantos sofismas repetidos, que é preciso saber muito para julgar bem, e foi-se o tempo em que de fato as idéias limitavam-se ao patrimônio paterno. Devemos portanto sonhar, não em repudiar as Luzes, mas em torná-las completas, para que seus raios interrompidos não apresentem falsos brilhos. Um governo não poderia pretender furtar a uma grande nação o conhecimento do espírito que reina em seu século; este espírito encerra elementos de força e grandeza, que podem ser usados com sucesso quando não se teme abordar com ousadia todas as questões: encontra-se então nas verdades eternas os recursos contra os erros passageiros, e na própria liberdade a manutenção da ordem e o aumento do poder." [I, 1, VI]

Apesar de criticar a "moral fundada sobre o interesse pessoal" e sua influência sobre a literatura, é visível especialmente à primeira parte do livro, a aceitação da noção de amor-próprio, desenvolvida no século XVII com La Rochefoucauld, e que está na base das teorias fundadas no interesse. Salientando diferentes valores para a filosofia francesa dos séculos XVII e XVIII, Mme de Staël promove uma união que está na base da formação de seu pensamento, e logo da própria composição de *De l'Allemagne*:

"...as obras compostas no século XVII são mais filosóficas, sob muitos aspectos, do que as que foram publicadas depois: pois a filosofia consiste sobretudo no estudo e conhecimento de nosso ser intelectual.

Os filósofos do século XVIII ocuparam-se mais com a política social do que com a natureza primitiva do homem; os filósofos do XVII, apenas por serem religiosos, sabiam mais sobre o fundo do coração.[...] Seria preciso, para que o gênio francês atingisse o mais alto grau de perfeição aprender dos escritores do século XVIII a tirar proveito de suas faculdades, e dos escritores do XVII a conhecer-lhes a origem". [II, 3, III, pp. 107-108]

Ao reconhecer seu débito para com o conhecimento filosófico do século XVII, mas também para com o século XVIII, Mme de Staël marca uma posição própria em

relação aos pré-românticos do *Sturm und Drang*, que de um modo geral, repudiaram o racionalismo Iluminista contrapondo-se à influência do pensamento francês, promovido no reinado de Frederico II.

ENTUSIASMO, NATUREZA, INFINITO: O ÊXTASE RELIGIOSO

A questão religiosa é contemplada na quarta e última parte, a qual é composta inicialmente por considerações gerais sobre a religião, seguidas de enfoques específicos sobre o protestantismo, o catolicismo, a teosofia, a fé morávia e o misticismo, este último visto como "uma maneira mais íntima de sentir e conceber o cristianismo" [II, 4, V, p. 263].

Ao fechar o livro abordando o tema da religião, Mme de Staël toca num ponto fundamental para os românticos de Iena. Segundo Bornheim, Schelling asseverava que a questão religiosa representava o problema filosófico por excelência, o único grande assunto da filosofia¹¹⁰; sendo que, para Friedrich Schlegel "a poesia, em sua aspiração de infinito, em seu desprezo pela utilidade, tem a mesma finalidade e as mesmas repugnâncias que a religião"¹¹¹.

Mostrando-se aqui em estreita ligação com os românticos alemães, Mme de Staël expõe a tese, de inspiração platônica, sobre o entusiasmo - que obteve grande eco entre os jovens românticos franceses, e que já estava "representada" em *Corina*¹¹² -, adotando-lhe uma definição cristianizada, mesmo reputando-a aos gregos: "Deus em nós"¹¹³. O entusiasmo, necessidade fundamental do gênio, que seria o amor ao belo, o cultivo dos sentimentos, "o incenso da terra para o céu que reúne no mesmo foco sentimentos diversos, gregos e modernos", contrabalançaria o "egoísmo da razão" preocupado apenas com a saúde, o dinheiro e o poder; numa reafirmação das anteriores posições da autora sobre a questão da moral fundada sobre o interesse pessoal.

¹¹⁰BORNHEIM, *Op. cit.*, p. 111.

¹¹¹Citado por BORNHEIM, *Op. cit.*, p. 94

¹¹² "*Corina* é o romance do entusiasmo, cuja exposição da teoria está em *De l'Allemagne*". Cf. em MACHÉREY, "Un imaginaire cosmopolite: la pensée littéraire de Mme. de Staël", in: *Op. cit.*, p. 30.

¹¹³"As palavras "entusiasmo" e "sublime" consagram o advento das novas categorias, em que se exaltam as mais altas expressões do ser humano. De inspiração platônica, este texto [referindo-se no caso a *Corina*] anuncia a promoção dos valores estéticos, aos quais é reconhecida uma prioridade tal que é possível afirmar a possibilidade de uma salvação pela beleza, mensagem e sinal do divino. A ligação entre a Beleza e a religião consagra a preeminência do Belo sobre o Verdadeiro e o Bem. A função estética torna-se geradora de novas formas de verdade e moralidade". GUSDORF, *Op. Cit.*, vol VII, p. 408.

Com um tom notadamente diverso de todo o livro, lírico e mesmo exaltado, são desenvolvidos os tópicos da contemplação da natureza, do sentimento do infinito e do entusiasmo; noções intimamente ligadas a uma concepção religiosa mais mística da autora.

Bastante afetada pela morte de seu pai [Ver especificamente o excerto sobre A CONTEMPLAÇÃO DA NATUREZA], Mme de Staël faz a apologia de um espiritualismo redentor, única via de reencontro com a felicidade perdida ao longo da vida, cujo caráter finito e temporal faz com que se busque o conforto religioso possível pela idéia de transcendência da vida pela transmigração das almas.

Esta valorização da religiosidade, amplia o valor dado ao sentimento, não necessariamente em detrimento da razão, mas antes em detrimento da razão "fria" do cientificismo materialista. O sentimento contribuiria para a diminuição do "árido poder do raciocínio sem obscurecer as luzes", sendo observado como o objetivo dos filósofos, estudiosos e poetas alemães, que denunciam a incapacidade do raciocínio "científico" dos físicos, para a explicação das sensações e impressões produzidas no Homem pela contemplação da natureza.

A contemplação da natureza em seu aspecto infinito, produziria assim um sentimento religioso conferindo à própria natureza uma função moral, que não deixa de estar ligada à crença iluminista do aperfeiçoamento humano.

Para um melhor entendimento da questão do infinito, Mme de Staël propõe sua caracterização na forma antitética positivo/negativo. O infinito se apresentaria de modo negativo para as matemáticas, que pediriam por um fim "durável ou extenso", enquanto que para a imaginação e o coração, elementos relacionados com a literatura, o sentimento do infinito torna-se criador. Há como que uma valorização de um "conhecimento poético" possível pelo sentimento.

Retomando a indicação de Poulet, de uma confluência entre melancolia e entusiasmo em Mme de Staël, podemos equacioná-la agora em relação à idéia de infinito em que à melancolia proporcionada inicialmente em sua contemplação, segue-se o desejo, o entusiasmo pela liberdade possível pela falta de limites e pelo anseio a uma união com a divindade, produzindo ao mesmo tempo recolhimento e audácia:

"O sentimento é melancólico, e o espírito audacioso: um olha para trás o outro para frente; deste devaneio e deste impulso nasce a verdadeira superioridade do homem, a mistura de contemplação e

atividade, de resignação e vontade que lhe permite religar ao céu sua vida neste mundo"¹¹⁴.

Em consonância com os poetas românticos alemães, Mme de Staël participa da divinização da natureza que ela verifica no próprio poeta alemão Novalis.

Esta concepção "positiva" da natureza segue o caminho já estabelecido por Shaftesbury e Rousseau, contrária à católica vertente cristã que atrelava a natureza ao decaído, ao afastado de Deus¹¹⁵.

Ao tratar da religião e do entusiasmo ao final do livro, Mme de Staël promove, como o fez na primeira parte, um maior apelo aos sentimentos do leitor, culminando com uma espécie de prece final.

Não tendo intencionado uma análise exaustiva, visto que a própria análise se lhe afigurava "mortal" para uma realidade viva como a que tratava: "A análise podendo examinar apenas dividindo, aplica-se, como o escalpelo, à natureza morta; porém é um mau instrumento para aprender a conhecer o que está vivo". [II, 3, II], Mme de Staël produziu uma crítica que, além de fornecer um conhecimento objetivo, visava estimular a simpatia do leitor, recuperando-lhe uma "juventude de alma que buscasse novos prazeres" [I, 2, XVIII, p. 24]. O reconhecimento e a admiração de diferentes homens e obras, de uma outra "região intelectual", exigiria uma atitude de espontaneidade, o próprio entusiasmo, por parte do leitor. A disposição do texto serve assim ao recurso retórico que visa predispor o público pela emoção, convencendo-o pela razão, em defesa da compreensão da Alemanha, defesa que se desdobra para uma compreensão maior entre os povos e os indivíduos: "após o gênio o que há de mais semelhante a ele, é o poder de conhecer e admirar" [II, 2, XXXI].

Até mesmo pela forma utilizada realiza-se o sistema de conciliação de opostos, com a união da análise a um lirismo propriamente literário, em proximidade com o caráter criativo da crítica alemã reconhecido pela própria autora.

¹¹⁴*De l'Allemagne*, Paris, GF-Flammarion, vol. II, parte IV, cap. IV, p. 259.

¹¹⁵BABBITT, *Op. Cit.* p. 48-49.

"Essa exaltação das virtudes das épocas primitivas é simplesmente uma projeção em um passado mítico de uma necessidade que o homem do século XVIII sente no presente - a necessidade de deixar-se ir. Isso é o que ele entende por seu "retorno à natureza". Uma inteira revolução está implicada nesta reinterpretação da palavra natureza. Seguir a natureza no sentido clássico é imitar o que é normal e representativo no homem e, logo, tornar-se decoroso. Para ser natural no novo sentido deve-se começar por libertar-se da imitação e do decorum. Além disso, para o clássico, natureza e razão são sinônimos. O primitivista, ao contrário, entende por natureza o jogo espontâneo de impulso e temperamento, e como esta liberdade é impedida mais do que ajudada pela razão, ele se inclina a olhar para a razão, não como equivalente mas como oposto à natureza." Cf. p. 44 da *Op. Cit.*

Mme de Staël não fez meramente uma obra de divulgação, utilizando-a ainda como mote para desenvolver e expor suas próprias idéias sobre os mais variados temas, buscando explicitar as imbricações existentes entre várias formas de expressão humana que concorrem para a construção de realidades político-literárias.

Atuando em vários níveis, *De l'Allemagne* promoveria a própria criação da nação alemã, ainda inexistente, refutando ainda o despotismo político-cultural defendido por Napoleão Bonaparte.

CRONOLOGIA DAS OBRAS CITADAS DE MADAME DE STAËL

- 1785-86 *Sophie ou les Sentiments secrets*
 Jane Gray
 Adélaïde et Théodore
 Histoire de Pauline
 Mirza ou Lettre d'un voyageur
- 1788 *Lettres sur les écrits et le caractère de Jean-Jacques Rousseau*
- 1793 *Réflexions sur le procès de la reine*
- 1794 *Réflexions sur la paix*
- 1795 *Réflexions sur la paix extérieure*
 Essais sur les Fictions in: Recueil de morceaux détachés
- 1796 *De l'Influence des Passions sur le Bonheur des Individus et des Nations*
 Zulma (fragmento extraído de De l'Influence)
- 1800 *De la Littérature considérée dans ses rapports avec les Institutions*
 sociales
- 1802 *Delphine*
- 1803 *Réflexions sur le but moral de Delphine*
- 1807 *Corinne ou l'Italie*
- 1810/13 *De l'Allemagne*
- 1813 *Réflexions sur le suicide*
- 1820 *Dix Années d'Exil*
 Oeuvres complètes

DA ALEMANHA

(Excertos)

Madame de Staël

(1810)

SOBRE A SELEÇÃO E A TRADUÇÃO DOS TEXTOS

Os textos a seguir estão selecionados basicamente por tópicos, daí os cortes realizados com fim de evitar as digressões da autora, bem como destacar alguns dos aspectos mais relevantes de sua crítica, comentados previamente.

Com relação à primeira parte do livro, além do primeiro capítulo de ordem geral e introdutória, foram selecionados trechos nos quais se verificam considerações sobre a sociedade e a natureza alemãs em relação à produção literária. Para a segunda parte, destaco trechos sobre Lessing, Goethe, Schiller e suas respectivas obras, onde vemos a importância da questão da nacionalidade e da moral, além de trechos de capítulos de ordem geral sobre a poesia, o romance e o drama, gêneros que sofrem alterações pelo recurso à filosofia e à história. Da terceira parte, tem-se uma passagem sobre o Belo e o Sublime em Kant, filósofo mais destacado por Mme de Staël, e ainda, sobre a questão da moral fundada sobre o interesse pessoal, preocupação contínua da autora. Da quarta parte, encontram-se considerações sobre o infinito, a natureza, e o entusiasmo, noções essenciais do Romantismo alemão, fechando-se com a prece final do último capítulo.

Os excertos trazem as notas originais da autora (NA), assim como algumas das notas da edição crítica (NEC) de Mme. de Pange publicada pela Hachette, Paris, 1958. A tradução foi feita com base na edição da GF-Flammarion, Paris, 1968.

PRIMEIRA PARTE

DA ALEMANHA E DOS COSTUMES DOS ALEMÃES

DO ASPECTO DA ALEMANHA (Cap. I)

A multiplicidade e a extensão das florestas indicam uma civilização ainda nova; o velho solo do sul praticamente não conserva muitas árvores, e o sol cai a pino na terra devastada pelos homens. A Alemanha ainda oferece alguns vestígios de uma natureza não habitada. Dos Alpes ao mar, entre o Reno e o Danúbio, vê-se uma região coberta de carvalhos e pinheiros, atravessada por rios de uma imponente beleza, e cortada por montanhas cujo aspecto é bastante pitoresco; mas a princípio as vastas charnecas, as areias, as estradas freqüentemente mal cuidadas e um clima severo, enchem a alma de tristeza; e é apenas após um bom tempo que se descobre algo que possa ser interessante nessa estada.

O sul da Alemanha é muito bem cultivado; entretanto, nas mais belas regiões do país há sempre uma certa seriedade, que leva a pensar antes no trabalho que nos prazeres, nas virtudes dos habitantes que nos encantos da natureza.

As ruínas das fortificações avistadas no alto das montanhas, as casas feitas de barro, as janelas estreitas, a neve que cobre planícies a perder de vista durante o inverno, causam uma triste impressão. A princípio, não sei o que de silencioso na natureza e nos homens oprime o coração. Parece que o tempo ali anda mais lentamente que em outros lugares, que a vegetação não se entranha no solo mais do que as idéias na cabeça dos homens, e que os sulcos regulares do lavrador são traçados numa terra trabalhosa.

Não obstante, ultrapassadas estas sensações espontâneas, o país e os habitantes oferecem algo de interessante e poético à observação. Sente-se que almas e imaginações meigas embelezaram os campos. As estradas possuem árvores frutíferas plantadas para refrescar o viajante. As paisagens que cercam o Reno são soberbas em quase todos os trechos; dir-se-ia que este rio é o gênio tutelar da Alemanha; suas águas são puras, rápidas e majestosas como a vida de um antigo herói. O Danúbio divide-se em vários braços. As águas do Elba e do Spree turvam-se facilmente com a tempestade. Apenas o Reno permanece praticamente inalterável. As regiões que ele atravessa parecem ao mesmo tempo tão sérias e variadas, tão férteis e solitárias, que

se ficaria tentado a crer que ele mesmo as cultivou, e que os homens de hoje não têm nenhuma participação nisso. Ao passar, este rio conta os altos feitos dos tempos de outrora, e a sombra de Arminius¹ parece ainda errar pelas margens escarpadas.

Os monumentos góticos² são os únicos monumentos notáveis da Alemanha; esses monumentos lembram os séculos da cavalaria. Em quase todas as cidades, os museus públicos conservam os vestígios daquele tempo. Dir-se-ia que os habitantes do norte, vencedores do mundo, partindo da Germânia, deixaram ali suas lembranças sob diversas formas, e que todo o país assemelha-se à morada de um grande povo que há muito tempo a deixou. Na maior parte dos arsenais das cidades alemãs, há figuras de cavaleiros em madeira pintada, vestidos de armadura: casco, escudo, coxotes, esporas, tudo mantido segundo o costume antigo. Passeia-se em meio a estes mortos em pé, cujos braços erguidos parecem prontos a golpear os adversários, os quais também têm suas lanças em riste. Esta imagem imóvel de ações outrora tão vivas causa uma dolorosa impressão. Assemelha-se ao que ocorre quando, após os tremores de terra, reencontramos homens engolidos que durante longo tempo guardaram o último gesto de seu último pensamento.

A arquitetura moderna, na Alemanha, não oferece nada que mereça ser citado; mas as cidades são em geral bem construídas, e os proprietários enfeitam-nas com uma espécie de cuidado cheio de bonomia. Em várias cidades, as casas são pintadas, por fora, com diversas cores. Vêm-se ali figuras de santos, todo tipo de ornamentos, cujo gosto não é por certo perfeito, mas que variam o aspecto das habitações, e parecem indicar um desejo benévolo de agradar aos concidadãos e aos estrangeiros. O brilho e o esplendor de um palácio servem ao amor-próprio de quem o possui; mas a decoração cuidadosa, o adorno e a boa intenção das pequenas moradas têm algo de hospitaleiro.

Em algumas partes da Alemanha, os jardins são quase tão belos quanto os da Inglaterra: o luxo dos jardins supõe sempre o amor à natureza. Na Inglaterra, casas bem simples estão construídas em meio aos mais magníficos parques; o proprietário negligencia sua morada, e embeleza cuidadosamente o campo. Na Alemanha, seguramente não há, num mesmo nível, esta união de magnificência e simplicidade; entretanto, em meio à falta de recursos e ao orgulho feudal, percebe-se em tudo um

¹Arminius é o nome romano do teutão Hermann que, no início da era cristã, lutou para livrar seu país do domínio romano. Primeiro, ele incarnou o "furor Teutonicus" e foi sempre considerado como o libertador da Germânia. Por esta razão, ele será o símbolo do nacionalismo alemão de todas as épocas: Klopstock canta-o no *Canto dos Bardos* (Cf. t. II, nota 1, p.448). (NEC)

²Esta passagem sobre os monumentos góticos não está nem em A (manuscrito) nem em B mas em C. Note-se que a palavra *gótico* não é empregada aqui por Mme. de Staël no sentido pejorativo, o que era a regra nos séculos XVII e XVIII, cessando apenas a partir de Chateaubriand e Victor Hugo (NEC)

certo amor ao belo que, cedo ou tarde, deve produzir gosto e graça, pois é a verdadeira fonte destes. Frequentemente, em meio aos soberbos jardins dos príncipes alemães, são colocadas harpas eólicas próximas das grutas cercadas de flores, a fim de que o vento carregue pelo ar, juntos, os sons e os perfumes. A imaginação dos habitantes do norte esforça-se assim em compor uma natureza como a da Itália; e durante os dias resplandecentes de um breve verão, chegamos algumas vezes a nos enganar.

DOS COSTUMES E DO CARÁTER DOS ALEMÃES (Cap. II)

Apenas alguns traços principais podem convir igualmente a toda a nação alemã³, pois tal é a diversidade deste país, que não se saberia como reunir, sob um mesmo ponto de vista, religiões, governos, climas e povos mesmo tão diferentes. A Alemanha do sul, sob muitos aspectos, é totalmente diversa da do norte; as cidades comerciais não se parecem com as cidades célebres por suas universidades; os pequenos Estados diferem sensivelmente das duas grandes monarquias, a Prússia e a Áustria. A Alemanha era uma federação aristocrática: este império não tinha um centro comum de luzes e espírito público; não formava uma nação compacta, faltando assim amarra ao feixe. A divisão da Alemanha, funesta à sua força política, era entretanto muito favorável a todo gênero de experiências que podiam instigar o gênio e a imaginação. Havia uma espécie de anarquia amena e pacífica, relativa às opiniões literárias e metafísicas, que permitia a cada homem o completo desenvolvimento de sua maneira individual de ver.

Como não há uma capital onde a boa sociedade de toda a Alemanha se reúna, o espírito de sociedade exerce pouco poder, privando a autoridade do gosto e a arma do ridículo de qualquer influência. Os escritores e pensadores, em sua maior parte, trabalham na solidão ou cercados apenas de um pequeno círculo dominado por eles. Entregam-se, cada qual em separado, a tudo o que uma imaginação sem peias lhes inspira; e se é possível perceber uns poucos vestígios da ascendência da moda na

³Fichte havia pronunciado em Berlim, no curso de inverno de 1807-1808, seus famosos *Discursos à Nação Alemã*. O termo nação, que Mme. de Staël retoma aqui, era então quase um neologismo. No longo artigo consagrado pela *Enciclopédia* (edição de 1789) à análise tão complicada da situação política da Alemanha, a palavra *nação* não é encontrada. Sismondi, em uma carta à Condessa de Albany, datada de 1 de maio de 1814, viu-se obrigado a explicar o que entendia pela palavra "nação": "Os povos são feitos da independência do governo e dos direitos políticos, as nações são feitas da língua e da origem. Assim, eu faço parte, querendo ou não, do povo genebrino e da nação francesa, como um toscano pertence à nação italiana, como um prussiano à nação alemã, como um americano à nação inglesa." (Sismondi: *Epistolario*, ed. C. Pellegrini, Florença, 1935.) (NEC)

Alemanha, isto se deve ao desejo que cada um sente em se mostrar completamente diferente dos outros. Na França, ao contrário, cada qual aspira a merecer o que Montesquieu disse de Voltaire: *Ele tem mais do que ninguém o espírito que todos têm*. Os escritores alemães imitariam mais voluntariamente os estrangeiros do que a seus compatriotas.

Em literatura, como em política, os alemães têm demasiada consideração pelos estrangeiros, não tendo preconceitos nacionais o bastante. Nos indivíduos, o despreendimento e a valorização dos outros é uma qualidade; mas o patriotismo das nações deve ser egoísta. A altivez dos ingleses é extremamente útil à sua existência política; a boa opinião que os franceses têm de si mesmos sempre contribuiu muito à sua ascendência sobre a Europa; o nobre orgulho dos espanhóis tornou-os outrora soberanos de uma parcela do mundo. Os alemães são saxônios, prussianos, bávaros, austríacos; mas o caráter germânico, que deveria estar na base da força de todos, está tão dividido quanto própria terra que possui tantos senhores diferentes.

Examinarei separadamente a Alemanha do sul e a do norte: mas nesse momento, irei me limitar às reflexões que convêm à nação inteira. Em geral, os alemães são sinceros e fiéis; quase nunca faltam com a palavra, sendo-lhes alheio o embuste. Se este defeito algum dia se introduzir na Alemanha, isto só se dará pelo desejo de imitar os estrangeiros, de mostrar-se tão hábil quanto eles, e sobretudo de não ser enganado por eles; mas o bom senso e o bom coração logo restabeleceriam nos alemães o sentimento de que só se é forte pela própria natureza, e que o hábito da honestidade leva à completa incapacidade em se servir do ardil, mesmo que se queira. Para tirar proveito da imoralidade é preciso armar-se de uma completa levandade, e não trazer dentro de si uma consciência e escrúpulos que obriguem a parar ao meio do caminho, provocando um pesar cada vez mais intenso pelo abandono da antiga estrada, tornando impossível avançar ousadamente pela nova.

Creio ser fácil demonstrar que, sem a moral, tudo é acaso e trevas. Não obstante, foi vista freqüentemente entre as nações latinas uma política singularmente hábil na arte de livrar-se de todos os deveres; mas pode-se dizer, para a glória da nação alemã, que ela é quase incapaz da atrevida flexibilidade que dobra todas as verdades a todos os interesses, e sacrifica todos os comprometimentos a todos os cálculos. Os seus defeitos, assim como suas qualidades, submetem-na à honrosa necessidade da justiça.

A pujança do trabalho e da reflexão também é um dos traços distintivos da nação alemã. Ela é naturalmente literária e filosófica; todavia a separação das classes, mais pronunciada na Alemanha do que em qualquer outra parte, já que a sociedade ali não suaviza as diferenças, prejudica em alguns aspectos o espírito propriamente dito.

Os nobres têm bem poucas idéias, e os literatos estão muito pouco habituados aos negócios. O espírito é uma mistura do conhecimento das coisas e dos homens, e a sociedade em que se age sem objetivo, e apesar disso com interesse, é precisamente a que melhor desenvolve as faculdades mais opostas. É a imaginação, mais que o espírito, que caracteriza os alemães. J.-P. Richter, um de seus mais célebres escritores, disse que *o domínio do mar cabia aos ingleses, o da terra aos franceses, e o do ar aos alemães*: com efeito, na Alemanha seria necessário dar um centro e limites a esta eminente faculdade de pensar, que se eleva e se perde na vaguidade, penetra e desaparece na profundidade, aniquila-se à força de tanta imparcialidade, confunde-se à força de tanta análise, que não possui, enfim, certos defeitos que poderiam servir de circunscrição às suas qualidades.

Saindo da França, tem-se muita dificuldade para se acostumar com a lentidão e a inércia do povo alemão; ele jamais se apressa, encontrando obstáculos para tudo; na Alemanha, pode-se ouvir alguém dizer cem vezes contra uma na França *é impossível*. Quando se trata de agir, os alemães não sabem lutar contra as dificuldades; e seu respeito pelo poder deriva muito mais do fato deste se parecer com o destino, do que de algum motivo interesseiro. As pessoas do povo têm modos bastante grosseiros, sobretudo quando se quer chocar sua habitual maneira de ser; eles naturalmente teriam, mais do que os nobres, a santa antipatia pelos costumes, usos e línguas dos estrangeiros, que fortalece a união nacional em todos os países. Eles não alteram o modo de agir se lhes for oferecido dinheiro, o medo não os desvia; eles são bastante capazes enfim desta fixidez em tudo, o que é um excelente dado para a moral; pois o homem incessantemente movido pelo temor, e mais ainda pela esperança, passa facilmente de uma opinião à outra quando seu interesse exige.

Colocando-se um pouco acima da última classe do povo na Alemanha, é possível perceber facilmente a vida íntima, a poesia da alma que caracteriza os alemães. Os habitantes das cidades e dos campos, os soldados e os lavradores, quase todos conhecem música; ocorreu-me entrar em pobres casas enegrecidas pela fumaça do tabaco, e ouvir de repente não somente a dona, mas o dono da casa, improvisando no cravo, como os italianos improvisam em versos. Cuida-se, nos dias de feira, por quase todos os lugares, que haja pessoas que toquem instrumentos de sopro no balcão da prefeitura que domina a praça pública: os camponeses das cercanias participam assim do doce gozo da primeira das artes. [...]

A demarcação das classes, muito mais positiva na Alemanha do que o era na França, devia aniquilar o espírito militar entre os burgueses: essa demarcação nada tem de concretamente ofensiva; pois, repito-o, a bonomia mistura-se a tudo na Alemanha, mesmo ao orgulho aristocrático; as diferenças de posição reduzem-se a

alguns privilégios de corte, a algumas reuniões que não dão suficiente prazer para que mereçam grandes saudades. Não há dissabores, em qualquer relação que possa existir, quando a sociedade, e conseqüentemente o ridículo, tem pouco poder. Os homens só podem ferir verdadeiramente a alma pela falsidade ou pela zombaria: num país sério e autêntico, há sempre justiça e felicidade. Porém, a barreira que, na Alemanha, separava os nobres dos cidadãos, tornava necessariamente a nação inteira menos belicosa.

A imaginação, que é a qualidade dominante da Alemanha artística e literária, inspira o temor ao perigo, se não combatermos este movimento natural pela ascendência da opinião e a exaltação da honra. Na França, tempos atrás, o gosto pela guerra era universal, e as pessoas do povo arriscavam voluntariamente a vida como um meio de agitá-la e de sentir-lhe menos o peso. É uma grande questão saber se os afetos domésticos, o hábito da reflexão, e até a suavidade da alma, não levam ao temor da morte; porém, se toda a força de um Estado consiste em seu espírito militar, é importante examinar quais são as causas que enfraqueceram este espírito na nação alemã.

Três motivos principais conduzem comumente os homens ao combate, o amor à pátria e à liberdade, o amor à glória e o fanatismo religioso. Não há um grande amor pela pátria num império dividido há vários séculos, onde alemães combatiam contra alemães, quase sempre levados por um impulso alheio; o amor à glória não é muito vivaz onde absolutamente não há centro, capital, sociedade. A espécie de imparcialidade, luxo da justiça, que caracteriza os alemães, torna-os muito mais suscetíveis a se inflamarem pelos pensamentos abstratos que pelos interesses da vida; o general que perde uma batalha tem mais segurança em obter indulgência, do que o que ganha tem de ser vivamente aplaudido; entre os sucessos e os reveses, não há suficiente diferença em meio a um tal povo para animar vivamente a ambição.

A religião, na Alemanha, vive no fundo dos corações, porém ela agora tem um caráter de devaneio e independência que não inspira a energia necessária aos sentimentos exclusivos. O mesmo isolamento de opiniões, indivíduos e Estados, tão prejudicial à força do Império germânico, é encontrado também na religião: um grande número de seitas diversas dividem a Alemanha, e a própria religião católica, que, por sua natureza, exerce uma disciplina uniforme e severa, é interpretada entretanto por cada um a seu modo. O laço político e social dos povos, um mesmo governo, um mesmo culto, as mesmas leis, os mesmos interesses, uma literatura clássica, uma opinião dominante, nada disso existe entre os alemães. Cada Estado é independente; cada ciência é melhor cultivada; porém, a nação inteira é de tal forma

subdividida, que não se sabe a qual parte do Império o próprio nome de nação deve ser concedido.

O amor à liberdade não se acha desenvolvido entre os alemães, que não aprenderam nem pelo prazer, nem pela privação, o preço que se pode ligar a ela. Há vários exemplos de governos federativos que dão ao espírito público tanto força quanto unidade no governo; porém, são associações de Estados iguais e cidadãos livres. A federação alemã era composta de fortes e fracos, cidadãos e servos, de rivais e mesmo inimigos; antigos elementos combinados pelas circunstâncias e respeitados pelos homens.

A nação é perseverante e justa; sua equidade e lealdade impedem que alguma instituição, mesmo que viciosa, possa causar-lhe algum dano. Luís da Baviera, partindo com o exército, confiou a administração de seus Estados a seu rival Frederico, o Belo, então seu prisioneiro, e foi recompensado com esta confiança que na época não espantou a ninguém. Com tais virtudes, não se temia os inconvenientes da fraqueza ou da complicação das leis; a probidade dos indivíduos supria tudo isso.

A própria independência que se gozava na Alemanha, sob quase todos os aspectos, tornava os alemães indiferentes à liberdade: a independência é um bem, a liberdade uma garantia; e precisamente por ninguém ser ofendido na Alemanha, nem em seus direitos, nem em seus gozos, não se sentia a necessidade de uma ordem de coisas que mantivesse essa felicidade. Os tribunais do Império prometiam uma justiça segura, ainda que lenta, contra todo ato arbitrário; e a moderação dos soberanos assim como a sabedoria de seus povos praticamente jamais davam lugar a reclamações. Não se acreditava portanto na necessidade de fortificações constitucionais, quando não se via nenhum agressor.

Há razão em se espantar com a subsistência do código feudal praticamente sem alterações entre homens tão esclarecidos; porém, como na execução destas leis em si mesmas defeituosas jamais havia injustiça, a igualdade na aplicação consolava a desigualdade no princípio. As velhas cartas, os antigos privilégios de cada cidade, toda esta história de família que faz o encanto e a glória dos pequenos Estados, era singularmente cara aos alemães; mas que, entretanto, descuidavam da grande potência nacional que tanto importava fundar em meio aos colossos europeus.

Os alemães, com algumas poucas exceções, são praticamente incapazes de ter êxito em tudo que exija destreza e habilidade: tudo os inquieta, tudo os embaraça, e eles têm tanta necessidade de método nas ações quanto de independência nas idéias. Os franceses, ao contrário, consideram as ações com a liberdade da arte, e as idéias com a submissão do uso. Os alemães, que não podem sofrer o jugo das regras na literatura, gostariam que tudo lhes fosse traçado com antecedência no que diz respeito

à conduta. Eles não sabem tratar com os homens; e, sob este aspecto, quanto menos se lhes dá a ocasião de decidirem por si mesmos, mais ficam satisfeitos.

Apenas as instituições políticas podem formar o caráter de uma nação; a natureza do governo da Alemanha estava quase em oposição com as luzes filosóficas dos alemães. Daí reunirem a grande audácia de pensamento ao caráter mais obediente. A preeminência do estado militar e as distinções de posição os acostumaram à submissão mais pontual nas relações da vida social; a obediência entre eles é antes uma questão de regularidade do que de servilismo; eles são escrupulosos no cumprimento das ordens que recebem, como se toda ordem fosse um dever.

Os homens esclarecidos da Alemanha disputam vivamente entre si o domínio das especulações, e nesta atitude não padecem de nenhum entrave; porém, abandonam de bom grado aos poderosos da terra tudo o que é da ordem do real na vida. "Este real, tão desdenhado por eles, encontra entretanto aquiridores que logo levam o tumulto e o incômodo ao império da imaginação."⁴ O espírito dos alemães e seu caráter parecem não ter nenhuma comunicação conjunta: um não pode sofrer limites, o outro se submete a todos os jugos; um é mais empreendedor, o outro muito tímido; e, enfim as luzes de um raramente dão força ao outro, e isso é facilmente explicado. A extensão dos conhecimentos nos tempos modernos apenas enfraquece o caráter, quando não está fortificado pelo hábito dos negócios e o exercício da vontade. Tudo ver e tudo compreender é uma grande razão de incerteza, e a energia da ação apenas se desenvolve nas regiões livres e poderosas em que os sentimentos patrióticos estão na alma como o sangue nas veias, congelando-se apenas com a vida⁵.

DA ALEMANHA DO NORTE (Cap. XIII)

As primeiras impressões recebidas ao se chegar no norte da Alemanha, sobretudo em meio ao inverno, são extremamente tristes; e não me espantei por essas impressões terem impedido a maior parte dos franceses, conduzidos a este país pelo exílio, de observá-lo sem prevenção. A fronteira do Reno é solene; ao atravessá-la, tememos ouvir pronunciar esta frase terrível: *Você está fora da França*. É em vão que

⁴Frase suprimida pelos censores. (NA feita na prova de 1813.)

⁵Não tenho a necessidade de dizer que era a Inglaterra que eu desejava designar por estas palavras; mas quando os nomes próprios não são articulados, a maior parte dos censores, homens esclarecidos, comprazem-se em não compreender. Não ocorre o mesmo com a polícia; ela tem uma espécie de instinto verdadeiramente notável contra as idéias liberais sob qualquer forma que se apresentem, e, nesta questão, ela descobre como um hábil cão de caça tudo o que poderia revelar no espírito dos franceses seu antigo amor pelas luzes e a liberdade. (NA).

o espírito julga com imparcialidade o país que nos viu nascer, nossas afeições jamais se desvinculam de lá; e quando se é forçado a deixá-lo, a existência parece desenraizada, tornamo-nos estranhos a nós mesmos. Os mais simples costumes, assim como as relações mais íntimas, os interesses mais graves, como os menores prazeres, tudo provinha da pátria; nada disso mais existe. Não se encontra ninguém que possa nos falar de outrora, ninguém que nos ateste a identidade dos dias passados com os dias atuais; o destino recomeça, sem que a confiança dos primeiros anos se renove; muda-se de mundo, sem ter mudado de coração. Assim o exílio condena a sobreviver; as despedidas, as separações, tudo se dá como no instante da morte, e assistimos a isso entretanto com todas as forças da vida.

Há seis anos, eu estava às margens do Reno, esperando a barca que devia me conduzir à outra margem. Fazia frio, o céu estava escuro, e tudo me parecia um presságio funesto. Quando a dor agita violentamente nossa alma, não podemos nos persuadir de que a natureza seja indiferente a isto; é permitido ao homem atribuir algum poder aos seus sofrimentos: isto não é orgulho, mas sim confiança na piedade celeste. Eu me inquietava por meus filhos, embora não estivessem ainda na idade de sentir essas emoções da alma que espalham o terror sobre todos os objetos exteriores. Meus empregados franceses se impacientavam com a lentidão alemã, e espantavam-se de não serem compreendidos quando falavam a única língua admitida nos países civilizados. Havia em nossa balsa uma velha mulher alemã, sentada numa carroça da qual não queria descer nem mesmo para atravessar o rio. - A senhora está bem tranqüila! disse-lhe eu. - Sim, respondeu ela, para que criar caso? - Estas simples palavras me tocaram. Com efeito, *para que criar caso?* Mas mesmo que gerações inteiras atravessassem a vida em silêncio, a infelicidade e a morte não os perderiam de vista, e da mesma forma poderiam atingi-los.

Chegando à margem oposta ouvi a trompa dos postilhões cujos sons agudos e desafinados pareciam anunciar uma triste partida rumo a uma triste estada. A terra estava coberta de neve; as casas, pontilhadas por pequenas janelas de onde saíam as cabeças de alguns habitantes arrancados de suas monótonas ocupações pelo barulho de um carro; uma espécie de contrapeso, que faz mover a vigota com a qual se fecha a barreira, dispensa aquele que pede a peagem aos viajantes de sair de sua casa para receber o dinheiro que lhe é devido. Tudo é calculado para estar imóvel, e o homem que pensa, assim como aquele cuja existência é apenas material, desdenham todos os dois igualmente a distração externa.[...]

Os alemães têm muita universalidade no espírito em literatura e filosofia, mas nenhuma nos negócios. Eles os consideram sempre parcialmente, ocupando-se disso de um modo quase mecânico. Na França ocorre o contrário: o espírito dos negócios

ali é muito amplo, não se permitindo a universalidade na literatura nem na filosofia. Se um sábio fosse poeta, se um poeta fosse sábio, ele se tornaria suspeito entre nossos sábios e poetas; mas não é raro encontrar no mais simples negociante idéias luminosas sobre os interesses políticos e militares do país. Decorre daí que na França haja um maior número de pessoas de espírito, e um menor número de pensadores. Na França, estuda-se os homens; na Alemanha, os livros. Faculdades comuns bastam para interessar ao se falar dos homens; é preciso quase gênio para reconhecer a alma e o movimento nos livros. Apenas aqueles que se ocupam de fatos passados e idéias abstratas podem se apegar à Alemanha. O presente e o real pertencem à França; e, até nova ordem, ela não parece disposta a renunciar a isto.

Ao meu ver, não busco dissimular os inconvenientes da Alemanha. Mesmo pequenas cidades do norte, onde são encontrados homens de um tão alto entendimento, não oferecem freqüentemente nenhuma espécie de diversão; nenhum espetáculo, pouca vida em sociedade; o tempo ali cai gota a gota, e não interrompe com nenhum ruído a reflexão solitária. As menores cidades da Inglaterra sustentam um Estado livre, enviam deputados para tratar dos interesses da nação. As menores cidades da França mantêm relações com a capital onde tantas maravilhas estão reunidas. As menores cidades da Itália gozam do céu e das belas-artes cujos raios espalham-se por todo o país. No norte da Alemanha não há nenhum governo representativo, ou grande capital; e a severidade do clima, a mediocridade do destino, a gravidade do caráter, tornariam a existência muito pesada, se a força do pensamento não estivesse liberta de todas as circunstâncias insípidas e limitadas. Os alemães souberam criar para si uma república das letras animada e independente. Eles compensaram o interesse dos fatos pelo interesse das idéias. Eles abrem mão do centro, pois todos tendem para um mesmo objetivo, e sua imaginação multiplica o pequeno número das belezas que as artes e a natureza podem lhes oferecer.

Os cidadãos desta república ideal, desligados na sua maior parte de toda espécie de relações com os negócios públicos e particulares, trabalham na obscuridade como os mineiros, e situados como eles em meio a tesouros sepultados, exploram em silêncio as riquezas intelectuais do gênero humano.

SEGUNDA PARTE

A LITERATURA E AS ARTES

LESSING (Cap. VI)

A literatura alemã talvez seja a única a ter-se iniciado pela crítica; por todas as outras partes a crítica veio após as obras-primas; mas na Alemanha ela as produziu. A época em que as letras ali tiveram mais brilho é a causa dessa diferença. Uma vez que diversas nações já haviam se distinguido há vários séculos na arte de escrever, os alemães chegaram após todas as outras, e acreditaram não ter nada melhor a fazer do que seguir o caminho já traçado; foi preciso pois que a crítica inicialmente afastasse a imitação para dar lugar à originalidade. Lessing escreveu em prosa com uma clareza e uma precisão totalmente novas: a profundidade do pensamento freqüentemente embaraça o estilo dos escritores da nova escola; Lessing, não menos profundo, tinha algo de áspero no caráter que lhe fazia encontrar as palavras mais precisas e mordazes. Lessing era sempre animado em seus escritos por um movimento hostil contra as opiniões que atacava, e o irascibilidade dá relevo às idéias.

Ele se ocupou sucessivamente de teatro, filosofia, Antigüidade, teologia, perseguindo a verdade por toda parte como um caçador que encontra ainda mais prazer no desenrolar do que no desfecho. Seu estilo tem alguma relação com a concisão viva e brilhante dos franceses; ele tendia a tornar o alemão clássico: os escritores da nova escola abarcam mais pensamentos ao mesmo tempo, mas Lessing deve ser mais generosamente admirado; trata-se de um espírito novo e ousado que não obstante permanece ao alcance do comum dos homens; sua maneira de ver é alemã, sua maneira de se exprimir européia. Dialético espirituoso e rigoroso em seus argumentos, o fundo de sua alma estava contudo repleto de entusiasmo pelo belo; de um ardor sem chama, ele tinha uma veemência filosófica sempre ativa, que com golpes redobrados produzia efeitos duráveis.

Lessing analisou o teatro francês, então geralmente em moda em seu país, e pretendeu que o teatro inglês tivesse mais relações com o gênio de seus compatriotas. Ao julgar *Méropé*, *Zaïre*, *Semíramis* e *Rodogune*, ele não destaca tal ou tal inverosimilhança específica; ele combate a sinceridade dos sentimentos e caracteres, e ataca as personagens destas ficções como seres reais: sua crítica é um tratado sobre o coração humano tanto quanto uma poética literária. Para apreciar com justiça as

observações de Lessing sobre o sistema dramático em geral, é preciso examinar, como faremos nos capítulos seguintes, as principais diferenças da maneira de ver de franceses e alemães a este respeito. Mas o que importa para a história da literatura é que um alemão tivesse tido a coragem de criticar um grande escritor francês, e de se divertir espirituosamente com o príncipe da zombaria, o próprio Voltaire.

Era muito para uma nação sob o peso do anátema que lhe recusava o gosto e a graça, ouvir dizer que existia em cada país um gosto nacional, uma graça natural, e que se podia alcançar a glória literária por caminhos diversos. Os escritos de Lessing deram um impulso novo; leu-se Shakespeare, ousou-se se dizer alemão na Alemanha, e os direitos da originalidade foram estabelecidos em lugar do jugo da correção.

Lessing compôs peças de teatro e obras filosóficas que merecem ser examinadas à parte; é preciso sempre considerar os autores alemães sob vários pontos de vista. Como eles se distinguem ainda mais pela faculdade de pensar que pelo talento, não se consagram exclusivamente a tal ou tal gênero; a reflexão os atrai sucessivamente a carreiras diferentes.

Dentre os escritos de Lessing, um dos mais notáveis, é o *Laocoonte*, onde caracteriza os temas que convêm à poesia e à pintura com tanta filosofia nos princípios quanto sagacidade nos exemplos. [...]

GOETHE⁶ (Cap. VII)

[...] Como Goethe escreveu em todos os gêneros, o exame de suas obras tomará a maior parte dos capítulos seguintes, mas o conhecimento pessoal do homem que mais influenciou a literatura de seu país serve, ao meu ver, para uma melhor compreensão dessa literatura.

⁶As primeiras relações entre Mme. de Staël e Goethe parecem remontar ao ano de 1795. A essa data Mme. de Staël escreve um *Essai sur les Fictions* que foi indicado a Goethe, talvez por Charles de Villers ou pelos amigos alemães de Benjamim Constant. Goethe empreendeu a tradução e enviou-a para Schiller que a lançou como *Versuch über die Dichtungen* no segundo número da revista *Die Horen* em 1796. No mesmo ano, Mme. de Staël enviava a Goethe sua obra *De l'Influence des Passions* e Goethe fez-lhe chegar por sua vez *Wilhelm Meister*. Porém, como se viu no capítulo sobre Weimar, é somente em dezembro de 1803 que Mme. de Staël conheceu Goethe encontrando-o várias vezes, seja em Weimar, seja em Iena. Várias cartas e bilhetes dão as datas aproximativas desses encontros cujos ecos estão no *Diário Íntimo* de Benjamim Constant. É nesse momento que Mme. de Staël (que em 1795 não sabia suficientemente o alemão para ler *Werther*) traduziu em versos franceses duas baladas: *O Pescador* e *O Deus e a Bailadeira*, que foram publicadas apenas em 1820 nas obras completas. Goethe mostrou inicialmente pouco zelo, depois deixou-se ganhar ao longo de suas relações com Mme. de Staël e permaneceu sempre em bons termos com ela, embora esta não aprovasse muito sua falta de convicção e suas hesitações políticas. (NEC)

Goethe é um homem de um espírito prodigioso na conversação; e, por mais que se diga, o espírito deve saber conversar. Pode-se apresentar alguns exemplos de homens de gênio taciturnos; a timidez, a infelicidade, o desdém ou o tédio são freqüentemente a causa disso; mas em geral, a extensão das idéias e o calor da alma devem inspirar a necessidade de se comunicar com os outros; e esses homens, que não querem ser julgados pelo que dizem, poderiam bem não merecer maior interesse pelo que pensam. Quando se sabe fazer com que Goethe fale, ele é admirável; sua eloquência é composta de pensamentos; seus gracejos são ao mesmo tempo cheios de graça e filosofia, sua imaginação é fortemente tocada pelos objetos exteriores, tal como a dos artistas entre os Antigos; não obstante, a sua razão vai além da maturidade de nosso tempo. Nada perturba a força de sua mente, e os inconvenientes de seu próprio caráter, a irascibilidade, o embaraço, o constrangimento, passam como nuvens ao pé da montanha em cujo cume está situado seu gênio.

Aquilo que nos contam sobre a conversação de Diderot poderia dar alguma idéia da de Goethe; porém, a julgarmos pelos escritos de Diderot, a distância entre estes dois homens deve ser infinita. Diderot está sob o jugo de seu espírito; Goethe domina até mesmo o próprio talento: Diderot é afetado à força de muito querer causar efeito; percebemos, num grau singularmente aprazível, o desdém do sucesso em Goethe, mesmo quando ficamos impacientes com seu descaso. Diderot tem necessidade de suprir, à força de muita filantropia, os sentimentos religiosos que lhe faltam; Goethe preferiria de bom grado ser antes amargo que adocicado; mas antes de tudo, ele é natural; e sem esta qualidade, com efeito, o que há num homem que possa interessar a outro?

Goethe não tem mais o ardor arrebatador que lhe inspirou Werther; porém o calor de seus pensamentos ainda é suficiente para animar a tudo. Dir-se-ia que ele não é atingido pela vida, e que a descreve somente enquanto pintor: no momento, ele confere um maior valor aos quadros que nos apresenta do que às emoções que experimenta; o tempo tornou-o espectador. Quando ainda tinha uma parte ativa nas cenas das paixões, quando ele mesmo sofria pelo coração, seus escritos produziam uma impressão mais viva.

Como a poética de seu talento está sempre se constituindo, Goethe sustenta no presente a necessidade de que o autor seja calmo, até mesmo ao compor uma obra apaixonada, e que o artista deve conservar o sangue frio para agir com mais força sobre a imaginação dos leitores: talvez ele não tivesse tido esta opinião nos primeiros anos da juventude; talvez então estivesse possuído por seu gênio, em lugar de ser-lhe o senhor; talvez sentisse ainda que o sublime e o divino sendo momentâneos no

coração do homem, o poeta é inferior à inspiração que o anima, não podendo julgá-la sem deixá-la escapar.

No primeiro momento, fica-se surpreso de encontrar frieza e mesmo alguma rigidez no autor de Werther; porém quando se consegue colocá-lo à vontade, o movimento de sua imaginação dissipa completamente o acanhamento sentido ao início: é um homem de espírito universal; pois, não há nenhuma indiferença em sua imparcialidade: trata-se de uma existência dupla, uma força dupla, uma luz dupla que ilumina os dois lados da questão em todas as coisas ao mesmo tempo. Quando se trata de pensar, nada o impede, nem seu século, nem seus hábitos, nem suas relações; seu olhar de águia incide sobre os objetos que observa: se ele tivesse tido uma carreira política, se sua alma tivesse sido desenvolvida pelas ações, seu caráter seria mais decidido, mais firme, mais patriota; mas seu espírito não iria pairar tão livremente sobre todos os modos de ver; as paixões ou os interesses iriam lhe traçar um caminho positivo.

Goethe compraz-se, tanto em seus escritos como em seus discursos, em romper os fios por ele mesmo tecidos, em frustrar as emoções que estimula, derrubar as estátuas que fez admirar. Quando em suas ficções ele inspira interesse por um caráter, logo mostra as inconseqüências que devem decorrer dele. Ele dispõe o mundo poético como um conquistador do mundo real, e se acredita suficientemente forte para introduzir como a natureza o gênio destruidor nas próprias obras. Se não fosse um homem estimável, ter-se-ia medo de um gênero de superioridade que se eleva acima de tudo, avilta e realça, entenece e zomba, afirma e duvida alternadamente, e sempre com o mesmo sucesso.

Disse que Goethe possuía sozinho os principais traços do gênio alemão, todos lhe sendo encontrados em um grau eminente: uma grande profundidade de idéias, a graça nascida da imaginação, graça mais original que a formada pelo espírito de sociedade; enfim uma sensibilidade algumas vezes fantástica, mas por isto mesmo mais apropriada para interessar os leitores que buscam nos livros algo com o que variar seu destino monótono, e querem que a poesia lhes faça as vezes de acontecimentos verdadeiros. Se Goethe fosse francês, seria levado a falar da manhã à noite: todos os autores contemporâneos de Diderot iam extrair idéias de sua conversação, e davam-lhe um gozo habitual pela admiração que ele inspirava. Na Alemanha não se sabe despender o talento na conversação, e tão poucas pessoas, mesmo entre as mais notáveis, têm o hábito de interrogar e responder, que a vida em sociedade ali quase não serve para nada; porém a influência de Goethe não é nisso menos extraordinária. Há uma multidão de homens na Alemanha que acreditaria achar genialidade no endereçamento de uma carta, se ele a tivesse escrito. A admiração por

Goethe é uma espécie de confraria cujas senhas servem para fazer com que os adeptos se reconheçam. Quando os estrangeiros também querem admirá-lo, são rejeitados com desdém se algumas restrições deixam supor que se permitiram examinar obras que entretanto ganham muito com o exame. Um homem não pode estimular um tal fanatismo sem ter grandes faculdades para o bem e para o mal; pois só a potência, em qualquer gênero que seja, atemoriza suficientemente os homens para que o amem dessa maneira.

SCHILLER (Cap. VIII)

Schiller era um homem de um gênio raro e uma boa fé perfeita; estas duas qualidades deveriam ser inseparáveis ao menos em um homem de letras. O pensamento só pode ser colocado em igualdade com a ação quando desperta em nós a imagem da verdade; a mentira é ainda mais repugnante nos escritos que na conduta. As ações, mesmo enganosas, permanecem ainda ações, e sabe-se ao que se apegar para julgá-las ou odiá-las; mas as obras são só um amontoado fastidioso de palavras vãs, quando não partem de uma convicção sincera.

Não há uma carreira mais bela do que a das letras, quando seguida como Schiller. É verdade que há tanta seriedade e lealdade em tudo na Alemanha, que somente ali se pode conhecer de uma maneira completa o caráter e os deveres de cada vocação. Não obstante, Schiller, dentre todos, era admirável tanto pelas virtudes quanto pelos talentos. A consciência era sua musa: esta não tem necessidade de ser invocada, pois é sempre ouvida ao ser escutada uma vez. Ele amava a poesia, a arte dramática, a história, a literatura por elas mesmas. Ele teria o mesmo cuidado com suas obras mesmo que tivesse resolvido a não publicá-las; e jamais alguma consideração obtida, seja do sucesso, seja da moda, seja dos preconceitos, ou de tudo o que viesse dos outros enfim, ter-lhe-ia feito alterar seus escritos; pois seus escritos eram ele, expressavam-lhe a alma, sendo-lhe inconcebível a possibilidade de mudar uma expressão, se o sentimento interior que o inspirava não tivesse mudado. Provavelmente, Schiller não podia estar isento de amor-próprio. Se ele é necessário para se amar a glória, é necessário mesmo para se ser capaz de uma atividade qualquer; mas nada difere tanto nas conseqüências quanto a vaidade e o amor pela glória; uma trata de escamotear o sucesso, a outra quer conquistá-lo; uma inquieta-se consigo mesma e manobra pela opinião, a outra conta apenas com a natureza e nela se fia para submeter tudo. Enfim, acima mesmo do amor pela glória, há ainda um sentimento mais puro, o amor pela verdade, que faz dos homens de letras como que

os sacerdotes guerreiros de uma nobre causa; são eles que doravante devem guardar o fogo sagrado: pois fracas mulheres não bastariam como outrora para defendê-lo.

É uma bela coisa a inocência no gênio, e a candura na força. O que prejudica a idéia que se faz da bondade, é acreditar que seja fraqueza; porém ao estar unida ao mais alto grau de luzes e energia, leva-nos a compreender como a Bíblia pode nos dizer que Deus fez o homem à sua imagem. Schiller, devido aos excessos da imaginação, havia se prejudicado ao entrar para a sociedade; porém, com o peso da idade ele retomou a pureza sublime que nasce dos altos pensamentos. Ele jamais negociava com os maus sentimentos. Ele vivia, falava, agia como se não existissem as pessoas más; e quando as retratava em suas obras, era com mais exagero e menos profundidade do que se as tivesse verdadeiramente conhecido. As pessoas más ofereciam-se à sua imaginação como um obstáculo, como um flagelo físico, e com efeito, sob muitos aspectos, elas talvez não tenham uma natureza intelectual; o hábito do vício transformou-lhes a alma em um instinto pervertido.

Schiller era o melhor amigo, o melhor pai, o melhor esposo; nenhuma qualidade faltava a esse caráter terno e pacífico inflamado apenas pelo talento; o amor pela liberdade, o respeito pelas mulheres, o entusiasmo pelas belas-artes, a adoração pela divindade, animavam-lhe o gênio, e na análise de suas obras será fácil mostrar com qual virtude suas obras-primas se relacionam. Fala-se muito que o espírito pode suprir a tudo; o que acredito nos escritos onde o *savoir-faire* domina; porém, quando se quer descrever a natureza humana em suas tempestades e abismos, a própria imaginação não basta; é necessário ter uma alma que tenha sido agitada pela tempestade, mas onde o céu tenha descido para trazer a calma.

A primeira vez que vi Schiller foi no salão do duque e da duquesa de Weimar, em presença de uma sociedade tão esclarecida quanto imponente: ele lia muito bem em francês, mas jamais o havia falado. Sustentei calorosamente a superioridade de nosso sistema dramático sobre todos os outros. Ele não se recusou a combater-me; sem se inquietar com as dificuldades e a lentidão que sentia ao se exprimir em francês, e do mesmo modo sem temer a opinião dos ouvintes, que era contrária à sua, a convicção íntima o fez falar. A princípio servi-me das armas francesas, a vivacidade e os gracejos, para refutá-lo; mas tão logo distingi no que dizia Schiller o tanto de idéias que havia através do obstáculo das palavras, fiquei tão tocada pela simplicidade de caráter que levava um homem de gênio a engajar-se de tal modo numa luta em que as palavras faltavam aos pensamentos, e achei-o tão modesto e despreocupado no que concernia ao próprio sucesso, tão altivo e animado na defesa do que acreditava ser a verdade, que lhe devotei desde aquele instante uma amizade cheia de admiração.

Acometido, ainda moço, por uma doença sem esperança, seus últimos momentos foram suavizados pelos filhos e a mulher, a qual merecia, por mil qualidades tocantes, o afeto que ele lhe devotava. Mme de Wollzogen⁷, uma amiga digna de compreendê-lo, perguntou-lhe, algumas horas antes de sua morte, como ele se sentia: *Cada vez mais tranqüilo*, respondeu-lhe. Com efeito, ele não tinha razão para se confiar à divindade cujo reino sobre a terra ele havia secundado? Ele não se aproximava da morada dos justos? Ele não está no momento junto de seus semelhantes e já não encontrou os amigos que nos esperam?

DA POESIA (Cap. X)

O que é verdadeiramente divino no coração do homem não pode ser definido; se há palavras para alguns traços, não as há para exprimir o conjunto, e sobretudo o mistério da verdadeira beleza em todos os gêneros. É fácil dizer o que não é poesia; mas quando se quer compreender o que ela é, é preciso pedir o socorro das impressões excitadas por uma bela região, uma música harmoniosa, o olhar de um objeto querido, e acima de tudo um sentimento religioso que nos faça sentir em nós mesmos a presença da divindade. A poesia é a linguagem natural de todo os cultos. A Bíblia é repleta de poesia, Homero é repleto de religião; não que existam ficções na Bíblia, ou dogmas em Homero; mas o entusiasmo reúne em um mesmo foco sentimentos diversos, o entusiasmo é o incenso da terra para o céu, reunindo-os um ao outro.

O dom de revelar pela palavra o que se sente ao fundo do coração é muito raro; há contudo poesia em todos os seres capazes de afeições vivas e profundas; falta expressão aos que não são exercitados a encontrá-la. O poeta por assim dizer apenas extrai o sentimento prisioneiro no fundo da alma; o gênio poético é uma disposição interior da mesma natureza que a que torna capaz de um generoso sacrifício: compor uma bela ode é sonhar o heroísmo. Se o talento não fosse móvel, ele muito freqüentemente inspiraria as belas ações tanto quanto as palavras tocantes; pois elas partem todas igualmente da consciência do belo, que se faz sentir em nós mesmos.

⁷Mme de Wohlzogen, nascida Caroline de Langefeld, irmã de Charlotte e cunhada de Schiller (1763-1847), romancista, autora de uma *Vida de Schiller*. É um romance de Mme de Wohlzogen, *Agnès de Lilién*, que Mme. de Staël se esforça para ler quando, em 1800, "o ardor do alemão a transporta" (Usteri e Ritter: *Lettres de Mme. de Staël à Meister*, p. 169). Talvez ela tenha reencontrado a autora em Paris em 1802 antes de reencontrá-la em Weimar 1803, e de ter assim mais tarde por seu intermédio detalhes sobre a morte edificante de Schiller, ocorrida em 9 de maio de 1805. (NEC)

Um homem de um espírito superior dizia *que a prosa era factícia, e a poesia natural*⁸: com efeito, as nações poucos civilizadas começam sempre pela poesia, e quando uma paixão forte agita a alma, os homens mais comuns se servem, sem o saber, de imagens e metáforas; eles invocam em seu socorro a natureza exterior para exprimir o que se passa neles de inexprimível. As pessoas do povo estão muito mais próximas de serem poetas do que os homens de boa sociedade, pois a convenção e a zombaria só são apropriadas enquanto limites, não podendo inspirar nada.

Há uma luta interminável neste mundo entre a poesia e a prosa, e o gracejo deve sempre se colocar do lado da prosa; pois gracejar é rebaixar. O espírito de sociedade é entretanto bastante favorável à poesia com elegância e alegria cujos modelos mais brilhantes são Ariosto, La Fontaine, Voltaire. A poesia dramática é admirável em nossos primeiros escritores; a poesia descritiva, e sobretudo a poesia didática entre os franceses foi levada a um grau bastante alto de perfeição; porém até o presente, não parece que eles sejam chamados a se distinguir na poesia lírica ou épica, tal como os Antigos e os estrangeiros a concebem.

A poesia lírica é expressa em nome do próprio autor; ele não se transporta mais em uma personagem, encontrando em si mesmo os diversos movimentos que o animam: J.-B. Rousseau em suas odes religiosas, Racine em *Athalie*, mostraram-se poetas líricos; eles foram formados pelos salmos e penetrados por uma fé viva; não obstante as dificuldades da língua e da versificação francesas quase sempre se opõem à entrega própria do entusiasmo. Pode-se citar admiráveis estrofes em algumas de nossas odes; porém há uma inteira na qual o deus não tenha abandonado o poeta? Belos versos não são poesia; a inspiração das artes é uma fonte inesgotável que vivifica desde a primeira palavra até a última: amor, pátria, crença, tudo deve ser divinizado na ode, trata-se da apoteose do sentimento: é preciso, para conceber a verdadeira grandeza da poesia lírica, errar pelo devaneio nas regiões etéreas, esquecer o barulho da terra ao escutar a harmonia celeste, e considerar o universo inteiro como um símbolo das emoções da alma.

O enigma do destino humano não é nada para a maior parte dos homens; o poeta o tem sempre presente à imaginação. A idéia da morte, que desencoraja os espíritos comuns, torna o gênio mais audacioso, e a mistura das belezas da natureza e

⁸Soubemos por uma nota à margem de C [manuscrito] que este "homem de espírito superior" é o Barão de Voght (Cf. t. I, cap. XIX, p. 276, nota 2). Eis sobre o Barão de Voght um julgamento menos favorável nas *lembranças do Barão de Frénilly* (Paris, 1908, p.309) "...o gordo Barão de Voght, cidadão bastante rico de Hamburgo, universal no medíocre, saturado deste entusiasmo germânico que se derrama, que transborda e próximo do qual, o italiano tem sangue frio. Ele era apaixonado pela música, pela pintura, pelos versos, pela prosa, pelas grande coisas, pelas pequenas coisas, pelas belezas da natureza e pelo mundo, pois era um cosmopolita ..." (NEC)

dos terrores da destruição excita não sei qual delírio de felicidade e pavor, sem o qual não é possível nem compreender nem descrever o espetáculo deste mundo. A poesia lírica não conta nada, não se restringe em nada à sucessão dos tempos, nem aos limites dos lugares; ela paira sobre os países e os séculos; ela confere duração ao momento sublime durante o qual o homem se eleva acima das dores e dos prazeres da vida. Ele se sente em meio às maravilhas do mundo como um ser ao mesmo tempo criador e criado, que deve morrer e que não pode cessar de existir, cujo coração trêmulo e forte ao mesmo tempo orgulha-se consigo mesmo e se prosterna diante de Deus.

Os alemães reunindo ao mesmo tempo, o que é bastante raro, a imaginação e o recolhimento contemplativo, têm mais capacidade para a poesia lírica do que a maior parte das outras nações. Os modernos não podem abrir mão de uma certa profundidade de idéias cujo hábito lhes foi dado por uma religião espiritualista; e se entretanto esta profundidade não fosse revestida de imagens, não seria poesia: é preciso pois que a natureza cresça aos olhos do homem para que ele possa se servir dela como emblema de seus pensamentos. Pequenos bosques, flores e riachos bastavam aos poetas do paganismo; a solidão das florestas, o oceano sem limites, o céu estrelado dificilmente podem exprimir o eterno e o infinito de que a alma dos cristãos está repleta.

Os alemães não têm mais poemas épicos do que nós; esta admirável composição não parece em acordo com os modernos, e talvez exista apenas a *Ilíada* que corresponda inteiramente à idéia que se faz deste gênero de obra: é preciso para o poema épico um concurso singular de circunstâncias só encontrado entre os gregos, a imaginação dos tempo heróicos e a perfeição da linguagem dos tempos civilizados. Na Idade Média, a imaginação era forte, mas a linguagem imperfeita; em nossos dias a linguagem é pura, mas a imaginação está em falta. Os alemães têm muita audácia nas idéias e no estilo, e pouca invenção na matéria do tema; suas tentativas épicas aproximam-se quase sempre do gênero lírico. As dos franceses recobrem antes o gênero dramático, encontrando-se ali mais interesse que grandeza!⁹ Quando se trata de agradar no teatro, a arte de se circunscrever a uma dada moldura, de adivinhar o gosto dos espectadores, e de ter de se dobrar habilmente a eles, forma uma parte do

⁹No século XVIII, apenas os eruditos conheciam a existência de nossas canções e as consideravam como documento cujo o interesse estava apenas no estudo dos glossários. Paulmy e Tressan por volta de 1770-1780 empenharam-se, na *Bibliothèque des Romans*, em divulgar alguns textos ao grande público, mas de tal modo desfigurados que ninguém podia suspeitar seu valor literário. Foi preciso, no início do século XIX, os trabalhos dos eruditos alemães e, na França, os de Fauriel, Michelet, Quinet para fazer reviver enfim as gestas da Idade Média. A primeira edição completa da *Canção de Rolando* segundo os manuscritos, data de 1836. (NEC)

êxito; ao passo que nada deve resultar de circunstâncias exteriores e passageiras na composição de um poema épico. Ele exige belezas absolutas, belezas que atinjam o leitor solitário, quando seus sentimentos são mais naturais e sua imaginação mais ousada. Quem quisesse arriscar demasiadamente em um poema épico poderia bem incorrer na censura severa do bom gosto francês; mas quem não se arriscasse em nada não seria por isso menos desdenhado.[...]

DA POESIA CLÁSSICA E DA POESIA ROMÂNTICA (Cap. XI)

O nome *romântico*¹⁰ foi recentemente introduzido na Alemanha, para designar a poesia cuja origem está nos cantos dos trovadores, nascida da cavalaria e do cristianismo. Se não se admitir que o paganismo e o cristianismo, o norte e o sul da Europa, a Antigüidade e a Idade Média, a cavalaria e as instituições gregas e romanas, partilharam o império da literatura, jamais se chegará a julgar o gosto moderno e o gosto antigo sob um ponto de vista filosófico.

A palavra clássico é tomada algumas vezes como sinônimo de perfeição. Utilizo-a aqui numa outra acepção, considerando como poesia clássica a dos Antigos, e como poesia romântica a que se prende de algum modo às tradições cavaleirescas. Esta divisão remete igualmente às duas eras do mundo: a que precedeu o estabelecimento do cristianismo e a que se seguiu a ele.

Foram comparadas igualmente, em diversas obras alemãs, a poesia antiga à escultura e a poesia romântica à pintura; enfim, a marcha do espírito humano foi caracterizada de todas as maneiras, passando das religiões materialistas às espiritualistas, da natureza à Divindade.

A nação francesa, a mais cultivada das nações latinas, inclina-se para a poesia clássica, imitada de gregos e romanos. A nação inglesa, a mais ilustre das nações germânicas, aprecia a poesia romântica e cavaleiresca, glorificando-se das obras-primas que possui no gênero. Não examinarei aqui qual destes dois gêneros de poesia merece a preferência: basta mostrar que a diversidade dos gostos, a este respeito, não

¹⁰Na época em que Mme. de Staël escrevia estas linhas, a palavra "romântico" era mais ou menos ignorada. Os exércitos conquistadores haviam atravessado os países Germânicos sem relatar o menor ensinamento sobre a situação dos espíritos além Reno. Um francês não podia pois conhecer esse adjetivo senão pelo emprego que dele fez Rousseau nos *passeios românticos* com o sentido de maravilhoso irreal, imaginário, e o consagrado pelos historiadores que desligavam assim tudo o que participa da literatura e da arte medieval e mais particularmente *Românica*. O sentido que lhe davam os alemães aproximava-se desta interpretação histórica. Podia-se chamar movimento romântico na Alemanha tudo o que continuava na arte e na literatura a tradição românica. [...](NEC)

deriva somente de causas acidentais, mas também das fontes primitivas da imaginação e do pensamento.

Existe nos poemas épicos, e nas tragédias dos Antigos, um gênero de simplicidade que provém da identificação que os homens da época tinham com a natureza, e sua crença de que dependiam do destino, assim como a natureza depende da necessidade. O homem, refletindo pouco, sempre colocava externamente a ação de sua alma; a própria consciência era figurada por objetos exteriores, e as tochas das Fúrias agitavam os remorsos sobre a cabeça dos culpados. O acontecimento era tudo na Antigüidade; o caráter possui mais espaço nos tempos modernos. A reflexão inquieta, que freqüentemente nos devora como o abutre de Prometeu, só teria parecido semelhante à loucura, em meio às relações claras e marcadas existentes no estado civil e social dos Antigos.

Na Grécia, no começo da arte, faziam-se apenas estátuas isoladas; os grupos foram compostos mais tarde. Poder-se-ia assim dizer seguramente que em todas as artes absolutamente não existiam grupos; os objetos representados sucediam-se como nos baixos-relevos, sem combinação, sem complicação de qualquer gênero. O homem personificava a natureza; ninfas habitavam as águas, Hamadriades habitavam as florestas; mas a natureza, por sua vez, subjugava o homem, e ter-se-ia sido dito que ele se assemelhava à torrente, ao raio, ao vulcão, a tal ponto agia por um impulso involuntário, sem que a reflexão pudesse alterar em nada os motivos e as conseqüências de suas ações. Os Antigos tinham, por assim dizer, uma alma corporal, cujos movimentos eram todos fortes, diretos e conseqüentes; o mesmo não ocorre com o coração humano desenvolvido pelo cristianismo: os modernos extraíram do arrependimento cristão o hábito de se voltarem continuamente para si mesmos.

Todavia, para manifestar esta existência totalmente interior, é preciso que uma grande variedade nos fatos apresente, sob todas as formas, as nuances infinitas do que se passa na alma. Se em nossos dias as belas-artes estivessem sujeitas à simplicidade dos Antigos, não atingiríamos a força primitiva que os distingue, e perderíamos as emoções íntimas e múltiplas de que nossa alma é suscetível. A simplicidade da arte, entre os modernos, facilmente se transformaria em frieza e abstração, enquanto que a dos Antigos era cheia de vida. A honra e o amor, a bravura e a compaixão são os sentimentos que marcam o cristianismo cavaleiresco; e estas disposições da alma só podem se fazer ver pelos perigos, façanhas, amores, infortúnios, pelo interesse romântico enfim, que varia sem cessar os quadros. Portanto, sob muitos pontos de vista, as origens dos efeitos da arte na poesia clássica e na romântica são diferentes; em uma, é a sorte que reina; na outra, é a Providência; o destino não leva em conta o sentimento dos homens, a Providência julga as ações apenas segundo os sentimentos.

Como seria possível que a poesia não criasse um mundo de uma outra natureza, quando é preciso pintar a obra de um destino cego e surdo, sempre em luta com os mortais, ou essa ordem inteligente presidida por um Ser supremo, interrogado pelo nosso coração, e que responde ao nosso coração!

A poesia pagã deve ser simples e palpável como os objetos exteriores; a poesia cristã tem necessidade das mil cores do arco-íris para não se perder nas nuvens. A poesia dos Antigos é mais pura como arte, a dos modernos faz verter mais lágrimas: mas a questão para nós não está na relação entre a poesia clássica e a poesia romântica, mas na imitação de uma e na inspiração da outra. A literatura dos Antigos é entre os modernos uma literatura transplantada: a literatura romântica ou cavaleiresca é entre nós autóctone, e foram nossas instituições e nossa religião que a fizeram desabrochar. Os escritores imitadores dos Antigos submeteram-se às mais severas regras do gosto; pois, não podendo consultar nem a própria natureza, nem as próprias lembranças, foi preciso que se conformassem às leis segundo as quais as obras-primas dos Antigos podem ser adaptadas ao nosso gosto, muito embora todas as circunstâncias políticas e religiosas que deram origem a estas obras-primas estivessem mudadas. Mas, as poesias segundo o modelo antigo, por mais perfeitas que sejam, raramente são populares, pois atualmente não dizem respeito a nada que seja nacional.

A poesia francesa, sendo a mais clássica de todas as poesias modernas, é a única a não estar disseminada entre o povo. As estâncias de Tasso são cantadas pelos gondoleiros de Veneza, os espanhóis e os portugueses de todas as classes sabem de cor os versos de Calderón e Camões. Na Inglaterra, Shakespeare é admirado tanto pelo povo quanto pela classe superior. Poemas de Goethe e Bürger são convertidos em música e podemos ouvi-los repetidas vezes das margens do Reno ao Báltico. Nossos poetas franceses são admirados por todos os espíritos cultivados entre nós e no resto da Europa; mas são totalmente desconhecidos das pessoas do povo e mesmo dos burgueses das cidades, pois na França, as artes não são como em outros lugares, nativas do próprio país onde a sua beleza se desenvolve.

Alguns críticos franceses pretenderam que a literatura dos povos germânicos ainda estava na infância da arte; esta opinião é totalmente falsa: os homens mais instruídos no conhecimento das línguas e obras dos Antigos certamente não ignoram os inconvenientes e as vantagens do gênero que adotam ou rejeitam; mas seu caráter, seus hábitos e seu raciocínio os têm conduzido a preferir a literatura firmada nas lembranças da cavalaria, no maravilhoso da Idade Média, ao invés daquela cuja base é a mitologia dos gregos. A literatura romântica é a única que ainda é suscetível de ser aperfeiçoada, uma vez que tendo suas raízes em nosso próprio solo, é a única que

poderia crescer e vivificar-se novamente; ela exprime nossa religião, lembra nossa história: sua origem é antiga, mas não da Antigüidade.

A poesia clássica deve passar pelas lembranças do paganismo para chegar até nós: a poesia dos germânicos pertence à era cristã das belas-artes: ela se serve de nossas impressões pessoais para comover: o gênio que a inspira dirige-se diretamente ao nosso coração e parece evocar nossa própria vida como um fantasma, o mais poderoso e o mais terrível de todos.

DA POESIA ALEMÃ (Cap. XIII)

[...] Nunca terminaria se quisesse falar de todas as poesias de Schiller que contêm novos pensamentos e belezas. O hino que fez sobre a partida dos gregos após a queda de Tróia, poderia se tomado como de um poeta de então, tanto a cor do tempo ali está fielmente observada. Examinarei, em relação à arte dramática, o talento admirável dos alemães para se transportarem para os séculos, países, caracteres mais diferentes dos seus: soberba faculdade, sem a qual as personagens colocadas em cena assemelham-se a marionetes movidas por um mesmo fio e com uma mesma voz, a do autor, a fazê-las falar. Schiller merece ser admirado sobretudo como poeta dramático; Goethe, único, está em primeiro lugar na arte de compor elegias, romanças, estâncias, etc.; em separado, suas poesias têm um mérito bastante diferente das de Voltaire. O poeta francês soube colocar em versos o espírito da sociedade mais brilhante; o poeta alemão, por alguns traços rápidos, desperta na alma impressões solitárias e profundas.

Nesse gênero de obras, Goethe é natural a um grau supremo; natural não somente ao falar segundo suas próprias impressões, mas também, quando se transporta para países, costumes e situações totalmente novos, sua poesia toma facilmente a cor dos recantos estrangeiros: ele apreende com um talento único aquilo que agrada nas canções nacionais de cada povo; ele se torna, quando quer, um grego, um indiano, um morlak. Falamos com freqüência das características dos poetas do norte, a melancolia e a meditação: Goethe, como todos os homens de gênio, reúne em si surpreendentes contrastes; encontram-se em suas poesias muitos traços do caráter dos habitantes do sul; ele está mais preparado para a existência do que os setentrionais; ele sente a natureza com mais vigor e serenidade; seu espírito não tem menos profundidade, porém seu talento tem mais vida; encontra-se nele um certo gênero de ingenuidade que desperta ao mesmo tempo a lembrança da simplicidade da Antigüidade e da Idade Média: não se trata da ingenuidade da inocência, mas sim da força. Percebe-se nas poesias de Goethe seu desdém por uma multidão de obstáculos,

conveniências, críticas e observações que se lhe poderia opor. Ele segue sua imaginação aonde ela o leva, e um certo orgulho em massa libera-o dos escrúpulos do amor-próprio; Goethe na poesia é um artista com um poderoso domínio da natureza, ainda mais admirável quando não termina seus quadros; pois os seus esboços contêm alguns germes de uma bela ficção: porém, suas ficções acabadas não supõem sempre um esboço feliz.

Nas elegias, compostas em Roma, não se devem buscar descrições da Itália. Goethe praticamente nunca faz o que se espera dele; a suntuosidade em uma idéia, desagrada-o; ele quer causar efeito por um atalho, como que sem o conhecimento do autor e do leitor. Suas elegias pintam o efeito da Itália sobre toda a sua existência; esta embriaguez da felicidade que lhe é perpetrada por um belo céu. Ele conta seus prazeres, mesmo os mais comuns, à maneira de Propércio; e, de tempos em tempos, algumas belas lembranças da cidade senhora do mundo dão à imaginação um ímpeto ainda mais vivo por ela não estar preparada para isso.[...]

Resta-nos falar da fonte inesgotável dos efeitos poéticos na Alemanha, o terror: as almas penadas e os feiticeiros agradam tanto ao povo como aos homens esclarecidos; trata-se de um vestígio da mitologia do norte; de uma disposição inspirada com bastante naturalidade pelas longas noites dos climas setentrionais: e, por outro lado, embora o cristianismo combata todos os temores não fundados, as superstições populares têm sempre uma analogia qualquer com a religião dominante. Quase todas as opiniões verdadeiras são seguidas de um erro; ele se coloca na imaginação como a sombra ao lado da realidade: trata-se de um excesso de crença comumente ligada tanto à religião quanto à história; não sei porquê se desdenharia fazer uso disso. Shakespeare extraiu efeitos prodigiosos dos espectros e da magia, e a poesia não poderia ser popular ao desprezar aquilo que exerce uma influência espontânea sobre a imaginação. O gênio e o gosto podem presidir o emprego destes contos: é preciso que haja ainda mais talento na maneira de tratá-los, à medida em que a matéria é popular; porém, é possível que a grande força de um poema consista apenas desta reunião. É provável que os acontecimentos recontados na *Iliada* e na *Odisséia* tenham sido cantados por amas de leite antes que Homero os transformasse em obras-primas da arte.

OS DRAMAS DE LESSING (Cap. XVI)

O teatro alemão não existia antes de Lessing, sendo representadas apenas traduções ou imitações de peças estrangeiras. Ainda mais do que outros ramos da

literatura, o teatro tem necessidade de uma capital onde as fontes de riqueza e das artes estejam reunidas; e na Alemanha tudo está disperso. Em uma cidade há atores, em outra autores, em uma terceira espectadores; e em lugar algum um foco onde todos estes meios estejam reunidos. Lessing empregou seu caráter naturalmente ativo para dar um teatro nacional a seus compatriotas, e escreveu um periódico intitulado *A Dramaturgia*, no qual examinou a maior parte das peças traduzidas do francês que se representava na Alemanha: a perfeita justeza de espírito demonstrada em suas críticas supõe um maior conhecimento de filosofia do que da arte. Em geral, Lessing pensava como Diderot sobre a arte dramática. Ele acreditava que a severa regularidade das tragédias francesas opunha-se a que se pudesse tratar de um grande número de temas simples e tocantes, sendo preciso fazer dramas para remediar isto. Porém Diderot colocava em suas peças a afetação do natural em lugar da afetação de convenção, ao passo que o talento de Lessing é verdadeiramente simples e sincero. Ele foi o primeiro a dar aos alemães o honroso impulso de trabalhar para o teatro segundo o próprio gênio. A originalidade de seu caráter manifesta-se em suas peças; entretanto elas estão submetidas aos mesmos princípios que as nossas; sua forma nada tem de peculiar, e embora não se preocupasse muito com a unidade de tempo ou lugar, ele não atingiu como Goethe e Schiller a concepção de um novo sistema. *Minna de Barnhelm*, *Emília Galotti* e *Nathan o Sábio* são os três dramas de Lessing que merecem ser citados.[...]

Após Lessing surgiu um número infinito de dramas na Alemanha: atualmente isso começa a cansar. O gênero misto do drama só foi pouco introduzido devido às limitações existentes nas tragédias: trata-se de uma espécie de contrabando da arte; porém quando a inteira liberdade é admitida, não se sente mais a necessidade de recorrer aos dramas para fazer uso das circunstâncias simples e naturais. O drama portanto só conservaria uma vantagem, a de descrever, como os romances, as situações de nossa própria vida, os costumes da época em que vivemos; não obstante, ao se ouvir pronunciar no teatro apenas nomes desconhecidos, perde-se um dos maiores prazeres que a tragédia possa dar, as lembranças históricas que ela recupera. Acredita-se encontrar mais interesse no drama, pois ele nos representa o que vemos todos os dias: porém uma imitação demasiadamente próxima da verdade não é o que se busca nas artes. O drama está para a tragédia como as figuras de cera para as estátuas; há demasiada verdade e insuficiente ideal; é demasiada se se trata da arte, e jamais o suficiente para que seja da natureza.

Lessing não pode ser considerado como um autor dramático de primeira ordem; ele cuidou de demasiados objetos diversos para ter um grande talento em qualquer gênero que fosse. O espírito é universal; porém a aptidão natural a uma das belas-artes é necessariamente exclusiva. Lessing era, antes de tudo, um dialético da

maior força, e isto é um obstáculo à eloquência dramática: pois o sentimento desdenha as transições, as gradações e os motivos; trata-se de uma inspiração contínua e espontânea que não pode se dar conta dela mesma. Lessing estava bem longe sem dúvida da aridez filosófica, porém ele tinha no caráter mais vivacidade que sensibilidade, o gênio dramático é mais bizarro, mais sombrio, mais inesperado do que o poderia ser um homem que tinha consagrado a maior parte de sua vida ao raciocínio.

MARIA STUART (Cap. XVIII)

[...] Parece-me que, sem faltar ao devido respeito para com a religião cristã, seria permitido colocá-la na poesia e nas belas-artes, em tudo que eleva a alma e embeleza a vida. Excluí-la disso, é como imitar as crianças que acreditam não poder fazer nada que não seja grave e triste na casa do próprio pai. Há religião em tudo que nos causa uma emoção desinteressada; a poesia, o amor, a natureza e a Divindade reúnem-se em nosso coração, por mais esforços que se faça para separá-los; e se for proibido ao gênio fazer ressoar todas estas cordas ao mesmo tempo, a harmonia completa da alma jamais se fará sentir.

Esta rainha Maria, que a França viu tão brilhante, e a Inglaterra tão infeliz, foi objeto de mil poesias diversas que celebraram seus encantos e infortúnio. A história a descreveu como bastante leviana; Schiller deu mais seriedade a seu caráter, e o momento no qual ele a representa motiva bem esta mudança. Vinte anos de prisão, e mesmo de vida, de qualquer maneira que tenham se passado, são quase sempre uma severa lição.

As despedidas de Maria ao Conde Leicester são, ao meu ver, uma das mais belas situações vistas no teatro. Há alguma indulgência para Maria nesse instante. Ela tem piedade de Leicester, **que é completamente culpado**; ela sente qual lembrança lhe deixa, e esta vingança do coração é permitida. Enfim, no momento de morrer, e de morrer porque ele não quis salvá-la, ela lhe diz ainda que o ama; e se existe algo que pode nos consolar da separação terrível a que somos condenados pela morte, é a solenidade então conferida às nossas últimas palavras; nenhuma finalidade, nenhuma esperança mistura-se aí, e a verdade mais pura sai de nosso peito com a vida.

FAUSTO (Cap. XXIII)

[...] Goethe não se sujeitou nesta obra a nenhum gênero; esta não é nem uma tragédia, nem um romance. O autor quis abjurar nesta composição toda maneira **sóbria** de pensar e escrever: encontrar-se-iam algumas relações com Aristófanes, se traços do patético de Shakespeare não misturassem ali belezas de um gênero completamente diverso. Fausto espanta, comove, entenece; porém não deixa uma terna impressão na alma. Embora a presunção e o vício sejam ali cruelmente punidos, não se sente na punição uma mão benfazeja; dir-se-ia que o próprio mau princípio dirige a vingança contra o crime que provoca, e o remorso, tal como é descrito nesta peça, parece vir do inferno bem como a falta.

A crença nos espíritos maus é encontrada em um grande número de poesias alemãs; a natureza do norte coaduna-se muito bem com este terror; sendo pois, bem menos ridículo na Alemanha, do que o seria na França, servir-se do diabo nas ficções. A considerar todas estas idéias apenas sob o aspecto literário, é certo que nossa imaginação se figura algo que corresponde à idéia de um gênio mau, seja no coração humano, seja na natureza: o homem faz algumas vezes o mal de uma maneira por assim dizer desinteressada, sem objetivo e mesmo contra o seu objetivo, somente para satisfazer uma certa aspereza interior que dá a necessidade de prejudicar. Havia ao lado das divindades do paganismo outras divindades da raça dos Titãs, que representavam as forças revoltadas da natureza; e, dir-se-ia que no cristianismo as más inclinações da alma estão personificadas sob a forma dos demônios.

É impossível ler Fausto sem que o pensamento seja estimulado de mil maneiras diferentes: briga-se com o autor, ele é acusado, justificado; porém faz refletir sobre tudo, e, para tomar emprestado a linguagem de um sábio ingênuo da Idade Média, *sobre algo além de tudo*¹¹. As críticas feitas a uma tal obra são fáceis de prever com antecedência, ou antes é o próprio gênero desta obra que pode incorrer na censura mais ainda do que o tratamento que dele é feito; pois uma tal composição deve ser julgada como um devaneio; e se o bom gosto velasse sempre à porta de marfim dos sonhos para obrigá-los a tomar a forma conveniente, raramente eles tocariam a imaginação.

A peça de Fausto entretanto não é certamente um bom modelo. Seja por poder ser considerada como uma obra do delírio do espírito ou da saciedade da razão, é de se desejar que tais produções não se renovem; porém quando um gênio tal como o de

¹¹*De omnibus rebus et quibusdam aliis.* (N.A.)

Goethe liberta-se de todos os entraves, a multidão de seus pensamentos é tão grande, que de todas as partes ultrapassam e derrubam os limites da arte.

DOS ROMANCES (Cap. XXVIII)

De todas as ficções os romances sendo as mais fáceis, não há nenhuma outra carreira na qual os escritores das nações modernas tenham feito mais tentativas. O romance realiza por assim dizer a transição entre a vida real e a vida imaginária. A história de cada um é, com algumas poucas modificações, um romance bastante semelhante àqueles que se imprime, e as lembranças pessoais, sob este aspecto, freqüentemente fazem as vezes de invenção. Desejou-se dar mais importância a este gênero misturando-lhe a poesia, a história e a filosofia; parece-me que se trata de desnaturalizá-lo. As reflexões morais e a eloqüência apaixonada podem encontrar lugar nos romances; mas o interesse das situações deve ser sempre o primeiro móvel deste tipo de escrito, e jamais algo pode tomar-lhe o lugar. Se o efeito teatral é a condição indispensável de toda peça representada, é igualmente verdadeiro que um romance não seria nem uma boa obra, nem uma ficção feliz, se não inspirasse uma curiosidade viva; é em vão que se gostaria de suprir isso por digressões espirituosas, o engano na espera de divertimento causaria uma fadiga insuperável.

A multidão de romances de amor publicados na Alemanha transformou um pouco em gracejo o clarão da lua, as harpas que ressoam à noite no vale, enfim todos os meios conhecidos de embalar docemente a alma; mas, não obstante, há em nós uma disposição natural que se compraz com estas leituras fáceis, e cabe ao gênio apoderar-se desta disposição que em vão se gostaria de combater. É tão belo amar e ser amado, que este hino da vida pode ser modulada ao infinito, sem que o coração sinta cansaço; assim retorna-se com gozo ao motivo de um canto abrilhantado por notas magníficas. Não dissimularei entretanto que os romances, mesmo os mais puros, são prejudiciais; eles nos ensinaram demasiadamente o que há de mais secreto nos sentimentos. Não é possível experimentar mais nada sem praticamente se lembrar de tê-lo lido; todos os véus do coração foram rasgados. Os Antigos jamais teriam assim feito de sua alma um tema de ficção; restava-lhes um santuário onde até mesmo seu próprio olhar teria medo de penetrar; mas, admitido enfim o gênero dos romances, é preciso interesse, e isto é, como dizia Cícero da ação no orador, a condição três vezes necessária.

Os alemães e ingleses são muito fecundos em romances que descrevem a vida doméstica. A pintura dos costumes é mais elegante nos romances ingleses, tendo

maior diversidade nos romances alemães. Há na Inglaterra, apesar da independência dos caracteres, uma maneira de ser geralmente conferida pela boa sociedade; na Alemanha não houve nenhum ajuste nesse sentido. Vários desses romances fundados em nossos sentimentos e costumes, e que têm entre os livros a posição dos dramas no teatro, merecem ser citados, mas o que é sem igual e sem par, é *Werther*: vê-se ali tudo o que o gênio de Goethe podia produzir quando estava arrebatado. Dizem que ele hoje não dá muito valor a esta obra de sua juventude; a efervescência de imaginação, que praticamente lhe inspirou o entusiasmo pelo suicídio, deve-lhe parecer censurável hoje. Quando se é muito jovem, não tendo em nada começado a degradação do ser, o túmulo parece apenas uma imagem poética, um sono cercado de figuras ajoelhadas que nos pranteiam; não ocorre o mesmo ao meio da vida, e aprende-se então porque a religião, esta ciência da alma, misturou o horror do assassinato ao atentado contra si mesmo.

Goethe não obstante cometeria um grande erro em desdenhar o admirável talento manifestado em *Werther*; ele não soube fazer apenas o quadro dos sofrimentos do amor, mas dos males da imaginação em nosso século; desses pensamentos que agarram ao espírito sem que se possa transformá-los em atos da vontade; o contraste singular entre uma vida muito mais monótona que a dos Antigos, e uma existência interior muito mais agitada, causam um tipo de atordoamento semelhante ao que se tem à beira do abismo, e a própria fadiga sentida após tê-lo longamente contemplado pode acarretar nossa precipitação ali. Goethe soube juntar a essa descrição das inquietudes da alma, tão filosófica em seus resultados, uma ficção simples, mas de um interesse prodigioso. Se se acreditou necessário em todas as ciências atingir os olhos por sinais exteriores, não é natural interessar o coração para ali gravar grandes pensamentos?

Os romances por cartas supõem sempre mais sentimentos que fatos; jamais os Antigos teriam imaginado dar esta forma às suas ficções; e é apenas há dois séculos que a filosofia se introduziu suficientemente em nós mesmos para que a análise daquilo que se sente tenha um tão grande lugar nos livros. Esta maneira de conceber os romances não é tão poética, sem dúvida, quanto a que consiste inteiramente em narrações; porém o espírito humano é agora bem menos ávido dos acontecimentos mesmo os mais bem combinados, do que das observações sobre o que se passa no coração. Essa disposição provém das grandes mudanças intelectuais que tiveram lugar no homem; em geral, ele tende cada vez mais a se voltar para si mesmo, e busca a religião, o amor e o pensamento no mais íntimo do seu ser.

Vários escritores alemães compuseram contos de almas penadas e bruxas, pensando que há mais talento nessas invenções do que num romance baseado em uma

circunstância da vida comum: tudo corre bem quando se é levado por disposições naturais; porém em geral é preciso versos para as coisas maravilhosas, a prosa não basta ali. Quando as ficções representam séculos e países muito diferentes daqueles onde vivemos, é preciso que o encanto da poesia supra o prazer que a semelhança com nós mesmos nos faria experimentar. A poesia é a mediadora alada que transporta os tempos passados e as nações estrangeiras em uma região sublime onde a admiração faz as vezes de simpatia.

Os romances de cavalaria na Alemanha são abundantes, porém, deveriam ter sido vinculados mais escrupulosamente com as tradições antigas: no presente pesquisa-se essas fontes preciosas; e, em um livro chamado *O Livro dos Heróis*, encontrou-se uma multidão de aventuras contadas com força e ingenuidade; convém conservar a cor desse estilo e desses costumes antigos, e não prolongar, pela análise dos sentimentos, as narrações dos tempos onde a honra e o amor agiam sobre o coração do homem, como a fatalidade entre os Antigos, sem que se refletisse nos motivos das ações, nem que a incerteza fosse admitida ali.

Os romances filosóficos tomaram depois de algum tempo, na Alemanha, o passo sobre todos os outros; eles não se parecem com os dos franceses; não é como em Voltaire uma idéia geral expressa por um fato em forma de apólogo, mas num quadro da vida humana totalmente imparcial, um quadro no qual nenhum interesse apaixonado domine, situações diversas sucedem-se em todos os níveis, em todas as condições, em todas as circunstâncias, e o escritor está aí para contá-las; assim Goethe concebeu *Wilhelm Meister*, obra bastante admirada na Alemanha mas pouco conhecida em outros lugares.[...]

TERCEIRA PARTE

A FILOSOFIA E A MORAL

DO BELO E DO SUBLIME EM KANT (Cap. VI)

[...] Em seu tratado sobre o sublime e o belo, intitulado: *Crítica do julgamento*, Kant aplica aos prazeres da imaginação o mesmo sistema do qual extraiu desdobramentos tão fecundos na esfera da inteligência e do sentimento, ou antes é a mesma alma que ele examina, e que se manifesta nas ciências, moral e belas artes. Kant sustenta que há na poesia e nas artes dignas como ela de descrever os sentimentos por imagens, dois gêneros de beleza, um que pode se relacionar ao tempo e a esta vida, e outro ao eterno e ao infinito.

E que não se diga que o infinito e o eterno são inteligíveis, é o finito e o passageiro que se seria freqüentemente tentado a tomar por um sonho; pois o pensamento não pode ver termo em nada, e o ser não poderia conceber o nada. Não se pode aprofundar as próprias ciências exatas sem encontrar ali o infinito e o eterno; e mesmo as coisas mais positivas pertencem tanto, sob certos aspectos, a este infinito e a este eterno, quanto o sentimento e a imaginação.

Dessa aplicação do sentimento do infinito às belas artes deve nascer o ideal, isto é o belo, considerado, não como a reunião e a imitação do que há de melhor na natureza, mas como a imagem realizada do que nossa alma se representa. Os filósofos materialistas julgam o belo sob o aspecto da impressão agradável que ele causa e o colocam assim na esfera das sensações; os filósofos espiritualistas, que relacionam tudo com a razão, vêem no belo o perfeito, e acham nele alguma analogia com o útil e o bom, que são os primeiros graus do perfeito. Kant rejeitou uma e outra explicação.

O belo, considerado apenas como agradável, estaria encerrado na esfera das sensações, e submetido por consequência à diferença dos gostos; ele não poderia merecer este assentimento universal que é o verdadeiro caráter da beleza. O belo, definido como a perfeição, exigiria um tipo de julgamento semelhante àquele que funda a estima: o entusiasmo que o belo deve inspirar não diz respeito às sensações, nem ao julgamento; é uma disposição inata, como o sentimento do dever e as noções necessárias do entendimento, e nós reconhecemos a beleza quando a vemos, porque ela é a imagem exterior do ideal, cujo tipo está em nossa inteligência. A diversidade dos gostos pode ser aplicada ao que é agradável, pois as sensações são a origem desse

gênero de prazer; mas todos os homens devem admirar o que é belo, seja nas artes, seja na natureza, pois têm na alma os sentimentos de origem celeste reveladas pela beleza, por meio dos quais ela os leva ao gozo.

Kant passa da teoria do belo à do sublime, e esta segunda parte de sua crítica do julgamento é mais notável ainda que a primeira: ele faz consistir o sublime na liberdade moral, em luta com o destino ou a natureza. A potência sem limites nos espanta, a grandeza nos aflige, todavia escapamos pelo vigor da vontade ao sentimento de nossa fraqueza física. O poder do destino e a imensidão da natureza estão em uma oposição infinita com a miserável dependência da criatura sobre a terra; mas uma faísca do fogo sagrado em nosso peito triunfa sobre o universo, pois basta esta faísca para resistir ao que todas as forças do mundo poderiam exigir de nós.

O primeiro efeito do sublime é o de afligir o homem; o segundo, de reerguê-lo. Quando contemplamos a tempestade que ergue as ondas do mar e parece ameaçar a terra e o céu, o pavor com esta visão apodera-se a princípio de nós, embora nenhum perigo pessoal possa então nos atingir; porém quando as nuvens se amontoam, quando todo o furor da natureza se manifesta, o homem sente uma energia interior que pode libertá-lo de todas os temores, pela vontade ou pela resignação, pelo exercício ou pela abdicção de sua liberdade moral; e esta consciência de si mesmo reanima-o e encoraja-o.

Quando alguém nos conta uma ação generosa, quando alguém nos ensina que os homens suportaram dores inauditas para permanecerem fiéis à própria opinião, até em suas menores nuances, a princípio a imagem dos suplícios que sofreram confunde nosso pensamento; mas, gradativamente, retomamos as forças, e a simpatia que sentimos com a grandeza de alma nos faz esperar que também possamos triunfar sobre as miseráveis sensações desta vida, para permanecermos verdadeiros, nobres, e ativos até nosso último dia.

De resto, ninguém poderia definir o que está por assim dizer no auge de nossa existência; *somos demasiadamente educados com respeito a nós mesmos para nos compreendermos*, disse Santo Agostinho. Seria bem pobre em imaginação aquele que acreditasse poder esgotar a contemplação da mais simples flor; como pois seria possível chegar a conhecer tudo o que encerra a idéia do sublime?

Não me orgulho seguramente de ter podido dar conta, em algumas páginas, de um sistema que ocupa, há vinte anos, todas as cabeças pensantes da Alemanha; porém espero ter dito o suficiente para indicar o espírito geral da filosofia de Kant, e poder explicar nos capítulos seguintes a influência que ela exerceu sobre a literatura, as ciências, e a moral.

Para bem conciliar a filosofia experimental com a filosofia idealista, Kant não submeteu uma à outra, mas soube dar a cada uma das duas em separado um novo grau de força. A Alemanha estava ameaçada por essa doutrina árida, que considerava todo entusiasmo como um erro, e enumerava entre os preconceitos os sentimentos consoladores da existência. Foi uma satisfação viva para os homens ao mesmo tempo tão filósofos e tão poetas, tão capazes de estudo e exaltação, ver todas as belas afeições da alma defendidas com o vigor dos raciocínios mais abstratos. A força do espírito jamais pode ser negativa por muito tempo, isto é, consistir principalmente no que não se acredita, no que não se compreende, no que se desdenha. É necessário uma filosofia de crença, de entusiasmo; uma filosofia que confirme pela razão o que o sentimento nos revela.

Os adversários de Kant acusaram-no de ter feito apenas repetir os argumentos dos antigos idealistas; eles pretenderam que a doutrina do filósofo alemão fosse apenas um antigo sistema em uma linguagem nova. Esta reprovação não tem fundamento. Há não somente idéias novas, mas um caráter peculiar na doutrina de Kant.

Ela se ressentia da filosofia do século XVIII, embora seja destinada a refutá-la, pois é da natureza do homem entrar sempre em composição com o espírito de seu tempo, mesmo quando quer combatê-lo. A filosofia de Platão é mais poética que a de Kant, a filosofia de Malebranche mais religiosa; porém o grande mérito do filósofo alemão foi realçar a dignidade moral, tomando para isso uma teoria muitíssimo raciocinada como base a tudo o que há de belo no coração. A oposição que se quis colocar entre razão e sentimento conduz necessariamente a razão ao egoísmo e o sentimento à loucura; porém Kant, que parecia convocado a concluir todas as grandes alianças intelectuais, fez da alma um único foco onde todas as faculdades estão conciliadas.

A parte polêmica das obras de Kant, quando ataca a filosofia materialista, seria por si só uma obra-prima. Esta filosofia deitou raízes tão profundas nos espíritos, resultando disso tanta irreligião e egoísmo, que se deveria ainda olhar como benfeitores de seu país aqueles que só fizeram combater este sistema, e reavivar os pensamentos de Platão, Descartes, e Leibniz: mas a filosofia da nova escola alemã contém uma multidão de idéias que lhes são próprias; ela é fundada sobre imensos conhecimentos científicos, que são acrescidos a cada dia, e sobre um método de raciocínio singularmente abstrato e lógico; pois, embora Kant censure o emprego desses raciocínios no exame das verdades fora do círculo da experiência, ele mostra em seus escritos uma grande capacidade mental em metafísica que o coloca, sob este aspecto, no primeiro posto dos pensadores.

Não se poderia negar que o estilo de Kant, em sua *Crítica da razão pura* merece quase que todas as reprovações que seus adversários lhe fizeram. Ele se serviu de uma terminologia muito difícil de ser compreendida, e do mais fatigante neologismo. Vivendo a sós com seus pensamentos, ele se persuadia de que precisava das palavras novas para as idéias novas, e entretanto há palavras para tudo.

Nos objetos por si mesmos mais claros, Kant freqüentemente toma por guia uma metafísica muito obscura, e é apenas nas trevas do pensamento que ele carrega uma tocha luminosa: ele lembra os israelitas, que tinham por guia uma coluna de fogo durante a noite, e uma coluna nebulosa durante o dia.

Ninguém na França teria se dado ao trabalho de estudar obras tão sobrecarregadas de dificuldades quanto as de Kant, mas ele negociava com leitores pacientes e perseverantes. Isto sem dúvida não era uma razão para abusar disso; talvez ele não tivesse se aprofundado tanto na ciência do entendimento humano, se tivesse dado maior importância às expressões de que se servia para explicá-lo. Os filósofos antigos dividiram sempre sua doutrina em duas partes distintas, a que reservavam para os iniciados e a que professavam em público. A maneira de escrever de Kant é totalmente diversa, quer se trate de sua teoria, ou da aplicação dessa teoria.

Em seus tratados de metafísica ele toma as palavras como números, e confere-lhes o valor que quer, sem se embaraçar com aquele que tinham usualmente. Ao meu ver, isto é um grande erro; pois a atenção do leitor esgota-se em compreender a linguagem antes de chegar às idéias, e o conhecido nunca serve de degrau para se chegar ao desconhecido.

Não obstante, é necessário fazer a merecida justiça a Kant mesmo como escritor, quando renuncia à sua linguagem científica. Ao falar das artes, e sobretudo da moral, seu estilo é quase sempre perfeitamente claro, enérgico e simples. O quanto sua doutrina parece então admirável! Como ele exprime o sentimento do belo e o amor ao dever! Com que força ele os separa todos os dois de todo cálculo de interesse ou de utilidade! Como enobrece as ações por sua origem e não por seu sucesso! Enfim, que grandeza moral sabe dar ao homem, seja ao examiná-lo nele mesmo, seja ao considerá-lo em suas relações exteriores; o homem, este exilado do céu, este prisioneiro da terra, tão grande, enquanto exilado, tão miserável, enquanto cativo!

Poder-se-ia extrair dos escritos de Kant uma multidão de idéias brilhantes sobre todos os assuntos, e talvez mesmo essa doutrina seja a única hoje da qual seja possível extrair percepções engenhosas e novas; pois o ponto de vista materialista em todas as coisas não oferece mais nada de interessante ou original. A mordacidade dos gracejos contra o que é sério, nobre e divino, está desgastada, e doravante não se

restituirá qualquer juventude à raça humana senão com o retorno à religião pela filosofia, e aos sentimentos pela razão.

DA MORAL FUNDADA SOBRE O INTERESSE PESSOAL (Cap. XII)

Os escritores franceses tiveram total razão em considerar a moral fundada sobre o interesse como uma consequência da metafísica que atribuía todas as idéias às sensações. Se não há nada na alma além daquilo que as sensações colocaram ali, o agradável ou o desagradável deve ser o único móvel de nossa vontade. Helvétius, Diderot, Saint-Lambert não desviaram desta linha, e explicaram todas as ações, compreendido ali o devotamento dos mártires, pelo amor a si mesmo. Entretanto, os ingleses, que, na maior parte, professam na metafísica a filosofia experimental, jamais puderam suportar a moral fundada sobre o interesse. Shaftsbury, Hutcheson, Smith, etc., proclamaram o sentido moral e a simpatia, como a origem de todas as virtudes. O próprio Hume, o mais cético dos filósofos ingleses, não pôde ler sem desgosto esta teoria do amor de si, que desfaz a beleza da alma. Nada é mais oposto do que este sistema ao conjunto das opiniões dos alemães: seus escritores filósofos e moralistas à testa dos quais é preciso colocar Kant, Fichte e Jacobi, combateram-no vitoriosamente.

Como a tendência dos homens para a felicidade é a mais universal e a mais ativa de todas, pensou-se em fundamentar a moralidade da maneira mais sólida ao dizer que ela consistia num claro interesse pessoal. Esta idéia seduziu os homens de boa-fé, e outros se propuseram a abusar disso, no que alcançaram extremo êxito. Sem dúvida, as leis gerais da natureza e da sociedade colocam em harmonia a felicidade e a virtude; mas essas leis estão sujeitas a exceções muito numerosas, que parecem até mesmo sobrepujá-las.

Escapa-se dos argumentos extraídos da prosperidade dos vícios e dos revezes da virtude, fazendo consistir a felicidade na satisfação da consciência; mas esta satisfação, de uma ordem inteiramente religiosa, não tem nenhuma relação com o que se designa aqui em baixo pela palavra felicidade. Denominar o devotamento ou o egoísmo, crime ou virtude, um interesse pessoal concebido ou não, é querer cobrir o abismo que separa o homem culpado do homem honesto, é destruir o respeito, é enfraquecer a indignação; [...]

Não é sem motivo entretanto que se coloca tanta importância em fundar a moral sobre o interesse pessoal: aparenta-se sustentar apenas uma teoria, e o resultado

disso é uma combinação muito engenhosa para estabelecer o jugo de todos os gêneros de autoridade. Nenhum homem, por mais depravado que seja, dirá que não é preciso moral; pois mesmo o mais decidido a faltar a ela gostaria ainda de negociar com os tolos que a conservassem. Mas que habilidade ter dado por base à moral a prudência! Que acesso aberto à ascendência do poder, às transações da consciência, a todos os móveis conselhos dos acontecimentos!

Se o cálculo deve presidir a tudo, as ações dos homens serão julgadas segundo o sucesso: o homem cujos bons sentimentos causaram a infelicidade será justamente censurado; o homem perverso, mais hábil, será justamente aplaudido. Enfim, os indivíduos considerando-se entre eles apenas como obstáculos ou instrumentos, irão se odiar como obstáculos, e não se estimarão mais do que como meios. Mesmo o crime tem maior grandeza, quando provém da desordem das paixões inflamadas, do que quando tem por objeto o interesse pessoal: como pois seria possível dar por princípio à virtude o que desonraria até mesmo o crime!¹².

¹²Na obra de Bentham sobre a legislação, publicada, ou antes ilustrada por M. Dumont, há diversos raciocínios sobre o princípio da utilidade, de acordo, sob vários aspectos, com o sistema que funda a moral sobre o interesse pessoal. A anedota conhecida de Aristides, que levou à rejeição de um projeto de Temístocles, apenas dizendo aos atenienses *que o projeto era vantajoso, mas injusto*, é citado por M. Dumont; mas ele relaciona as conseqüências que se pode tirar desta passagem, assim como de vários outros, à utilidade geral, admitida por Bentham como a base de todos os deveres. A utilidade de cada um, diz ele, deve ser sacrificada à utilidade de todos, e a do momento presente ao futuro. Dando um passo a mais, poder-se-ia convir que a virtude consiste no sacrifício do tempo à eternidade, e este gênero de cálculo não seria seguramente censurado pelos partidários do entusiasmo; mas por mais esforço que possa tentar um homem tão superior quanto M. Dumont para estender o sentido da utilidade, ele jamais poderá fazer com que esta palavra seja sinônimo do devotamento. Ele diz que os primeiros móveis das ações dos homens, são o prazer e a dor, e supõe então que o prazer das almas nobres consiste em expor-se de bom grado aos sofrimentos materiais para adquirir satisfações de uma ordem mais elevada. Sem dúvida é fácil fazer de cada palavra um espelho a refletir todas as idéias; mas há o desejo de se limitar à significação natural de cada termo, ver-se-á que o homem a quem é dito que sua própria felicidade deve ser o objetivo de todas as suas ações, *não pode ser dissuadido de fazer o mal que lhe convém* senão pelo temor ou perigo de ser punido - Temor que a paixão faz enfrentar - Perigo ao qual um espírito hábil pode se vangloriar de escapar.- Sobre o que são fundadas a idéia do justo ou do injusto, dir-se-á, senão sobre o que é útil ou prejudicial ao maior número? A justiça *para os indivíduos consiste no sacrifício deles mesmos* à sua família; para a família, no sacrifício dela mesma ao Estado, e para o Estado, no respeito a certos princípios inalteráveis que fazem a felicidade e a saúde da espécie humana. Sem dúvida, a maioria das gerações ao longo dos séculos irá se achar bem por ter seguido a estrada da justiça; mas para ser verdadeira e religiosamente honesto é preciso ter sempre em vista o culto do belo moral, independentemente de todas as circunstâncias que podem resultar disso; a utilidade é necessariamente modificada pelas circunstâncias, o que jamais deve ocorrer à virtude.(NA)

QUARTA PARTE

DA RELIGIÃO E DO ENTUSIASMO

O SENTIMENTO DO INFINITO (Cap. I)

É ao sentimento do infinito que a maior parte dos escritores alemães relacionam todas as idéias religiosas. Pergunta-se se é possível conceber o infinito; entretanto, quando nas matemáticas não se pode supor nenhum termo durável ou amplo, ao menos de uma maneira negativa ele não é concebido? Este infinito consiste na ausência dos limites; mas o sentimento do infinito, tal como a imaginação e o coração o experimentam, é positivo e criador.

O entusiasmo que o belo ideal nos faz sentir, esta emoção repleta de perturbação e pureza juntos, é o sentimento do infinito que o excita. Nós nos sentimos como que desvencilhados, pela admiração, dos entraves do destino humano, e parece que nos são revelados segredos maravilhosos para libertar a alma para sempre do langor e do declínio. Quando contemplamos o céu estrelado, onde faíscas de luz são universos como o nosso, onde a poeira brilhante da Via Láctea traça com os mundos uma rota no firmamento, nosso pensamento se perde no infinito, nosso coração bate pelo desconhecido, pelo imenso, e sentimos que é apenas além das experiências terrenas que nossa verdadeira vida deve começar. Enfim as emoções religiosas, mais que todas as outras ainda, despertam em nós o sentimento do infinito; mas ao despertá-lo, elas o satisfazem; e é por isso sem dúvida que um homem de um grande espírito dizia "*Que a criatura pensante só era feliz quando a idéia do infinito tivesse se tornado para ela um gozo, em lugar de ser um peso*".

Com efeito, quando nos entregamos totalmente às reflexões, às imagens, aos desejos que ultrapassam os limites da experiência, é somente aí então que respiramos. Ao desejarmos nos manter presos aos interesses, às conveniências, às leis deste mundo, o gênio, a sensibilidade, o entusiasmo agitam dolorosamente nossa alma; mas eles a inundam de delícias quando consagrados a esta lembrança, a esta espera do infinito que se apresenta na metafísica sob a forma das disposições inatas, na virtude sob a do devotamento, nas artes sob a do ideal, e na própria religião sob a do amor divino.

O sentimento do infinito é o verdadeiro atributo da alma: tudo o que é belo em todos os gêneros estimula em nós a esperança e o desejo de um futuro eterno e de

uma existência sublime; não se pode ouvir nem o vento na floresta nem os acordes deliciosos das vozes humanas; não se pode experimentar o encantamento da eloquência ou da poesia; sobretudo enfim, não se pode amar com inocência, com profundidade, sem estar impregnados pela religião e a imortalidade.

Todos os sacrifícios do interesse pessoal vêm da necessidade de se colocar em harmonia com este sentimento do infinito do qual se experimenta todo o encanto, embora não se possa exprimi-lo. Se a potência do dever estivesse encerrada no curto espaço desta vida, como pois teria ela mais império do que as paixões sobre nossa alma? Quem sacrificaria os limites a limites? *Tudo o que é finito é tão curto*, disse Santo Agostinho, os instantes de gozo que as inclinações terrenas podem valer, e os dias de paz assegurados por uma conduta moral, difeririam bem pouco, se emoções sem limite e sem termo não se erguessem ao fundo do coração do homem devotado à virtude.

Muitas pessoas negarão o sentimento do infinito, e certamente eles estão em um excelente terreno para negá-lo, pois é impossível de lhes ser explicado; não são algumas palavras a mais que terão êxito em lhes fazer compreender o que o universo não lhes disse. A natureza revestiu o infinito com os diversos símbolos que podem fazê-lo chegar até nós: a luz e as trevas, a tempestade e o silêncio, o prazer e a dor, tudo inspira ao homem esta religião universal cujo santuário é seu coração. [...]

DA CONTEMPLAÇÃO DA NATUREZA (Cap. IX)

[...] desde que a idéia de uma alma imortal foi concebida, não deve ser possível admitir a maior ou menor importância de um indivíduo em relação a todos. Cada ser inteligente tem um valor infinito, uma vez que deve durar sempre. Portanto, é segundo um ponto de vista mais elevado que os filósofos alemães consideraram o universo.

Existem os que acreditam ver em tudo dois princípios, o do bem e o do mal, combatendo-se incessantemente; e, seja por se atribuir este combate a uma potência infernal, seja, o que é mais simples de pensar, pela possibilidade de o mundo físico ser a imagem das boas e das más inclinações do homem, sempre é verdade que este mundo oferece duas faces absolutamente contrárias à visão.

Há, não seria possível negar, um lado terrível na natureza assim como no coração humano, sentindo-se ali uma temível capacidade de cólera. Qualquer que seja a boa intenção dos partidários do otimismo, nota-se maior profundidade, ao meu ver, naqueles que não negam o mal, mas que compreendem a conexão deste mal com a liberdade do homem, com a imortalidade que ela pode lhe valer.

Os escritores místicos de que falei nos capítulos precedentes vêem no homem o resumo do mundo, e no mundo o emblema dos dogmas do cristianismo. A natureza parece-lhes a imagem corporal da divindade, e eles mergulham cada vez mais na significação profunda das coisas e dos seres.

Entre os escritores alemães que se ocuparam da contemplação da natureza sob o aspecto religioso, dois merecem uma atenção particular: Novalis como poeta, e Schubert como físico. Novalis, homem de berço ilustre, foi iniciado já em sua juventude em estudos de todos os gêneros desenvolvidos pela nova escola na Alemanha; porém, sua alma piedosa deu um grande caráter de simplicidade a suas poesias. Ele morreu aos vinte e seis anos; e foi quando não mais vivia que os cantos religiosos que compôs adquiriram uma celebridade tocante na Alemanha. O pai deste rapaz era morávio, e ao ir à igreja, numa visita que fez a uma comunidade de seus irmãos de religião, tempos depois da morte do filho, ouviu-os cantar, sem que conhecessem o autor, algumas das poesias de Novalis, escolhidas para se edificarem.

Dentre as obras de Novalis distinguem-se os Hinos à Noite que descrevem com uma grande força o recolhimento que ela faz nascer na alma. O brilho do dia pode convir à gozosa doutrina do paganismo; porém o céu estrelado parece o verdadeiro templo do culto mais puro. É na escuridão das noites, diz um poeta alemão, que a imortalidade se revelou ao homem; a luz do sol ofusca os olhos que acreditam ver. Estrofes de Novalis sobre a vida dos mineiros contêm uma poesia viva e de extraordinário efeito; ele interroga a terra encontrada nas profundezas, pois ela foi testemunha de diversas revoluções sofridas pela natureza; ele exprime um desejo enérgico de penetrar cada vez mais rumo ao centro do globo. O contraste desta imensa curiosidade com a vida tão frágil que é preciso expor para satisfazê-la, causa uma emoção sublime. O homem sobre a Terra, situada entre o infinito dos céus e dos abismos, e sua vida, no tempo, coloca-se também entre duas eternidades. Cercado, por toda a parte, de idéias e objetos sem limites, inumeráveis pensamentos surgem como milhares de luzes que se embaralham, ofuscando-o.

Novalis escreveu muito sobre a natureza em geral. Ele denomina a si mesmo, com razão, discípulo de Saïs, pois o templo de Ísis foi fundado naquela cidade, e as tradições que nos restam dos mistérios dos egípcios levam a crer que seus sacerdotes tinham um conhecimento profundo das leis do universo.

"O homem, diz Novalis, tem com a natureza relações quase tão variadas e inconcebíveis quanto as que mantém com seus semelhantes, e ela, da mesma forma que se coloca ao alcance das crianças e se compraz com seus corações simples, mostra-se também sublime aos espíritos elevados e divina aos seres divinos. O gosto pela natureza toma diversas formas, e enquanto estimula em uns apenas gozo e

volúpia, inspira em outros a religião mais piedosa, a que confere uma direção e um apoio a toda a vida. Já entre os povos antigos existiam almas sérias para as quais o universo era a imagem da divindade, e outras que se acreditavam somente convidadas ao banquete que ela oferece: para estes convivas da existência, o ar era apenas uma bebida refrescante, as estrelas apenas tochas que presidiam as danças durante a noite, e as plantas e os animais apenas magníficos condimentos de uma esplêndida refeição; a seus olhos, a natureza não se oferecia como um templo majestoso e tranqüilo, mas como o teatro reluzente de festas sempre novas.

"Nessa mesma época, contudo, espíritos mais profundos ocupavam-se sem descanso em reconstruir o mundo ideal, cujos vestígios já haviam desaparecido; eles partilhavam como irmãos os trabalhos mais sagrados; uns buscavam reproduzir, pela música, as vozes da floresta e do ar; outros imprimiam a imagem e o pressentimento de uma raça mais nobre sobre a pedra e o bronze, transformavam rochedos em edifícios e traziam à luz os tesouros ocultos na terra. A natureza civilizada pelo homem pareceu responder aos seus desejos: a imaginação do artista ousou interrogá-la, e a idade de ouro pareceu renascer com a ajuda do pensamento.

Para conhecer a natureza, é preciso unir-se a ela. Uma vida poética e retirada, uma alma santa e religiosa, toda a força e toda a flor da existência humana, são necessárias para compreendê-la, e o verdadeiro observador é aquele que sabe descobrir a analogia da natureza com o homem, e a do homem com o céu." [...]

A sucessão contínua de morte e nascimento, cujo palco é o mundo físico, produziria a mais dolorosa impressão, se não se acreditasse ver aí a marca da ressurreição de todas as coisas, e esta maneira de considerar é o verdadeiro ponto de vista religioso da contemplação da natureza. Terminar-se-ia por morrer de compaixão ao se limitar em tudo à terrível idéia do irreparável: nenhum animal perece sem que se possa lamentar isso, nenhuma árvore cai sem que a idéia de não mais revê-la em sua beleza não excite em nós uma reflexão dolorosa. Enfim, os próprios objetos inanimados machuquem quando sua decadência nos obriga a nos separarmos deles: a casa, os móveis, que serviram aos que amamos, nos interessam, e algumas vezes estes mesmos objetos estimulam em nós uma espécie de simpatia independente das lembranças que recuperam; emocionamo-nos com a forma que os conheceu, como se essa forma se transformasse nos seres que vimos viver, e que deviam nos ver morrer. Se o tempo não tivesse por antídoto a eternidade, iríamos nos apegar a cada momento para retê-lo, a cada som para fixá-lo, a cada olhar para prolongar o brilho, e os gozos existiriam apenas durante o instante em que precisássemos para sentir que passam, e para molhar de lágrimas seus vestígios, que o abismo dos dias também deve devorar.

Uma nova reflexão chamou-me a atenção nos escritos que me foram comunicados por um homem cuja imaginação é pensativa e profunda; ele compara conjuntamente as ruínas da natureza, da arte e da humanidade. "As primeiras, disse ele, são filosóficas, as segundas poéticas, e as últimas misteriosas". Com efeito, uma coisa bem digna de nota é a ação tão diferente dos anos sobre a natureza, as obras do gênio e as criaturas vivas. O tempo ultraja apenas o homem: quando os rochedos desmoronam, quando as montanhas precipitam-se nos vales, a terra muda somente a face; um aspecto novo estimula novos pensamentos em nosso espírito, e a força vivificante sofre uma metamorfose, mas não um enfraquecimento; as ruínas das belas artes falam à imaginação, ela reconstrói o que o tempo fez desaparecer, e talvez, jamais uma obra-prima em todo seu brilho tenha podido dar a idéia da grandeza tanto quanto as ruínas desta obra-prima. Representam-se os monumentos semi-destruídos revestidos de todas as supostas belezas de que sempre se tem saudades: mas como estão longe de ser assim os estragos da velhice!

Difícilmente se pode crer que a juventude embelezasse o rosto cuja morte já tomou posse: algumas fisionomias escapam da degradação pelo esplendor da alma, porém, a figura humana em sua decadência toma freqüentemente uma expressão vulgar que mal permite a compaixão! É verdade que os animais, com os anos, perdem a força e a agilidade, mas para eles o encarnado da vida não se transforma em cores lívidas, e seus olhos apagados não parecem lâmpadas funerárias que lançam pálidas claridades num rosto abatido.[...]

As relações com nossa alma e nosso destino imortal são as verdadeiras causas finais da natureza. Os próprios objetos físicos têm um destino que não se limita à curta existência do homem na Terra. Eles estão aqui para concorrer para o desenvolvimento de nossos pensamentos, para a obra de nossa vida moral. Os fenômenos da natureza não devem ser compreendidos somente segundo as leis da matéria, por mais bem combinadas que sejam; eles têm um sentido filosófico e um objetivo religioso que a contemplação mais atenta jamais poderá conhecer em toda extensão.

DO ENTUSIASMO (Cap. X)

Muitas pessoas têm prevenção contra o entusiasmo; elas o confundem com o fanatismo, o que é um grande erro. O fanatismo é uma paixão exclusiva cujo objeto é uma opinião; o entusiasmo liga-se à harmonia universal: é o amor ao belo, a elevação da alma, o gozo do devotamento, reunidos num mesmo sentimento que tem grandeza

e calma. A mais nobre definição desta palavra está em seu sentido entre os gregos: o entusiasmo significa *Deus em nós*. Com efeito, quando a existência é expansiva ela tem algo de divino.

Tudo o que nos leva a sacrificar nosso próprio bem-estar, ou nossa própria vida, é quase sempre da ordem do entusiasmo: pois o reto caminho da razão egoísta deve ser o de tomar a si mesma por objetivo de todos os seus esforços, e de só prezar neste mundo a saúde, o dinheiro e o poder. Sem dúvida, a consciência basta para conduzir o caráter mais frio no caminho da virtude; porém, o entusiasmo é para a consciência, o que a honra é para o dever: há em nós um supérfluo de alma fácil de consagrar ao que é belo, quando se realiza o que é bom. O gênio e a imaginação têm também necessidade que se cuide um pouco de sua felicidade neste mundo; e a lei do dever, por mais sublime que seja, não basta para fazer apreciar todas as maravilhas do coração e do pensamento. [...]

Entre aqueles que tentam ridicularizar os sentimentos exaltados, vários entretanto são susceptíveis deles sem o saber. A guerra, ainda que fosse empreendida por intenções pessoais, proporciona sempre alguns dos gozos do entusiasmo; a embriaguez de um dia de batalha, o prazer singular de se expor à morte, quando toda nossa natureza nos ordena amar a vida, é ainda ao entusiasmo que se deve atribuí-la. A música militar, o relinchar dos cavalos, a explosão da pólvora, a multidão de soldados vestidos com as mesmas cores, comovidos pelo mesmo desejo, alinhando-se em torno dos mesmos estandartes, causam uma emoção que triunfa sobre o instinto de conservação da existência; e este gozo é tão forte, que nem as fadigas, nem os sofrimentos, nem os perigos podem demover as almas. Qualquer um que viveu esse tipo de vida gosta somente dela. O objetivo atingido jamais satisfaz; é a ação de se arriscar que se faz necessária, é ela que faz o entusiasmo correr no sangue; e, embora seja mais puro no fundo da alma, é ainda de uma nobre natureza até mesmo quando pôde se tornar um impulso quase físico.

Acusa-se freqüentemente o entusiasmo sincero daquilo que apenas no entusiasmo afetado pode ser reprovado; quanto mais um sentimento é belo, mais a imitação falsa deste sentimento é odioso. Usurpar a admiração dos homens é o que há de mais reprovável, pois esgota-se neles a fonte dos bons movimentos fazendo-os enrubescer por tê-los provado. De resto, nada é mais doloroso que os sons falsos que parecem sair do próprio santuário da alma; a vaidade pode se apoderar de tudo o que é exterior, não resultando outro mal além da pretensão e da desgraça; mas, quando se põe a contrafazer os sentimentos mais íntimos, parece que viola o último abrigo que esperávamos que lhe escapasse. É fácil entretanto reconhecer a sinceridade do entusiasmo; é uma melodia tão pura que o menor desarcorde destrói-lhe todo encanto;

uma palavra, um acento, um olhar exprimem a emoção concentrada que corresponde a toda uma vida. Nas altas rodas, as pessoas qualificadas como severas têm freqüentemente algo de exaltado. A força que submete os outros pode ser apenas um cálculo frio. A força que triunfa sobre si mesma é sempre inspirada por um sentimento generoso.

Longe de se poder temer os excessos do entusiasmo, ele em geral talvez leve à tendência contemplativa, que prejudica a capacidade de agir: os alemães são uma prova disso; nenhuma nação é tão capaz de sentir e pensar; mas quando o momento de tomar um partido é chegado, a própria extensão das concepções prejudica a decisão de caráter. O caráter e o entusiasmo diferem sob muitos aspectos; é necessário escolher o objetivo pelo entusiasmo, mas deve-se caminhar para ele pelo caráter: o pensamento não é nada sem o entusiasmo, nem a ação sem o caráter; o entusiasmo é tudo para as nações literárias; o caráter é tudo para as nações atuantes: as nações livres têm necessidade de um e de outro. [...]

INFLUÊNCIA DO ENTUSIASMO SOBRE A FELICIDADE (Cap. XII)

É tempo de falar de felicidade! Afastei esta palavra com um cuidado extremo, pois sobretudo já há quase um século, ela foi colocada em prazeres tão grosseiros, em uma vida tão egoísta, em cálculos tão estreitos, que sua própria imagem foi profanada. Mas pode-se dizê-lo entretanto com confiança, o entusiasmo é de todos os sentimentos o que proporciona o máximo de felicidade, o único a realmente proporcioná-la, o único a poder nos fazer suportar o destino humano em todas as situações em que o acaso nos possa colocar.

É vão o desejo de se reduzir aos gozos materiais, a alma retorna de todas as partes, o orgulho, a ambição, o amor-próprio, tudo isso ainda é alma, embora misture-se ali um sopro envenenado. Contudo, que miserável existência a de tantos homens quase tão ardilosos com eles mesmos quanto o são para com os outros, repudiando os movimentos generosos que renascem em seu coração como uma doença da imaginação que o ar livre deve dissipar! Que pobre existência também a de muitos homens que se contentam em não prejudicar, e tratam como loucura a fonte de onde derivam as belas ações e os grandes pensamentos! Eles se fecham por vaidade em uma mediocridade tenaz, quando poderiam ter-se tornado acessíveis às luzes de fora; eles se condenam a esta monotonia de idéias, a esta frieza de sentimento que deixa os dias passarem sem extrair deles nem frutos, nem progresso, nem lembranças; e se o tempo não sulcasse seus traços, que traços de sua passagem eles teriam guardado? Se

não fosse preciso envelhecer e morrer, que reflexão séria algum dia lhes entraria na cabeça?

Alguns pensadores pretendem que o entusiasmo tire o gosto pela vida comum, e que não podendo permanecer sempre nesta disposição, seja mais válido jamais experimentá-la: por que pois aceitaram ser jovens, até mesmo viver, uma vez que isso não devia durar para sempre? Por que pois amaram, se é que alguma vez isso já lhes ocorreu, uma vez que a morte podia separá-los dos objetos de seu afeto? Que triste economia a da alma! ela nos foi dada para ser desenvolvida, aperfeiçoada, até mesmo dissipada em um nobre objetivo.

Quanto mais abarrotada a vida, mais próxima da existência material, dir-se-á que mais se diminui a potência do sofrer. Este argumento seduz um grande número de homens, ele consiste em tratar de existir o menos possível. Entretanto há sempre na degradação uma dor de que não damos conta, e que persegue incessantemente em segredo: o tédio, a vergonha, e a fadiga que ela causa estão revestidos das formas da impertinência e do desdém pela vaidade; mas é bem raro estabelecer-se em paz neste modo de ser seco e limitado, que deixa sem recursos em si mesmo quando a prosperidade exterior nos abandona. O homem tem consciência do belo assim como do bom, e a privação de um lhe faz sentir o vazio tal como o desvio do outro, o remorso.

Acusa-se o entusiasmo de ser passageiro; a existência seria demasiadamente feliz se se pudesse reter emoções belas; mas é preciso cuidar de conservá-las justamente por se dissiparem com facilidade. A poesia e as belas artes servem para desenvolver no homem esta felicidade de origem ilustre que reergue os corações abatidos, e coloca, no lugar da inquieta saciedade da vida, o sentimento habitual da harmonia divina da qual nós e a natureza fazemos parte. Não há nenhum dever, nenhum prazer, nenhum sentimento que não empreste do entusiasmo não sei qual prestígio em acordo com o puro encanto da verdade.

Todos os homens caminham em socorro de seu país quando as circunstâncias o exigem; mas se são inspirados pelo entusiasmo por sua pátria, de que belo movimento não se sentem tomados! O solo que os viu nascer, a terra de seus antepassados, o *mar que banha os rochedos*¹³, distantes lembranças, uma longa esperança tudo se ergue em torno deles como um apelo ao combate; cada batida de seu coração é um pensamento de amor e altivez. Deus deu a pátria aos homens que podem defendê-la, às mulheres que por ela consentem nos perigos de seus irmãos, esposos e filhos. À

¹³É fácil perceber que tratei, por esta frase e pelas seguintes, de designar a Inglaterra; com efeito, eu não teria podido falar da guerra com entusiasmo, sem representá-la a mim como a de uma nação livre combatendo por sua independência.(NA)

aproximação dos perigos que a ameaçam, uma febre sem tremores como também sem delírio apressa o curso do sangue nas veias; cada esforço em uma tal luta vem do recolhimento interior mais profundo. A princípio, percebe-se apenas calma no rosto desses generosos cidadãos; há demasiada dignidade em suas emoções para que as exteriorizem; mas que o sinal se faça ouvir, que o estandarte nacional flutue nos ares, e verão os olhares outrora tão ternos, tão prestes a voltar a sê-lo pela visão da infelicidade, imediatamente animados por uma vontade santa e terrível! nem as feridas nem mesmo o sangue farão mais estremecer; não há mais dor, não há mais morte, há uma oferenda ao Deus dos exércitos, nenhuma saudade, nenhuma incerteza misturam-se então às resoluções mais desesperadas, e quando o coração está por inteiro no que deseja, goza-se admiravelmente a existência. O homem cujo interior está dividido sente a vida apenas como um mal, e se, de todos os sentimentos, o entusiasmo é o que mais proporciona felicidade, é por reunir mais que qualquer outro todas as forças da alma num mesmo foco.[...]

Há música para aqueles que não são capazes de entusiasmo? Um certo hábito torna-lhes necessários os sons harmoniosos, eles se deliciam com isso tal como o fazem com o sabor das frutas ou a decoração das cores; mas, quando em meio à noite o silêncio foi repentinamente perturbado por cantos ou instrumentos semelhantes à voz humana todo o ser deles ressoou como uma lira? Eles sentiram então o mistério da existência nesse enternecimento que reúne nossas duas naturezas, e confunde num mesmo gozo as sensações e a alma? As palpitações do coração deles seguiram o ritmo da música? Uma emoção repleta de encanto levou-os às lágrimas que absolutamente nada têm de pessoal, às lágrimas que não pedem absolutamente por piedade, mas que nos libertam de um sofrimento inquieto estimulado pela necessidade de admirar e amar?

O gosto pelos espetáculos é universal, pois a maior parte dos homens têm mais imaginação do que acreditam, e o que consideram como o atrativo do prazer, como uma espécie de fraqueza que provém ainda da infância, é freqüentemente o que têm de melhor: eles são, na presença das ficções, verdadeiros, naturais, comovidos, ao passo que nas altas rodas, a dissimulação, o cálculo e a vaidade dispõem de suas palavras, sentimentos e ações. Mas, estes homens para os quais a descrição dos afetos mais profundos é apenas uma distração divertida, eles pensam ter sentido tudo o que inspira uma tragédia verdadeiramente bela? Eles imaginam a perturbação deliciosa que as paixões depuradas pela poesia provocam? Ah! o quanto as ficções nos dão prazer! Elas nos interessam sem fazer nascer em nós nem remorsos nem temor, e a sensibilidade que desenvolvem não tem esta aspereza dolorosa de que os afetos verdadeiros praticamente nunca estão isentos.

Que magia a linguagem do amor não toma emprestado da poesia e das belas artes! Como é belo amar pelo coração e pelo pensamento! Variar assim de mil maneiras um sentimento que uma única palavra pode exprimir, mas pela qual todas as palavras do mundo não passam de miséria! Impregnar-se das obras-primas da imaginação que realçam o amor, e encontrar, nas maravilhas da natureza e do gênio, algumas expressões a mais para revelar seu próprio coração! [...]

¹⁴"Oh, França! terra de glória e de amor! Se o entusiasmo desaparecesse algum dia de seu solo, se o cálculo tomasse conta de tudo, e apenas o raciocínio inspirasse mesmo o desprezo pelos perigos, de que lhe serviria seu belo céu, seus espíritos tão brilhantes, sua natureza tão fecunda? Uma inteligência ativa, uma impetuosidade erudita os tornariam senhores do mundo; porém deixariam ali, apenas o vestígio das tempestades de areia, terríveis como as torrentes, áridas como o deserto!"

¹⁴Esta última frase é a que mais excitou a indignação da polícia contra meu livro, entretanto, ao meu ver, ela não teria podido desagradar aos franceses. (NA)

SYNOPSIS

L'oeuvre *De l'Allemagne*, de Mme. de Staël, publiée en 1810, a pour la première fois divulgué et mis à la portée d'un large public, en France et parmi d'autres peuples de langue latine, la littérature, la philosophie et les idées qui circulaient dans des cercles intellectuels plus restreints en Allemagne. Ce livre, qui provoquera une révolution dans les esprits et influencera de façon remarquable les générations suivantes, expose les principaux thèmes qui devront s'épanouir dans le romantisme.

Cette thèse contient une présentation de l'ouvrage et la traduction d'un certain nombre de chapitres ou extraits de chapitres préalablement commentés, dont le but serait d'évoquer le cheminement intellectuel de l'écrivain. En réalité, la thèse fait la présentation des premières oeuvres de Mme. de Staël et son héritage suisse et français, de sa critique et dépassement de l'esprit des Lumières, de ses grands romans et de ses rapports avec le pouvoir politique, de façon à mieux comprendre les questions impliquées dans *De l'Allemagne* et son contexte historique.

La traduction des chapitres essentiels de l'ouvrage suit le choix de l'édition française de Larousse, permettant aux lecteurs brésiliens à la fois une approche plus "directe" des idées de Mme. de Staël, et une réflexion sur les questions de notre propre mouvement romantique.

BIBLIOGRAFIA

1. LIVROS

1.1 De Mme. de Staël

DE STAËL, Madame. "Lettres sur les écrits et le caractère de J.-J. Rousseau", in: *Oeuvres complètes de Mme la Baronne de Staël-Holstein*, t. I, Paris, Firmin Didot frères e Treuttel et Würtz, 1844.

_____. "Essai sur les fictions", in: *Oeuvres complètes de Mme la Baronne de Staël-Holstein*, t. II, Paris, Firmin Didot frères e Treuttel et Würtz, 1844.

_____. *De la littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales*, 2 vols, ed. crit. de Paul van Tieghem, Genebra, Droz, 1959.

_____. "Quelques réflexions sur le but morale de *Delphine*", in: *Oeuvres complètes de Mme. la baronne de Staël-Holstein*, t. V, Paris, Firmin Didot frères e Treuttel et Würtz, 1844.

_____. *Corinne ou l'Italie*, Paris, Gallimard, 1985.

_____. *De l'Allemagne*, 2 vols., Paris, Garnier-Flammarion, 1968.

_____. *De l'Allemagne*, 5 vols., ed. crit. da Condessa de Pange, Paris, Hachette, 1958.

_____. *Memórias*, RJ, Ed. Panamericana, s/d.

_____. *De la littérature; De l'Allemagne (Extraits)* (org Emile FEUILLATRE), Paris, Larousse, 1935.

1.2 Geral

AUTORES PRÉ-ROMÂNTICOS ALEMÃES, (Introdução e notas de Anatol Rosenfeld), SP, EPU, 1991.

AYRAULT, Roger. "Rousseau et la religion du Sturm und Drang", in: *Genèse du romantisme allemand: situation spirituelle de l'Allemagne dans la deuxième moitié du XVII siècle*, v. II, Paris, Aubier, 1961, pp. 472-481.

BABBITT, Irving. "Romantic genius" in: *Rousseau and Romanticism*, NY, Meridian Books, 1955 (1ª publ. 1919), pp. 39-66.

BACZKO, Bronislaw et autres. Modèles antiques et "Préromantisme" in: *Le Préromantisme: hypothèque ou hypothèse?*, Paris, Klincksieck, 1975, pp. 393-413.

BALAYÉ, Simone. *Madame de Staël. Lumières et liberté*. Paris, Klincksieck, 1979.

BARBERIS, Pierre. "La sociocritique", in: *Introduction aux Méthodes Critiques pour l'analyse littéraire*, (direção D. Bergez), Paris, DUNOD, 1990, pp. 121-154.

BARRÈRE, Jean. "Mère Critique" in: *L'Idée de Goût de Pascal à Valéry*. Collection Critères, Paris, Klincksieck, 1972, pp. 108-126.

BÉNICHOU, Paul. *Le temps des prophètes: Doctrines de l'âge romantique*, Paris, Gallimard, 1977.

_____. *Le sacre de l'écrivain (1750-1830)*, 2^a ed., Paris, José Corti, 1985.

BERGEZ D. et al. "La critique thématique" in: *Introduction aux Méthodes Critiques pour l'analyse littéraire*, Paris, Dunod, 1990, pp. 85-120.

BLANCHOT, Maurice. "L'Athenaeum", in: *L'Entretien Infini*, Paris, Gallimard, 1969, pp. 515-527.

_____. "Rousseau", in: *Le Livre à Venir*, Paris, Gallimard, 1959, pp. 63-74.

BONET, Carmelo. "Mme. de Staël e a Crítica Compreensiva" in: *Crítica Literária*, SP, Mestre Jou, 1969, pp. 37-53.

BORNHEIN, Gerd. "Filosofia do Romantismo" in: *O Romantismo* (Org. de J. GUINSBURG), SP, 2^a ed., Perspectiva, 1985, pp. 75-112..

CARON, Philippe. *Des "Belles Lettres" à la "Littérature"*. Paris-Louvain, Diffusion Editions Peeters, 1992.

CASSIRER, Ernest. *A Filosofia do Iluminismo*, Campinas, UNICAMP, 1992.

DARNTON, Robert. "Os leitores respondem a Rousseau: A fabricação da sensibilidade romântica", in: *O Grande Massacre de Gatos e outros episódios da história cultural francesa*, 2^a ed., RJ, Graal, 1986, pp. 277-328.

DEDEYAN, Charles. *Le Cosmopolitisme Européen sous la Révolution et l'Empire*, t. II, Paris, SEDES, 1976.

DE PANGE, Ctessa. *Mme. de Staël: et la découverte de l'Allemagne*. Paris, Edgar Malfère, 1929.

DESSONS, Gérard. *Introduction à la poétique, Approche des théories de la littérature*, Paris, Dunod, 1995.

DIDEROT, Denis. *Discurso sobre a Poesia Dramática* (tradução, apresentação e notas de L. F. Franklin de Matos), SP, Brasiliense, 1986.

_____. "Le Génie", in: *Oeuvres de Esthétique*, Paris, Garnier, s/d, pp. 09-20.

_____. "Éloge de Richardson", in: *Oeuvres de Esthétique*, Paris, Garnier, s/d, pp. 29-48.

DIESBACH, Ghislain de. *Madame de Staël*. Paris, Libr. Académique Perrin, 1983.

DOLMENECH, Jacques. *L'Étique des Lumières*, Paris, Vrin, 1989.

EGGLI, E e MARTINO, P. *Le Débat Romantique en France 1813-1830*, t. I, Paris, PUF, 1933.

FAYOLLE, Roger. *La Critique*, Paris, Armand Colin, 1978.

FOLKENFLIK, Vivian. "Introduction" IN: *An Extraordinary Woman: selected writings of Germanie de Staël*, New York, Columbia University Press, 1987, pp. 1-11.

GENETTE, Gérard. *Introdução ao Arquitexto*, Lisboa, Vega, 19--.

GUSDORF, Georges. *Dieu, a Nature, l'Homme au Siècle des Lumières, Les Sciences Humaines et la pensée occidentale*, vol.V, Paris, Payot, 1972.

_____. *Naissance de la Conscience Romantique au Siècle des Lumières. Les Sciences Humaines et la pensée occidentale*, vol.VII, Paris, Payot, 1976.

_____. *Le Romantisme*, vols. I e II, Paris, Payot, 1993.

_____. *Les Origines de l'Herméneutique*, Paris, Payot, 1988.

HATZFELD, Helmut A. "Madame de Staël (1766-18170)", in: *Invitation à l'explication de textes français*, 3^a ed, Munique, 1969, pp. 77-84.

HAZARD, Paul. *O Pensamento Europeu no século XVIII*, vol. II, Editorial Presença e Martins Fontes, Lisboa, 1974.

HEINE, Heinrich. *Contribuição à História da Religião e Filosofia na Alemanha*, SP, Iluminuras, 1991.

HENNING, Ian Allan. *L'Allemagne: de Mme. de Staël et la polémique romantique. Première fortune de l'ouvrage en France et en Allemagne (1814-1830)*. Paris, Ancienne Honoré Champion, 1929.

KRAUSS, Werner. Para uma Periodização da Literatura alemã do século XVIII (Aufklärung, Sturm und Drang, Classicismo de Weimar)", in: *Literatura e Sociedade Burguesa na Alemanha (Séculos XVIII e XIX)*, Introdução de Maria Antónia Amarante, 2ª ed., Lisboa, Apaginastantas, 1988, pp. 95-128.

LANSON, G. "Madame de Staël", in: *Histoire de la littérature française*, Paris, Hachette, 1968, pp. 874-885.

LÖWY, Michael e SAYRE, Robert. *Romantismo e Política*, Paz e Terra, RJ, 1993.

LOSURDO, Domenico. *Hegel et les libéraux. Liberté-Égalité-État*, Paris, PUF, 1992.

LUPPÉ, Robert de. *Les Idées Littéraires de Madame de Staël et l'Héritage des Lumières (1795-1800)*, Paris, Vrin, 1969.

MACHEREY, Pierre. "Un imaginaire cosmopolite: la pensée littéraire de Mme. de Staël", IN: *A quoi pense la littérature?*, Paris, PUF, 1990, pp. 17-36.

MAYER, Hans. "Posições Fundamentais: Mundo exterior e Mundo interior", in: *Literatura e Sociedade Burguesa na Alemanha (Séculos XVIII e XIX)*, Introdução de Maria Antónia Amarante, 2ª ed., Lisboa, Apaginastantas, 1988, pp. 67-94.

MERQUIOR, J. G. "Liberalismo clássico. 1780-1860" in: *O Liberalismo Antigo e Moderno*, RJ, Nova Fronteira, 1991, pp. 65-107.

MOREAU, Pierre. *Le Classicisme des Romantiques*, Paris, Plon, 1932.

MORNET, D. "La réaction contre la composition oratoire", in: *Histoire de la clarté française*, Paris, Payot, 1929, pp. 206-259.

MOSSÉ, Claude. *L'Antiquité dans la Révolution française*, Paris, Albin Michel, 1969.

MUELLER-VOLLMER, Kurt. "Politique et esthétique: l'idéalisme concret de Benjamin Constant, Guillaume de Humboldt et Madame de Staël", IN: *COLLOQUE DE COPPET (1980): BENJAMIN CONSTANT, MADAME DE STAËL ET LE GROUPE DE COPPET*, Paris, Jean Touzot Libraire-Editeur, 1982, pp. 453-473.

PLATÃO. *Fedro*, Lisboa, Guimarães, 1993.

POULET, George. "Madame de Staël", in: *La Conscience critique*, 3ª ed., Paris, Corti, 1986, pp. 15-25.

- _____. "Madame de Staël", in: *La Pensée indéterminée*, vol I, Paris, PUF, 1985, pp. 244-248.
- RAYMOND, Michel. *Le roman depuis la Révolution*, Paris, Armand Colin, 1981.
- ROUSSEAU, J.-J. *Julie ou la Nouvelle Héloïse*, Paris, Garnier, s/d.
- ROUSSEL, Jean. "La critique de madame de Staël" in: *Jean-Jacques Rousseau en France après la Révolution 1795-1830*, Paris, Armand Colin, 1972, pp. 315-349.
- ROUSSET, Jean. "Une Forme Littéraire: Le roman par lettres" in: *Forme et Signification*, Paris, Corti, 1962, pp. 65-103.
- SCHAERER, René. *Question platonicienne: étude sur les rapports de la pensée et de l'expression dans les dialogues*, Paris, Vrin, 1969.
- SOLOVIEFF, Georges. *L'Allemagne de Madame de Staël*, Paris, Klincksieck, 1990.
- _____. *Mme. de Staël - choix de textes, thématique et actualité*, Paris, Klincksieck, 1974.
- SOREL, Albert. *Madame de Staël*, Paris, Hachette, s.d.
- STAROBINSKI, Jean. Critique et principe d'autorité (Madame de Staël et Rousseau)", In: *Le Prérromantisme: Hypothèque ou Hypothèse?* Collection Actes Et Colloques, Paris, Klincksieck, 1975, pp. 326-343.
- _____. *A Invenção da Liberdade*. SP, UNESP, 1994.
- _____. *1789: Os Emblemas da Revolução*. SP, Cia das Letras, 1989.
- _____. "O Afastamento Romanesco", in: *A Transparência e o Obstáculo*, SP, Cia das Letras, 1991.
- SZONDI, Peter. "Le naïf et le sentimental", in: *Poésie et Poétique de L'Idéalisme Allemand*, Paris, Gallimard, 1991, pp 47-93.
- TIEGHEM, Ph. Van. "Le Prérromantisme (1760-1820)", in: *Histoire de la littérature Française*, Paris, Fayard, pp. 287-369.
- WATT, Ian. *A Ascensão do Romance*, SP, Cia das Letras, 1990.

2. ARTIGOS

BALAYÉ, Simone. Madame de Staël, Napoléon et la mission de l'écrivain. *Europe*, n° 480-481:124-137, abril-maio, 1969.

BARBERIS, Pierre. Mme. de Staël: du romantisme, de la littérature et de la France nouvelle. *Europe*, n° 693-694:6-21, jan-fev, 1969.

FAGUET, Émile. Madame de Staël. *Revue des deux mondes*. n° ? :357-394, s/d.

GAUTIER, Paul. Madame de Staël et la République en 1798. *Revue des deux mondes*, s/n°:85-113, 1 de novembro de 1899.

GUISAN, G. Mme. de Staël et la critique en Suisse romande. *Revue d'histoire littéraire de la France*, publ. pela SHLF, 66° ano(1):153-157, jan.-mar., 1966.

LEIN, Marie E. Marmontel, précurseur et inspirateur de Mme. de Staël. *Modern Philology*, LXIV, n° 4: 293-306, maio, 1967.

METCALF, Beate Maeder La théorie du roman chez Mme. de Staël. *Europe*, n° 693-694:38-47, jan.-fev., 1969.

MONCHOUX, A. Mme. de Staël interprète de Kant. *Revue d'histoire littéraire de la France*, publ. pela SHLF, 66° ano(1): 71-84, jan.-mar., 1966.

MORTIER, Roland. Philosophie et religion dans la pensée de Madame de Staël. *Rivista di Letteratura Moderna e Comparate*, v. 20, fasc. 3-4:165-166, 1967.

3. OBRAS DE REFERÊNCIA

DICIONÁRIO CONTEMPORÂNEO DA LÍNGUA PORTUGUESA, Caldas Aulete, RJ, 4ª ed., Ed. Delta, 1958.

DICTIONNAIRE ALPHABÉTIQUE ET ANALOGIQUE DE LA LANGUE FRANÇAISE, 9 Vols., Paul Robert, 12ª ed., Paris, 1985.

DICTIONNAIRE DE LA LANGUE FRANÇAISE, 4 Vols., Paul Émile Littré, Paris, 1964.

LAROUSSE, Col. Apollo, Paris, 1957.

NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, RJ, Nova Fronteira, 14ª ed., s.d.